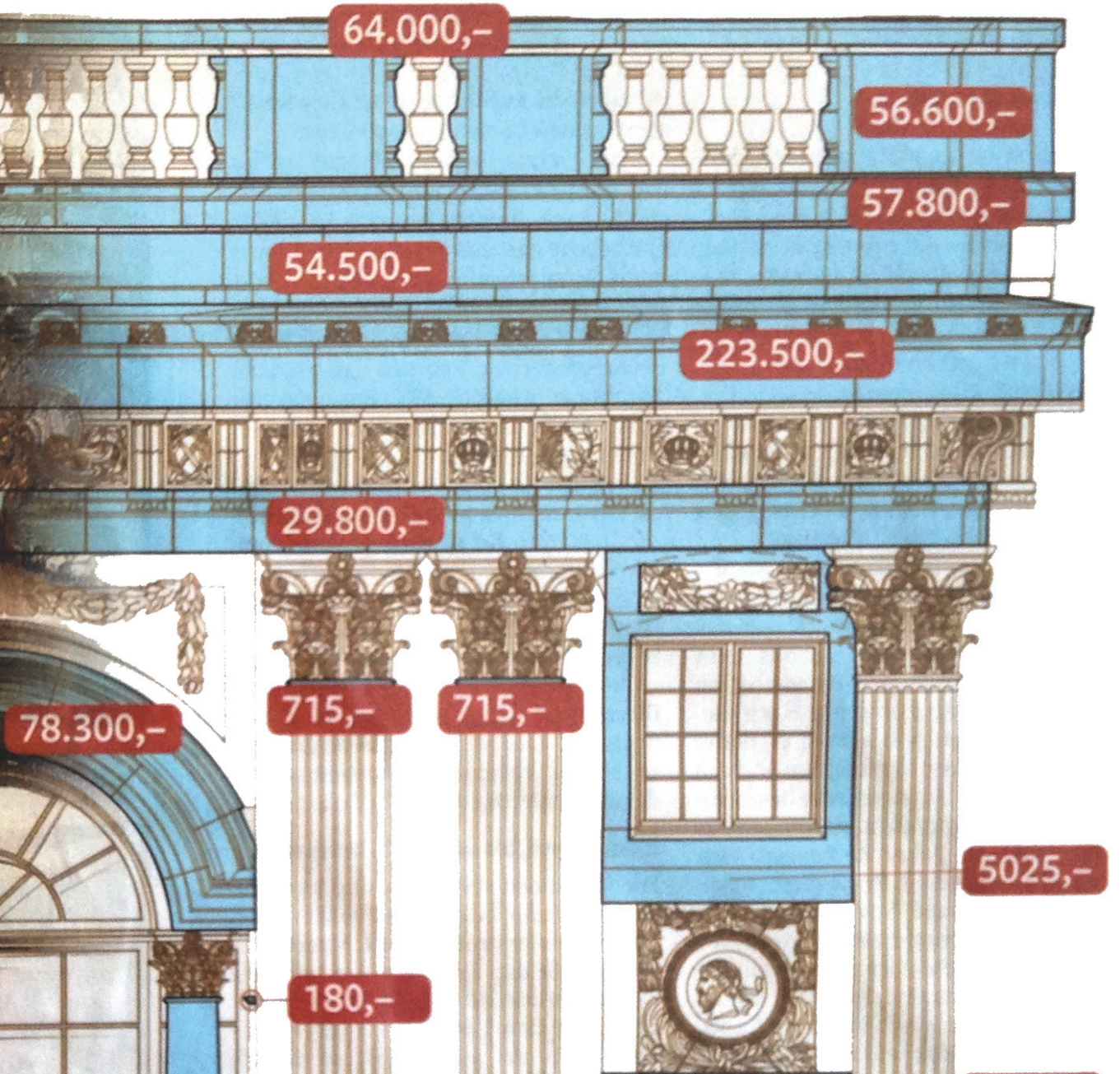
Reconstrução do Castelo de Berlim

Construção do Humboldt-Forum

Gabriela Goelzer Bacelar



Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho Final de Graduação

Reconstrução do Castelo de Berlim
Construção do Humboldt-Forum

Gabriela Goelzer Bacelar
Orientador: Renato Cymbalista
junho de 2016

Este trabalho representa apenas uma pequena fase neste longo e proveitoso percurso que foram os últimos seis anos e meio na fauusp. O que é aqui apresentado não teria sido possível sem o apoio de meu orientador, Renato Cymbalista, cujas palavras de incentivo me encorajaram a seguir em frente. Também agradeço as conversas e conselhos dados pelos sempre presentes professores Ana Lanna, Beatriz Kühl e Silvio Oksman.

Agradeço aos meus pais pela confiança em minhas escolhas e trajetória. A sua segurança me permite ter liberdade para grandes ambições.

Aos queridos companheiros de fauusp, agradeço pelos seis anos repletos de aventuras. Gabriela Lotuffo, Larissa Oliveira, Tadeu Lara Baltar da Rocha, Tiê Higashi, Barbara Trojer e Sávio Jobim: com vocês aprendi as verdadeiras lições de arquitetura.

A todos aqueles que ouviram meu desespero perante ao futuro incerto, agradeço a paciência! São eles: as incríveis compañeras de piso Silvia, Laura e Irene, e também a querida equipe do Museu da Cidade.

Endlich, bedanke ich meine liebe Familie aus Berlin: Martha, Lucas, Débora, Inés, Stéphane, Clemence, Alice und Gonzalo, ihr habt mir geholfen, diese unfassbar Stadt zu entdecken. Jetzt kann ich endlich sagen: genug mit dem Palast der Republik!

Índice

Introdução *07*
De Castelo a Palácio *17*
O caminho da reconstrução *29*
O concurso *59*
O projeto vencedor *73*
O Humboldt-Forum *117*
Considerações finais *133*
Anexos *143*
Glossário de nomes *161*
Referências *169*
Referências de imagens *181*

Introdução

Poucos temas despertam mais controvérsia no debate sobre a arquitetura e urbanismo do que as reconstruções. Elas são utilizadas muitas vezes como formas mantenedoras dos meios materiais da sociedade. Um patrimônio monumental, como qualquer bem edificado, corre risco de existência, e, diante da perda, que muitas vezes vem de forma inesperada ou inevitável, surge o desejo de reparação. A reconstrução pode ser uma resposta para curar feridas da consciência ou da cumplicidade coletiva (García Cuetos, 2004).

O presente Trabalho Final de Graduação analisa uma reconstrução atualmente em curso na cidade de Berlim, capital da Alemanha. Trata-se do Berliner Stadtschloss, ou Castelo de Berlim, edifício construído a partir de 1443 e demolido em 1950. Esta obra se insere em um contexto de reconstruções realizadas na Europa do pós-guerra, e no caso específico desse país, após a Reunificação de 1990.

Especialmente após a Segunda Guerra Mundial, nota-se que um grande número de cópias proliferaram nas mais diversas cidades do mundo, pois naquele momento a possibilidade de reerguer edifícios destruídos pelo conflito ganhou amplo apoio governamental em

diversos países europeus. Por outro lado, quando se observa o meio profissional, constata-se uma forte recusa a réplicas arquitetônicas ou arqueológicas (Hernández Martínez, 2007:63).

O principal questionamento por parte dos restauradores sobre a validade da ação da reconstrução é que a matéria readquirida pelo monumento através dela jamais será a original (Souza, 2009a). Assim, a disparidade entre a teoria do restauro e a realidade da prática evidenciam uma grande contradição.

Para melhor compreender o porquê da recusa, é necessário analisar alguns documentos, entre eles as cartas patrimoniais. Estas são textos concisos que sintetizam pontos em torno dos quais especialistas do patrimônio concordaram e oferecem indicações de caráter geral para a prática da disciplina. É importante ressaltar que elas são expressões de posicionamentos que prevalecem em determinado momento histórico e que seu caráter é indicativo ou, no máximo, prescritivo.

A Carta de Veneza é fruto do II Congresso Internacional de Arquitetos e de Técnicos de Monumentos Históricos, realizado em Veneza em 1964. Ela se relaciona com um momento histórico de criação e consolidação da organização internacional voltada para conservação e proteção do patrimônio cultural (Icomos, International Council on Monuments and Sites). Nesta carta se busca delimitar fundamentos de modo a guiar profissionais da área da preservação do patrimônio histórico.

Ela contém uma série de princípios guia ou diretrizes. Não apresenta, portanto, regras ou um receituário para a sua aplicação. Cada caso particular deve interpretar essas noções, com base nas colocações gerais da Carta e na discussão que a envolve. Não se deve entendê-la de maneira literal, restritiva e redutora (Kühl, 2010:289).

O artigo 15º da Carta de Veneza, quando trata de escavações, também cita o tema da reconstrução:

> *"Todo trabalho de reconstrução, portanto, deverá ser excluído a priori, admitindo-se apenas a anastilose, ou seja, a recomposição de partes existentes, mas desmembradas. Os elementos de integração deverão ser sempre reconhecíveis e reduzir-se ao mínimo necessário para segurar as condições de conservação do monumento e restabelecer a continuidade de suas formas." (Carta de Veneza, 1964)*

A partir das experiências do patrimônio monumental realizadas no século XIX, o texto deixa claro que construção de cópias não são ações admitidas no âmbito da preservação. Somente a anastilose é permitida, ou seja, o reagrupamento de partes existentes, utilizando, se necessário, de novos materiais, desde que estes sejam reconhecíveis. A Carta de Veneza identifica assim monumentos como documentos históricos, que não são reproduzíveis. Como Kühl (2015:293) afirma, segundo a Carta, "refazer um bem desaparecido equivale a falsificar um documento".

O que torna esta Carta tão importante é que nenhum outro documento foi feito para substituí-la. Isto porque seus princípios ainda são considerados válidos, o que porém não a livra de questionamentos:

> *"A Carta de Veneza permanece um texto basilar. É um documento sintético, cujas indicações – desde que devidamente reinterpretadas para a realidade contemporânea, levando em conta a ampliação daquilo que passou a ser considerado bem cultural – continuam válidas para enfrentar as questões ligadas à preservação de monumentos históricos. Deve ser lida, sempre, em sua inteireza, considerando sua base teórica – e também suas limitações –, analisando-a de maneira não-restritiva, de modo a alargar seu conteúdo semântico e dilatar sua compreensão de maneira fundamentada." (Kühl, 2010:317)*

Ela foi considerada, por muitos países, com princípios limitados e assim serviu de base também para a criação de documentos nacionais que a adaptam para o seu meio. A Carta de Burra, por exemplo, um guia elaborado em 1980 pelo ICOMOS da Austrália para a conservação e gestão de sítios de significação cultural, não recusa reconstruções de forma absoluta. Mas até mesmo neste caso, em que elas são aceitas, o documento aponta que esta intervenção deverá ser feita com materiais diferentes, de modo a não confundir o observador:

> *"A reconstrução será o restabelecimento, com o máximo de exatidão, de um estado anterior conhecido; ela se distingue pela introdução na substância existente de materiais diferentes, sejam novos ou antigos. A reconstrução não deve ser confundida nem com a recriação, nem com a*

reconstituição hipotética, ambas excluídas do domínio regulamentado pelas presentes orientações" (Carta de Burra,1980)

Assim, as recomendações internacionais tomam um partido claro: deve-se distinguir especificamente, sem possibilidade de confusão, a diferença entre o novo e o velho, entre a matéria original e a incluída no processo de restauração.

O princípio básico é não cair no "falso histórico", ou seja, quando a cópia tem uma força que faz o observador esquecer sua verdadeira natureza de fac-símile, sobrepondo-se ao original desaparecido e apagando o passar do tempo entre ambos.

A noção de "falso histórico" está diretamente relacionada com a ideia de autenticidade. Na Carta de Veneza, como apontado por Kühl (2010:306), a autenticidade é entendida como "respeito pela configuração da obra e pela sua materialidade, como transformadas ao longo do tempo".

Françoise Choay (1995) também escreve sobre autenticidade relacionada com a prática do patrimônio histórico. A autora aponta a dificuldade do uso da palavra autenticidade devido as complexas associações que o termo teve ao longo da história. No século XIX, a disciplina teórica e prática da restauração de monumentos se desenvolve e traz para o seu meio o conceito de autenticidade do mesmo modo que é utilizado pelas disciplinas de história da arte e arqueologia. A ação, segundo a autora, é feita de modo imprudente uma vez que o termo acaba assumindo um único significado, que não se altera ao longo do tempo. Ou seja, nessa perspectiva, toda a reconstrução é por definição inautêntica. Choay (2015) afirma que, no campo da preservação e da restauração, o conceito de autenticidade somente pode funcionar de maneira limitada, de modo marginal e relativo. Assim, pode-se distinguir a reconstrução de um "monumento histórico", que é falsa, da reconstrução ritual de um "monumento", ato de interesse para a cultura.

Já a UNESCO considera autêntico o objeto em todas as suas fases desde sua criação. A autenticidade de um bem depende dos seguintes atributos: forma e desenho; materiais e substância; uso e função; tradições, técnicas e sistemas; localização e espaço; língua e outras formas de patrimônio intangível; espírito e sentimento; e outros

fatores externos e internos. Essa definição ampla permite inclusive que a instituição reconheça reconstruções, como é o caso do centro histórico da cidade polonesa de Varsóvia, como patrimônio da humanidade.

Alinhando-se com este último conceito, a historiadora Pillar García Cuetos (2004:53) aponta que é difícil determinar autenticidade somente como dependente direto da conservação da matéria do monumento. Ela afirma que a autenticidade não corresponde a um autor ou a uma época passada, mas sim à totalidade de seus significados no presente.

A historiadora Ascensión Hernandez Martínez vai mais longe, e em seu livro La clonación arquitectónica (2007), afirma que o crescente número de cópias faz subverter a teoria da negação da áurea da obra de arte como efeito da sua reprodução proposta por Walter Benjamin em 1936. Segundo o filósofo, a cópia anula o caráter original da obra de arte (sua aura). Segundo Hernández Martínez (2007:116), porém, a reconstrução de certas obras arquitetônicas atualmente fazem o contrário: elas a reforçam, materializando a memória coletiva e transcendendo o valor documental e histórico para se transformar em um mito do passado que cobre as desilusões do presente. Assim:

> *"Se consideráramos que a proliferação de cópias é algo natural no nosso tempo e, portanto, característico de nossa sociedade, tenderemos a acabar aceitando que tão autênticas são as obras originais do passado como os clones arquitetônicos do presente, já que ambos, em seu tempo, respondem a contextos históricos culturais precisos e reais." (Hernández Martínez, 2007:116)*

Assim, pode-se concluir que o conceito de autenticidade é muito complexo, e que nenhum monumento é "autêntico" no sentido absoluto do termo. A concepção de autenticidade é relativa, varia de acordo com as culturas e com a evolução das ideias e sensibilidade dentro da mesma.

Esses autores nos permitem identificar, portanto, duas vertentes da problemática da reconstrução: a conceituação de autenticidade; e a busca pela compreensão das razões da cópia, do contexto em que esta se insere. Observa-se que cópias arquitetônicas encontram

seu propósito em ambientes de busca de sentido em referências do passado, o que torna relativo o conceito de autenticidade. Assim sendo, mais importante do que se considerar a originalidade de uma cópia, é analisar sua função social e cultural. Como conclui García Cuetos (2004:59), "toda reconstrução arquitetônica precisa, inevitavelmente, de representação social."

O grande número de cópias arquitetônicas que se proliferaram no mundo, faz necessário que o fenômeno seja encarado com juízo crítico. Uma vez que elas são um recurso político e cultural, deve-se debater sua função como elemento representativo e o papel que dela faz a sociedade contemporânea.

Para reconhecer os valores culturais que viabilizam a prática da reconstrução, é necessário entendê-la em seu contexto cultural específico. No caso da Alemanha, país estudado nesta pesquisa, a construção de cópias encontra-se presente desde os primórdios dos estudos sobre patrimônio, estando fortemente ligada à formação da identidade nacional (Souza, 2009a). Especialmente após a Reunificação de 1990, vem carregada de um desejo de construção, ou de busca de representação, de unidade nacional e de identidade cultural.

Projetos de reconstrução de edifícios barrocos destruídos na Segunda Guerra Mundial se disseminaram pelo país, especialmente em Wismar, Frankfurt, Munique e Potsdam. Um dos mais emblemático caso é o da Frauenkirche, localizada em Dresden. Concluída em 1743, a igreja com cúpula de arenito projetada por Georg Bähr era um dos marcos da paisagem da cidade e uma obra prima arquitetônica de sua época. Em fevereiro de 1945, a cidade de Dresden foi alvo de fortes bombardeios que não só destruíram a cúpula da Frauenkirche mas também abalaram grande parte das edificações da cidade, além de deixar inúmeras de vítimas. As ruínas do templo foram, por mais de 40 anos, o símbolo da destruição sofrida na guerra. A Reunificação trouxe um enorme movimento pela reconstrução da cidade, sendo a igreja o caso emblemático. A arrecadação de recursos para a obra contou com diversas contribuições da comunidade local, além de investidores nacionais e internacionais. A construção se iniciou em 1994 com a proposta de reconstrução total do edifício em sua matéria original, quando existente. A mais alta tecnologia foi utilizada para a reconstrução, o que não só facilitou a obra como também garantiu a

melhor estabilidade da estrutura.

O Castelo de Berlim, cuja reconstrução é estudada neste trabalho, começa a ser construído a partir de 1443 e atinge a sua forma final em 1853. Ele foi produto dos melhores construtores que a cidade produziu, sendo que seu exterior barroco, finalizado em 1716, é considerado uma obra prima por muitos historiadores. A edificação servia de residência à família Hohenzollern, eleitores do Sacro Império Romano, que utilizou a construção como forma de afirmar seu poder sobre as cidades de livre comércio Berlin e Cölln. Ao longo dos anos, o poder político e militar dos Hohenzollern cresceu e a mancha urbana ao redor do Castelo, denominada Berlim desde 1709, se expande, firmando-se como capital do Império Prussiano.

Apesar do fim da monarquia em 1918, o edifício se mantém como elemento significativo da paisagem central da cidade. No final da Segunda Guerra Mundial, enquanto Berlim é tomada pelos Aliados, bombardeios afetam cerca de 75% da estrutura do edifício. Com a divisão da cidade em setores, o Castelo passa a pertencer ao setor soviético e futuramente, à nova Alemanha Oriental. Sua presença não combina com os planos de cidade comunista da nova Berlim, em 1950, ele é demolido sobre o pretexto de ser um símbolo do feudalismo.

O local passa a ser utilizado para demonstrações públicas, até que em 1973 é concluído o edifício do Palácio da República. Com sua arquitetura marcante, a nova construção se configura como um ponto central do cotidiano da Berlim Oriental. Além de ser um centro do governo, o local era um importante ponto de encontro e de lazer da cidade. O destino do edifício muda dramaticamente em 1990, quando, após a votação pela Reunificação das duas Alemanhas, foi detectado que a antiga Casa do Povo de Berlim Oriental estava contaminada com amianto e seu fechamento é realizado imediatamente. Assim, o Palácio da República é destinado a 15 anos de interdição.

Começa uma longa e controversa batalha sobre o futuro do terreno no coração de Berlim. A discussão mobilizou, e ainda mobiliza, a classe intelectual e política da capital. Que edifício deveria ocupar aquele local?

O grupo a favor da reconstrução do Castelo de Berlim consegue sua primeira vitória em 2002, quando Parlamento Alemão vota pela

demolição do Palácio da República e a reconstrução de um edifício que possuiria três fachadas externas iguais às do antigo Castelo de Berlim.

Entre 2006 e 2008, é realizada a demolição do Palácio da República e, em seguida, lança-se um concurso de arquitetura para decidir o edifício que ocupará o vazio deixado no centro da cidade. O projeto escolhido, do arquiteto italiano Franco Stella, previsto para ser inaugurado em 2019, receberá o nome de Humboldt-Forum. O novo complexo cultural, que está em construção desde 2013, será sede do Museu Etnológico de Berlim, de parte da Biblioteca Central e Regional e de instalações da Universidade Humboldt. Até a conclusão deste trabalho, o projeto estava estimado em 590 milhões de euros, sendo que 80 milhões serão coletados através de doações da população para a reconstrução dos elementos das fachadas.

O tema aqui pesquisado se justifica por diversas razões, a primeira sendo a própria importância da obra atualmente em curso. Este será o mais importante e mais caro projeto cultural da Alemanha e consequentemente da Europa no início do século XXI. O tema invoca questionamentos sobre a memória, a identidade e a imagem da nova Alemanha, da cidade de Berlim e de sua sociedade. Mesmo assim, a questão não parece ser analisada com a devida profundidade.

Este Trabalho Final de Graduação não pretende criar soluções para polêmica sobre a reconstrução do Castelo de Berlim e/ou construção do Humboldt-Forum. Seu objetivo é servir como instrumento para alimentar a discussão, de modo a alcançar novos interlocutores e enriquecer o debate.

O presente trabalho se divide em cinco capítulos que buscam, através de uma análise cronológica, descrever os eventos e as sucessivas disputas que culminaram na atual reconstrução.

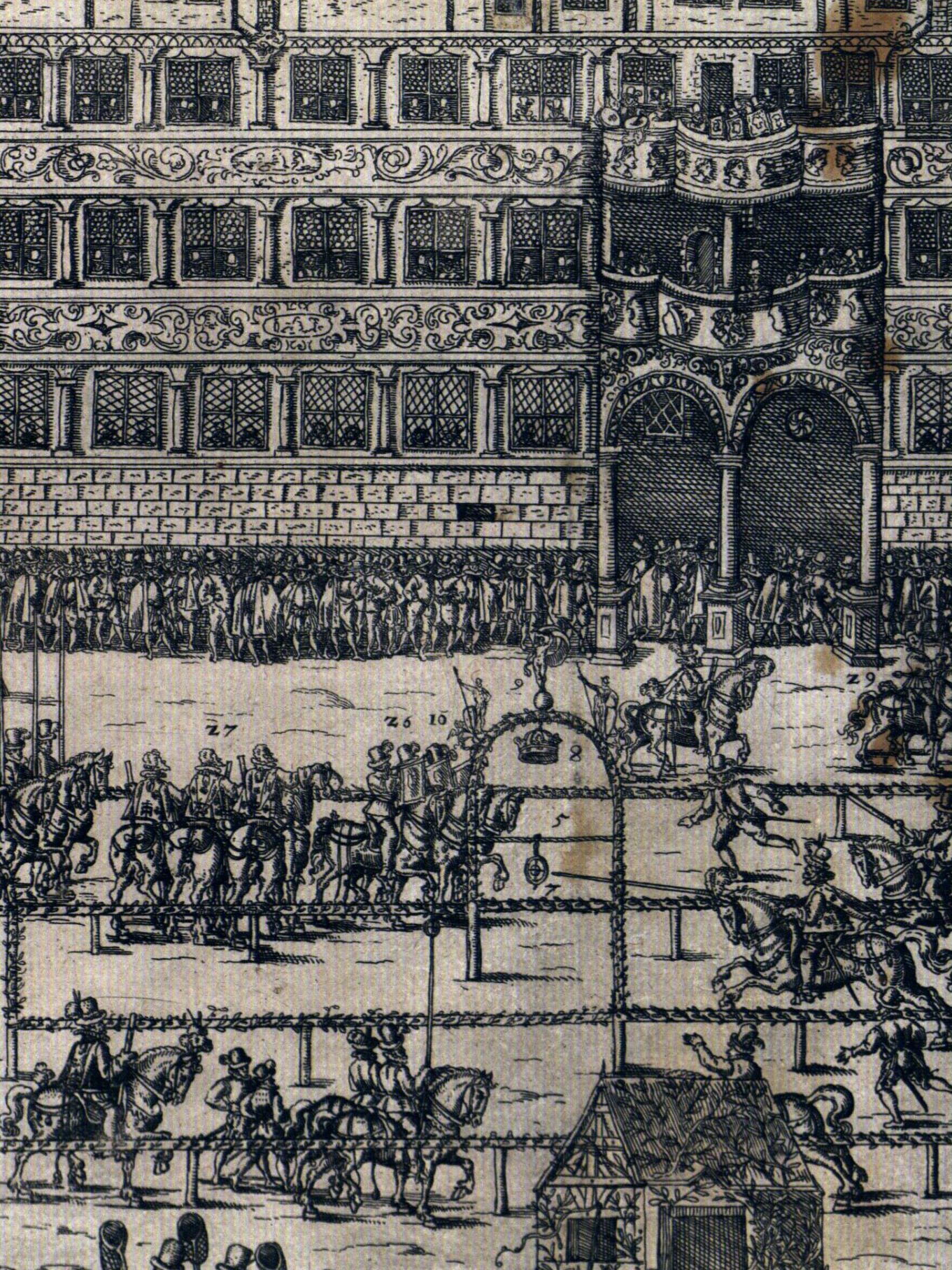
O primeiro capítulo, "De Castelo à Palácio", analisa o período entre 1443 até 1990, ou seja, abrange o momento da construção do Castelo de Berlim até a Reunificação da Alemanha. O segundo, "O caminho da reconstrução", problematiza o período de 1990 até 2007, ou seja, as articulações e os desdobramentos do grupo a favor da reconstrução do Castelo. O capítulo seguinte, "O concurso", recupera em detalhe o período de 2007 e 2008, e a compreender todas controvérsias que envolveram a competição que decidiu o edifício que irá abrigar o

Humboldt-Forum. O capítulo "O projeto vencedor", discorre sobre o projeto do italiano Franco Stella, além de investigar os fatos decorridos entre 2008 até o momento. Por fim, o capítulo "Humboldt-Forum" é uma análise do programa do edifício e de seus desafios.

Como referências bibliográficas, além de textos de pesquisadores que também estudam o caso, foram utilizadas como fontes principais notícias e reportagens de quatro jornais e de uma revista alemã no período de 1990 até a data de impressão deste trabalho. Foram eles: o jornal conservador de circulação nacional Die Welt e seu parceiro de circulação regional Berliner Morgenpost; o jornal de esquerda de circulação regional Die Tageszeitung, o jornal liberal de circulação regional Der Tagesspiegel; e a revista de esqueda liberal de circulação nacional Der Spiegel. Foram frequentes também as buscas em outras publicações de circulação internacional, com o objetivo de analisar os fatos sob as diferentes perspectivas, sendo assim possível também identificar os agentes e seus interesses ao longo dos anos.

Por se tratar de uma pesquisa muito focada na história e política alemã, em muitos momentos é necessário contextualizar o leitor. Para isso, ao longo do texto foram incluídas notas que possuem também observações sobre a tradução de certos termos frequentemente utilizados. O período de mais de 25 anos que a pesquisa é povoado por diversos personagens, principalmente políticos. Para facilitar a leitura, um pequeno glossário de nomes foi incluído no fim do trabalho. No anexo, também estão presentes os desenhos arquitetônicos do futuro Humboldt-Forum.

A pesquisa traduziu o termo Berliner Stadtschloss para o português como Castelo de Berlim. Essa denominação é sempre utilizada para se referir ao edifício existente entre o século XV (fortificação medieval) até 1950 (palácio barroco). O termo Palast der Republik foi traduzido como Palácio da República, edifício que existiu no centro da capital alemã entre 1972 e 2008.


z7
z6
10
9
8
5
7
z9

De Castelo a Palácio

O surgimento das cidades independentes de Berlin-Cölln se dá oficialmente em 1237[1]. Perto dali, na cidade de Spandau[2], localizava-se os fortes dos marqueses de Brandenburg. O principado fundado em território eslavo era comandado por marqueses escolhidos como príncipes eleitores[3] do Sacro Império Romano, papel desempenhado pela família Hohenzollern a partir de 1417. Em 1443, o príncipe eleitor Friedrich II decide expandir sua influência na região e inicia a construção do que viria a ser o Castelo de Berlim.

Para afirmar seu poder diante das duas cidades, além de controlar o comércio que passava pelo rio Spree, a construção foi localizada diretamente às margens do rio e ao norte do muro que delimitava a cidade de Cölln. O descontentamento popular com a presença do Castelo foi grande, afinal, as cidades de comércio livre, como Hamburg e Lübeck, eram as que mais prosperavam nesse período. Uma revolta destruiu a construção quatro anos

1. A atual Berlim surge a partir de duas cidades livres, Berlin e Cölln, esta última fundada em 1237. Ao longo dos anos, as duas formaram fortes laços econômicos e sociais. Suas administrações, contudo, se mantiveram independentes. Com a construção do Castelo de Berlim, elas são forçadamente unificadas por completo, sendo Berlin-Cölln transformada em capital do principado de Brandenburg.

2. Cidade oficialmente fundada em 1232, é anexada à Berlim em 1920 como um de seus 12 distritos.

3. Os príncipes eleitores faziam parte do colégio eleitoral do Sacro Império Romano. Considerados os mais importantes donos de terras do Império, eles possuíam o privilégio de eleger o Imperador. Com a dissolução desse em 1806, o título de Eleitor parou de ser utilizado.

Castelo de Berlim em 1592, primeira evidencia visual do edifício, em seu formato renascentista.

após seu início. Friedrich II., também conhecido como Dente de Ferro, reprime a população com violência, impondo o poder dos Hohenzollern. As obras se reiniciam sem interrupções, até que em 1451, o príncipe eleitor faz de Berlin-Cölln sua residência oficial.

Tal construção já contém características e elementos importantes que marcam o seu destino. Primeiro, a área que a fortificação ocupa se manteve a mesma até 1950. Segundo, a ponte que fazia uma conexão direta entre o Castelo e o outro lado do rio Spree existe até hoje e marca o início da expansão urbana para o oeste.

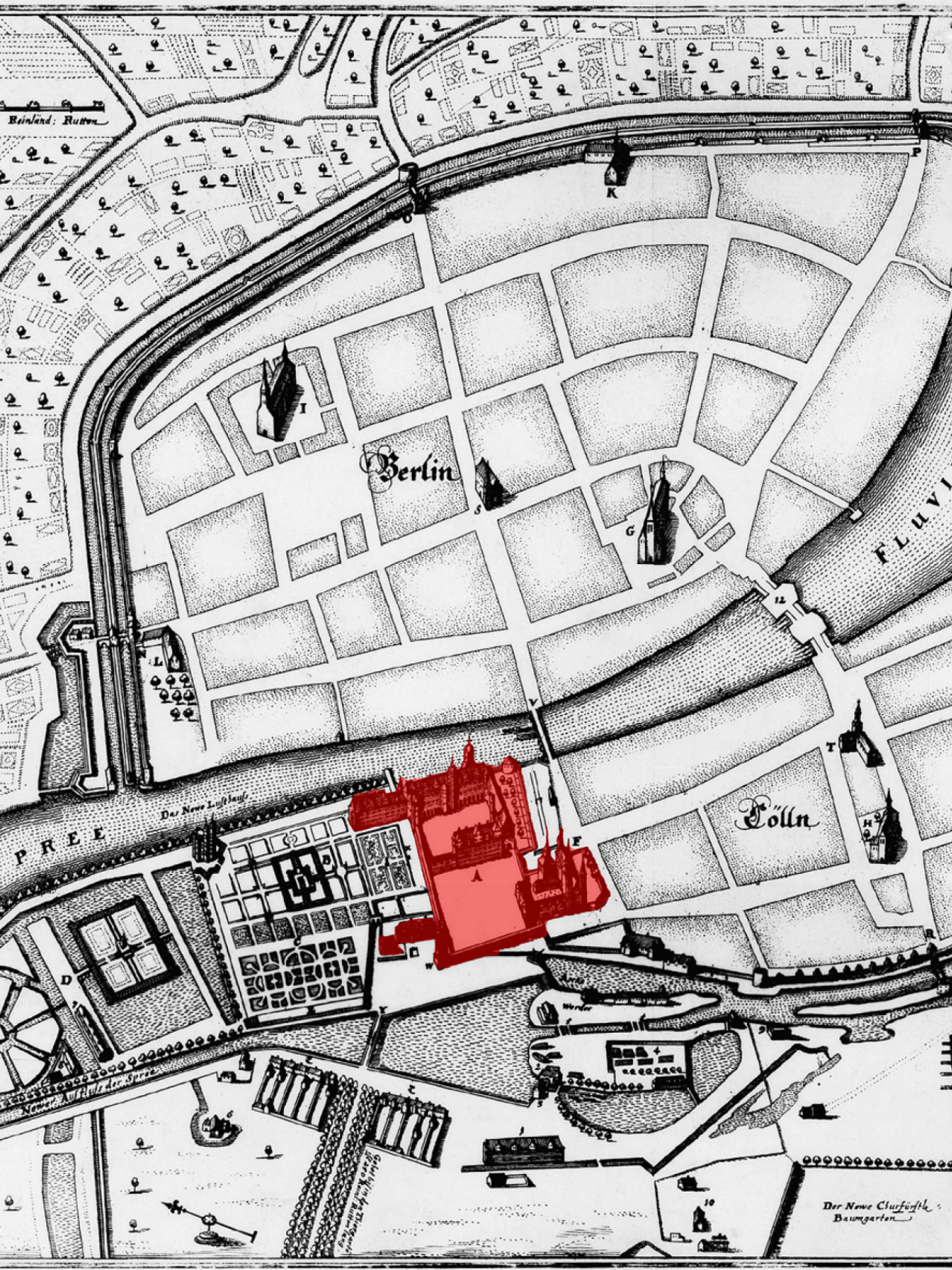
Em 1540, o príncipe eleitor Joachim II, primeiro protestante entre os Hohenzollern, reconstrói o edifício a partir de um plano de seu antecessor. O projeto visava reformar a antiga construção para o estilo renascentista. Este é o primeiro formato do edifício do qual se tem evidências visuais (imagem que abre este capítulo).

No século XVII, o Eleitorado de Brandenburg[4] emerge como uma das mais importantes principalidades germânicas, mesmo período em que o príncipe eleitor Friedrich Wilhelm, conhecido historicamente como o Grande Eleitor, assume o trono. Em 1646, é construído o Lustgarten, ou Jardim dos Prazeres, posicionado a norte do Castelo e em conexão com o seu pátio interno. Além disso, os Hohenzollern, através de medidas diplomáticas e militares, conseguem expandir os territórios sob seu controle. Em 1647, constrói-se um boulevard que parte da ponte do castelo em direção aos campos de caça do regente, o Tiergarten. Nele foram plantadas seis fileiras de árvores e o eixo foi denominado Unter den Liden (Sob as Tílias). Esta avenida integra até hoje o centro oeste da cidade, que se estende até o Estádio Olímpico.

Em 1688, a cidade prosperava. O regente Friedrich III. introduz a construção de diversos edifícios representativos. A partir de 1695 inicia as obras da Zeughaus[5], um edifício

4. O Principado de Brandemburgo é considerado um dos principais do Sacro Império Romano. Fundado em território eslavo, seus marqueses foram importantes príncipes-eleitores do Império, o que fez com que o principado fosse também conhecido como Eleitorado de Brandemburgo.
5. O Arsenal, edifício localizado no boulevard Unter den Linden, é construído entre 1695 e 1730, atualmente é sede do Museu Histórico Alemão. Sua construção foi em parte realizada pelo arquiteto Andreas Schlüter.

Berlin Cölln em 1652. Do lado esquerdo do Castelo (destacado) é possível identificar o Lustgarden, e embaixo, o boulevard Unter den Linden.


Berlin
Cölln
FLUVI
PREE
Der Newe Lust Hauß
Der Newe Churfürstl. Baumgarten

para abrigar armamentos e equipamentos do exército. Ao mesmo tempo, promove a construção de um castelo de verão, a cinco quilômetros descendo o rio Spree, posteriormente conhecido como Schloss Charlottenburg. O rei já planejava também a reforma do Castelo de Berlim, para que este se equiparasse a construções das grandes metrópoles da Europa. Para isso, contrata o arquiteto Andreas Schlüter, que já havia trabalhado no projeto do Zeughaus. O projeto, apresentado em 1698, é composto por um edifício compacto, formado por quatro alas e um pátio interno, com fachadas uniformes e ritmadas.

Em 1701, é criado o Reino da Prússia, a partir da união entre o Ducado da Prússia e o Eleitorado de Brandemburgo. A Prússia assim se torna um dos estados mais importantes da Europa e o Príncipe Eleitor é elevado a Rei na Prússia, transformando-se em Friedrich I. O anúncio de seu novo título é seguido por uma marcha triunfal até Berlin-Cölln, que culminava no recém construído Portal I do Castelo, que tinha arquitetura inspirada no Palazzo Madama de Roma[6]. As obras são finalizadas somente na metade do século XVIII. O projeto é marcado pelo interior majestoso, com grandes escadarias e salões ornamentados. O trabalho de Schlüter é reconhecido hoje como uma das grandes obras de arquitetura barroca do norte da Europa, extremamente escultórica porém mais contida que o barroco do sul. O edifício recebeu diversos admiradores e críticos chegando a ser considerado por alguns, como o escritor Karl Scheffler, "o monumento do século" (Wolters, 1978 apud Haubrich, 2012:28).

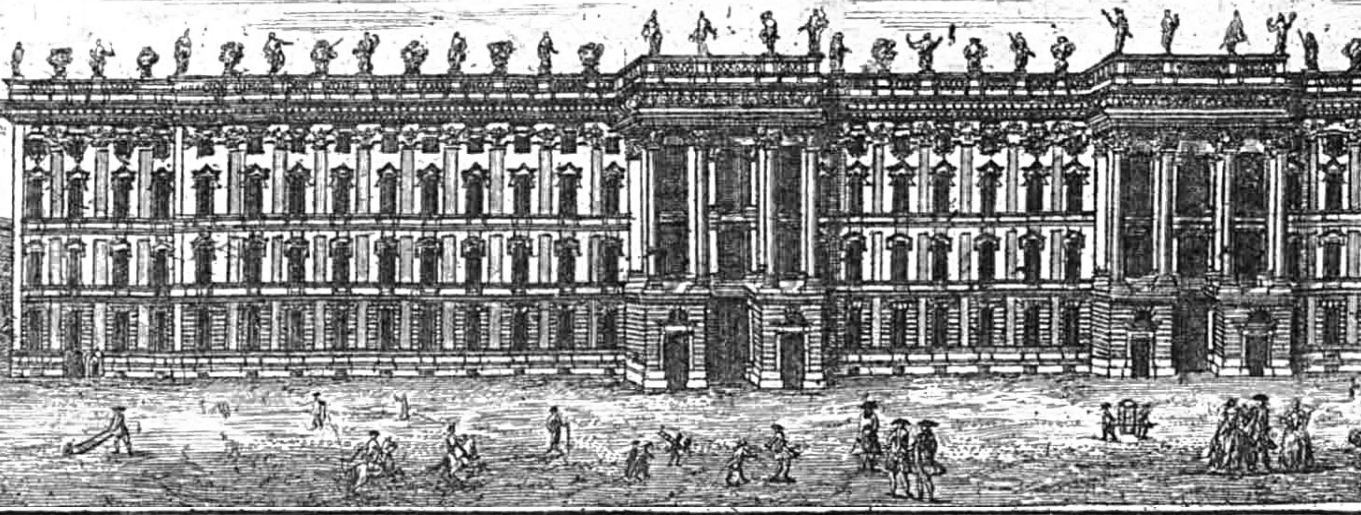
Em 1706, Schlüter é retirado do projeto e este é assumido por Johann Friedrich Eosander von Göthe. Ele inclui na construção um segundo pátio interno, prolongando a fachada de Schlüter, além de inserir um grande portal na fachada oeste, nos moldes do arco do triunfo de Sétimo Severo em Roma[7]. O projeto incluía

6. Palácio italiano concluído em 1505. Atualmente é sede do Senado da República Italiana.

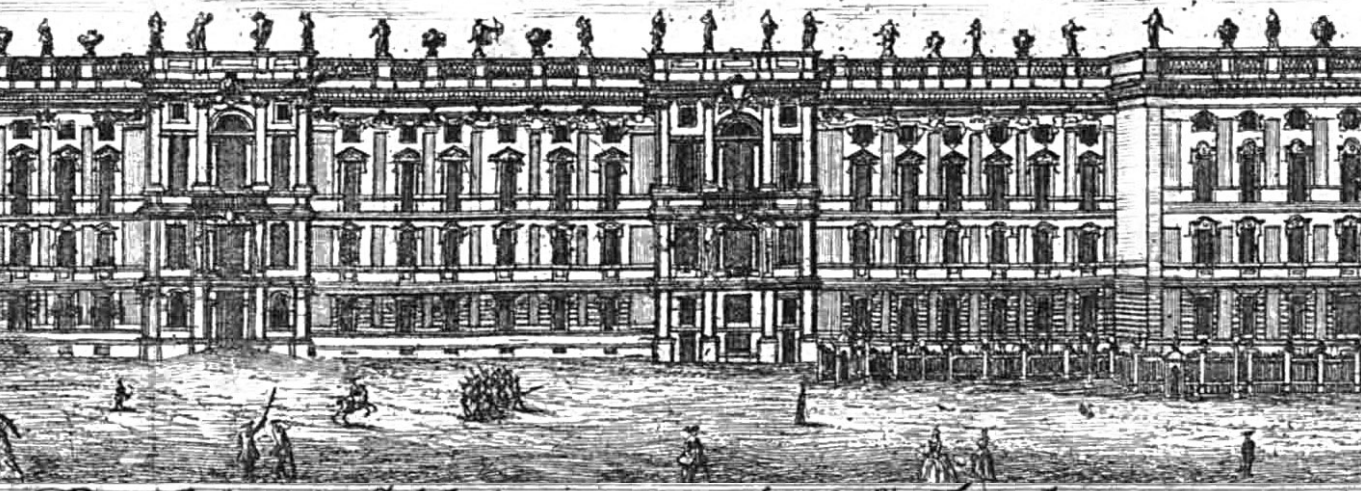
7. Arco triunfal presente na área noroeste do Fórum Romano.

As fachadas sul, norte e oeste do Castelo de Berlim 1757, após o fim das obras de Eosander. Nota-se na fachada sul o portal inspirado no arco do triunfo de Sétimo Severo.

Das Königl. Residenz-Schloss in Cölln, wie sich solches gegen die Breite Stra



Das Königl. Residenz-Schloss, wie sich solches nach dem Parade-Platz p



Das Königl. Schloss, von der Schloss-Freiheit her, an zusehen.

também uma cúpula, que não foi realizada.

Em 1709, as pequenas cidades sob domínio dos Hohenzollern nas mediações de Berlin-Cöln são unidas e transformadas em uma única, denominada Berlim.

Em 1716 a forma final externa do Castelo já havia sido atingida. Os interiores, por sua vez, eram constantemente alterados a partir de projetos de grandes arquitetos de cada época. Já a cúpula teve sua construção iniciada somente um século e meio depois, entre 1845 e 1853, por ordem de Friedrich Wilhelm IV. O elemento de cerca de 70 metros de altura foi projetado por August Stüler em uma tentativa de manter a fachada do palácio ainda imponente sobre uma cidade em rápido crescimento (Ladd, 1997:52).

Em 1918, após a Primeira Guerra Mundial, o Império Alemão entrou em colapso e o Imperador se exilou na Holanda, deixando o Castelo de Berlim sem sua função principal de residência. Inicialmente, uma divisão da Marinha ocupa o edifício para protegê-lo de vândalos. Com a estabilidade política atingida na República de Weimar[8], o Estado encontra diversas destinações para as mais de 1000 salas do Castelo. Algumas eram disponibilizadas para eventos, outras para escritórios e laboratórios de pesquisa. A cozinha tornou-se restaurante universitário e alguns quartos serviram inclusive como moradia estudantil feminina. Nos salões nobres foram instaladas a coleção do Museu de Artes Decorativas (Kunstgewerbemuseum). Não foram realizadas mudanças que afetassem a identidade do edifício e o uso como espaço expositivo continuou durante o governo nazista.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Castelo é mantido intacto até que, em maio de 1945, fortes bombardeios à cidade causam danos profundos na edificação, afetando cerca de 75% de sua estrutura. Isso não impediu a sua utilização como espaço expositivo nas salas remanescentes. No verão de 1946 foi inaugurada a primeira mostra no

8. República estabelecida na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial (1919 - 1933). Seu sistema de governo era de uma democracia representativa semi-presidencial. Foi dissolvida com a ascensão do regime nazista.

Interiores do Castelo de Berlim quando funcionava em parte como museu, durante a República de Weimar.

Salão Branco, com o título "Berlim Planeja - Primeiro Relatório", de projetos para a reconstrução da cidade. Esta foi seguida de algumas outras, até 1948. Era um sinal de esperança em uma cidade completamente destruída, desprovida de galerias e museus (Haubrich, 2012:36).

Com a divisão da cidade em setores, o edifício fica sob o domínio soviético e os planos de reconstrução da cidade, iniciados em 1950, o afetam diretamente. Os novos governantes buscavam a criação de um centro de cidade à imagem e semelhança do comunismo e viam no Castelo um símbolo feudal a ser combatido. Em um discurso para o congresso, Walter Ulbricht, líder do Partido Socialista Unificado, declara que o centro da capital, local das ruínas do antigo Castelo, estaria destinado a uma grande praça para demonstrações públicas. Assim, em 23 de agosto de 1950, foi decretada a sua demolição. Diversos críticos fazem apelos para que pelo menos parte do edifício fosse poupado. Entre eles, Richard Hamann, diretor do Instituto de História da Arte da Universidade de Humboldt, afirma:

> *"Mesmo das ruínas ele se mantém: ainda com uma fascinante força e monumentalidade. Um representante do barroco específico do norte da Alemanha, que se equipara com São Pedro de Michelangelo em Roma e com o Louvre em Paris." (Hamann, Richard apud Petras, 1991)*

Os esforços são em vão. Em 7 de setembro de 1950 se iniciam as demolições, concluídas em 30 de dezembro do mesmo ano.

O local passa a abrigar a chamada praça Marx-Engels, destinada a demonstrações públicas. Com o passar dos anos, esta passa a ser ocupada como estacionamento. Nos anos 1960, um dos portais barrocos desenhados por Eosander é incorporado ao edifício do Conselho de Estado - não por sua importância arquitetônica mas sim porque Karl Liebnecht, um dos fundadores do Partido

Castelo de Berlim após bombardeio em 1945. A imagem ilustra o nível de destruição em que o centro de Berlim se encontrava. Nota-se que além do Castelo, a Catedral também se encontrava em ruínas.

Comunista Alemão, proclamou ali a República Socialista Alemã em 1918.

Em 1973, finalmente, são iniciadas obras no terreno, sob o comando de um coletivo de arquitetos liderado por Heinz Graffunder. O edifício construído, chamado Palácio da República, não ocupa a totalidade do terreno, mas sua volumetria, não tanto por suas características arquitetônicas mas sim por sua localização central, torna-se uma das principais da cidade. Não foi um edifício barato. Seu projeto contemplava diversos programas: um auditório servia como local de encontro do Parlamento da Alemanha Oriental (que possuía pouco poder político); uma sala de reuniões para 5 mil pessoas, que abrigava congressos do partido e convenções da Organização Jovem Nacional além de (raros) concertos. Existiam ainda espaços de encontro, restaurantes, cafés e uma pista de boliche.

A ideia de incorporar representações do governo em um edifício público multifuncional que continha teatros, restaurantes, galerias e outras opções de entretenimento é notável. Todos os dias, milhares de pessoas ali se reuniam para encontros oficiais ou pessoais, muitos iam aos restaurantes, ao Milchbar (restaurante de baixo custo comum em países comunistas) ou nos bares. Tudo apresentava um luxo e uma variedade que não existia em qualquer outro lugar da cidade (von Buttlar, 2007:14).

Em 1990, o edifício é palco central de importantes eventos históricos. Nele, o novo parlamento - agora com real poder e eleito pelo povo - vota no dia 23 de agosto por unir-se à República Federativa Alemã (evento ocorrido exatamente 40 anos após a votação pela demolição do antigo Palácio Real). Houve então uma controversa mudança na história. Apenas duas semanas antes do Parlamento e o Estado cessarem de existir, uma inspeção oficial constata que o Palácio da República estava contaminado com amianto e ordena seu fechamento.

na página anterior
Palácio da República, 1973. O edifício símbolo da Berlim Oriental era importante local de encontro na cidade.

O caminho da reconstrução

O anúncio da contaminação do Palácio da República deflagra um movimento pela reconstrução do Castelo de Berlim, que através de fortes investidas consegue, em 2002, que o plano seja aprovado pelo Parlamento Alemão. A proposta da reconstrução não surge repentinamente e muito menos é aceita com facilidade pela população. As obras iniciadas em 2014 são, na verdade, resultado da articulação de um grupo que passa a sistematizar a proposta após a Reunificação da Alemanha em 1990 e, através de diversas ações ao longo de mais de duas décadas, permite que a construção seja realizada.

Na Alemanha Oriental ninguém ousava falar sobre uma possível reconstrução do Castelo e, após a Reunificação, muito demorou para que a população aceitasse demolir o Palácio da República (na realidade, ele é por muitos ainda hoje lembrado com saudosismo). Este edifício, afinal, mais do que representar um governo, era o símbolo de um importante local de encontro de Berlim Oriental, e era, para os habitantes da cidade, um importante local de memória. Existia - e ainda existe - por parte dos Ossies (alemães orientais) a noção de que muitas das lembranças da Alemanha que eles conheceram querem ser

apagadas pelos "vencedores" da Guerra Fria, os Wessies.

Nos anos 1950, quando o governo de Berlim Oriental é questionado sobre a demolição do Castelo, um de seus argumentos foi livrar-se da culpa e colocá-la sob responsabilidade dos Aliados. Se os bombardeios violentos ocorridos em 1945 tivessem poupado o edifício, a residência prussiana não teria sido "irrecuperavelmente" danificada e não haveria a necessidade de demoli-la. Os soviéticos, afinal, quando invadiram Berlim por terra, não teriam causado tamanha destruição. A população contrária à demolição do Palácio da República via que o argumento utilizado no momento pós-Reunificação era muito semelhante. Se o governo de Berlim Oriental não tivesse demolido o Castelo (um edifício dito essencial para o centro da cidade), não seria necessário arruinar um símbolo de um regime comunista para substituí-lo por um que representava os tempos de glória da capital.

Na década de 1990, a luta pela reconstrução do Castelo parecia impossível. Afinal (e com razão) a opinião pública pouco entendia o porquê de demolir um edifício que fazia parte da memória coletiva e já estava enraizado na cidade para então construir outro, que poucos berlinenses de fato haviam conhecido, e se haviam, dele pouco se lembravam.

O caminho para a reconstrução das fachadas do Castelo de Berlim foi longo e resultado de fortes investidas de diversos agentes. Foi necessário primeiro estabelecer uma grande rede de apoiadores do projeto para então convencer a opinião pública. Só assim foi possível levar a decisão à votação no Parlamento. Outro fator interessante e de extrema importância na questão é que o governo alemão se compromete com a construção de um centro de cultura no terreno do antigo Castelo, não com um símbolo prussiano. A reconstrução propriamente dita, que só ocorrerá nas fachadas, deve ser financiada pela iniciativa privada, ou seja, por doações da própria população. Ao mesmo tempo, apesar de não se comprometer oficialmente com a reconstrução, a posição do Estado é clara a favor da obra.

Existem diversas hipóteses sobre quando terá surgido a ideia da reconstrução do Castelo de Berlim. Rainer Haubrich, principal jornalista que apoia o projeto da reconstrução, em seu livro Das neue Berliner

Schloss (2012a) enumera algumas. A primeira é que ela surgiu no dia da Reunificação Alemã, 3 de outubro de 1990 - quando Berlim passa a ser planejada novamente como uma única cidade. Ou ela ocorreu antes, com a Queda do Muro de Berlim, quando o Palácio da República perde sua função simbólica na Alemanha Oriental. Existe também a teoria, que não dita necessariamente sobre a reconstrução do Castelo mas é um argumento muito difundido entre o grupo pró-reconstrução, que Erich Honecker teria lamentado a inexistência do Castelo em 1988. O jornalista Eberhard Fensch afirma em suas memórias que o então presidente da Alemanha Oriental, após visitas a Madri e Paris, teria confessado a um pequeno grupo de deputados que a residência Hohenzollern seria uma ótimo lugar para receber cerimônias oficiais e chefes de Estado. Era uma lástima que Walter Ulbricht tivesse lutado tão arduamente por sua demolição em 1950 (Haubrich, 2012).

A primeira divulgação na mídia em nível nacional sobre uma possível reconstrução é feita pela revista Spiegel[1] em setembro de 1990 (Das Schloß, 1990). A reportagem é um breve histórico do Castelo de Berlim, onde se ressalta a sua importância como obra arquitetônica, considerando o edifício "o melhor que já foi construído" na cidade. O artigo segue dissertando sobre o terrível estado das ruínas no pós-guerra, mas como o edifício ainda sobrevivia como local de exposições. A revista trata a demolição do Castelo como uma decisão de uma Alemanha Oriental recém criada, ainda sob forte domínio stalinista e, em certo tom zombador, afirma que o principal argumento do governo comunista era que o edifício era o símbolo do feudalismo. Ressalta também argumentos de especialistas da época, que fizeram grandes apelos ao Estado para não seguir adiante com os planos. Por fim o artigo enuncia: "É inevitável que em 1990, novamente sob novas circunstâncias, algumas mentes curiosas sugerem ou colocar as fundações do

1. Der Spiegel é uma revista de notícias semanal alemã fundada em 1947 em Hamburg. É uma das maiores publicações de seu tipo. É conhecida por seu jornalismo investigativo e é considerado um dos mais influentes periódicos da Europa continental.

Castelo como um memorial ou até mesmo construí-lo novamente" e novamente em tom gozador conclui: Berlim, com o Palácio da República, na verdade se sai bem de toda a situação. Afinal, a cidade poderia ter sido coroada com um edifício de maiores proporções, como na cidade de Varsóvia, que recebeu o Palácio da Cultura[2] de 231 metros de altura.

2. Edifício construído entre 1952 e 1955. Ainda é hoje o sétimo mais alto edifício da Europa e o mais alto da Polônia.

A postura do artigo demonstra o posicionamento do grupo a favor da demolição do Palácio da República no momento após a Queda do Muro. Utiliza-se de uma postura zombadora, de vencedores sobre vencidos. A estratégia utilizada é de diminuir as ações do governo da Alemanha Oriental, comparando-o com regimes fascistas e considerando-as atos de barbárie. Este posicionamento é pouco aceito pela opinião pública, que muito via de sua identidade estampada no Palácio da República.

Em 19 de setembro de 1990, surge um novo fato que muda completamente a situação. Duas semanas antes do fim oficial da Alemanha Oriental, um conselho do próprio governo decide que o Palácio da República precisa ser fechado, pois estava contaminado com amianto, que poderia gerar grandes riscos à saúde dos usuários. A crítica especializada porém ainda apontava a possibilidade de recuperação do edifício.

O centro de Berlim passa a ser tema de diversas discussões arquitetônicas. As opiniões entre os especialistas divergiam, mas em sua maioria, acreditavam que a ideia da reconstrução não deveria ser considerada. O diretor do Schloss Charlottenburg, Helmut Börsch-Supan afirma que era uma ilusão tentar reconstruir o edifício barroco. O arquiteto Oswald Mathias Ungers foi mais longe e disse que planejadores não deveriam acreditar que se poderia reparar a cidade simplesmente recriando a sua forma histórica (Haubrich, 2012:42).

Uma resenha do jornalista e historiador Joachim

Fest, publicado no Frankfurter Allgemeine Zeitung[3] em 30 de novembro de 1990 é o primeiro texto a favor da reconstrução que leva a discussão a nível nacional. Ele inicia remetendo ao período da demolição do Castelo, quando diversos protestos ocorreram contra a ação. Afirma que o edifício era tão querido pela população da cidade que ela estaria disposta a pagar o preço de seu restauro. Além disso, remete a um discurso feito pelo historiador da arte Richard Hamann que afirmava que o Louvre em Paris e o Castelo do Czar em São Petersburgo tinham sobrevivido a revoluções e o mesmo poderia ter acontecido com o Castelo de Berlim. Ele enumera os argumentos defendidos pelo governo comunista a favor da demolição: primeiro que o edifício era símbolo do feudalismo e do imperialismo; e segundo, que supostamente a cidade precisaria de um local para demonstrações públicas. Fest (1990) rebate essas críticas dizendo que, de forma alguma o Castelo era intimidador, pelo contrário, era parte do cotidiano da cidade, onde as pessoas transitavam diariamente e onde festas populares ocorriam. Além disso, sua volumetria grandiosa seria amenizada por uma arquitetura única e humana, que englobava de forma democrática diversos períodos arquitetônicos em um único edifício. Fest vai além e faz uma crítica ao governo comunista afirmando que, na verdade, o Castelo, por estabelecer uma relação de poder tão próximo com a população, era uma ameaça ao regime comunista, que baseava seu poder na dominação e no medo. O crítico aponta ainda que ao se demolir o Castelo, cria-se um grande vazio sem sentido no tecido urbano, pois o edifício era responsável por articular o Lustgarten e a Unter den Linden. Enquanto o vazio existir, ele afirma "Berlim é uma cidade que possui em seu centro um gigantesco estacionamento".

Fest faz então um apelo pela reconstrução. Afirma que a questão de não autenticidade não é algo a se considerar,

3. Jornal de centro direita alemão, fundado em 1949. É o jornal alemão com maior circulação no exterior.

afinal, "ao longo dos séculos, tudo já foi destruído pelo menos uma vez, e muitas vezes restaurado". Em relação aos altos custos de uma reconstrução, afirma que eles poderiam ser obtidos com a divisão destes entre o público e o privado. Mais forte, porém, é o seu último apelo:

> *"Quando a destruição do Castelo foi um símbolo para a sua vitória [dos comunistas], a sua reconstrução seria o símbolo de sua derrota." (Fest, 1990)*

O texto de Fest faz com que uma discussão de caráter regional atinja um nível nacional. Ele traz para o seu lado os conservadores e acende o fascínio daqueles que se interessam por arte. Agrada principalmente membros da Sociedade dos Amigos dos Castelos e Jardins Prussianos (Verein der Freunde der Preußische Schlösser und Gärten), formado por personalidades de grande influência, um círculo que passa a alimentar as ideias para a reconstrução.

Ainda assim, a idealização do Castelo era controversa. Uma exposição aberta no dia 26 de janeiro de 1991 no Museu de Arquitetura de Frankfurt (Deutschen Architekturmuseum) em Frankfurt denominada "Berlin morgen. Ideen für das Herz einer Großstadt" (Berlim amanhã: ideias para o coração da grande cidade) convida diversos arquitetos, entre eles grandes estrelas como Norman Foster e Daniel Liebeskind, a fazerem projetos para o centro da capital unificada. A maioria considera o Palácio da República como edifício a ser mantido e nem menciona a possível reconstrução.

Em maio de 1991, o historiador de arte Goerd Peschken, com a ajuda do arquiteto Frank Augustin, realiza uma exposição em uma galeria de Berlim onde propõe o projeto de uma intervenção artística no Palácio da República. Ela consistia em um grande andaime com a imagem do Castelo posicionado em frente ao Palácio. Peschken afirma que a sua intenção nunca fora a da destruí-

na próxima página:
Berlim em 1928
(1) Castelo de Berlim
(2) Catedral de Berlim
(3) Ilha dos Museus
(4) Arsenal
(5) Igreja de Santa Maria
(6) Estação Friedrichstadt
(7) Portão de Brandemburgo
(8) Reichstag
(em amarelo)
avenida Unter den Linen

lo, mas sim um modo de mantê-lo (Haubrich, 2012:46). A ideia despertou o interesse de Wilhelm von Boddien. O grande empresário de Hamburg estava envolvido com o grupo a favor do Castelo desde o início do debate. Viu na intervenção de Peschken um ato que traria a opinião pública para o lado a favor da reconstrução. A proposta do historiador era uma semente de uma ação oficializada pela Associação a favor do Castelo em 1993.

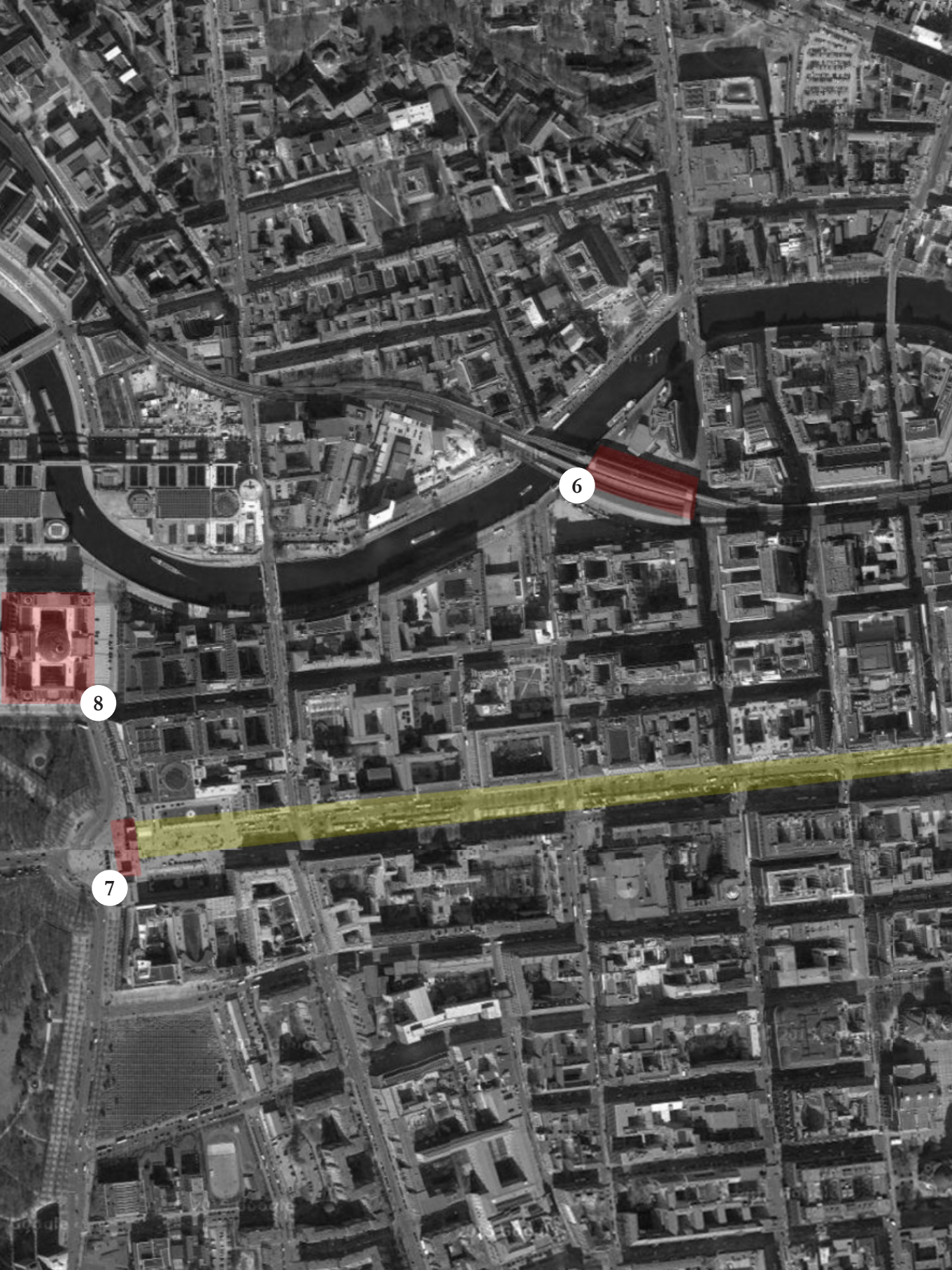
Com a mudança do Parlamento Alemão para Berlim, o debate recebe um novo impulso[4]. Agora, o centro da cidade teria muito mais valor simbólico pois seria novamente o centro político do país. Ao mesmo tempo, as pesquisas de opinião apontavam que o público ainda era, em sua maioria, a favor da manutenção do Palácio da República. É neste período que surge um segundo texto de grande influência a favor da reconstrução, publicado em 13 de setembro de 1991 por Wolf Jobst Siedler. Com o passar dos anos, o texto recebeu como título oficial uma de suas frases mais icônicas: "O Castelo não está em Berlim. Berlim esta no Castelo".

Siedler parte da comparação da relação de grandes capitais europeias com seus respectivos castelos, e conclui que o Castelo de Berlim fora o único a existir desde a fundação da cidade e que manteve seu valor simbólico por toda sua existência. O Castelo seria um emblema da história da cidade, não de uma família regente. Conclui que a sua reconstrução deve ser tratada como uma questão urbana, não arquitetônica. Seu principal argumento é que o edifício, por mais que possuísse grande valor como obra prima arquitetônica, agia como principal articulador do centro da cidade e consequentemente de todo o tecido urbano de Berlim. A simples construção de um edifício de arquitetura contemporânea não seria capaz de conversar adequadamente com o entorno e preencher o vazio de modo apropriado. Naturalmente uma reconstrução seria

4. Com a divisão da Alemanha, a capital de Berlim Ocidental foi transferida para a cidade de Bonn em 1949. Em 1991, vota-se para o retorno do Parlamento à Berlim. Entre 1994 e 1999 são transferidos os ministérios e assim Berlim firma-se como única capital da Alemanha.

6
8
7

1
2
3
4
5


6
8
7

3
2
4
9
1
5
10

somente uma cópia, mas, Siedler afirma em tom severo que "são questões urbanísticas, não de conservação, que devem ser decididas em Berlim, portanto não cabe perguntar a opinião de restauradores". Além disso, afirma que no período do pós-guerra, foram reconstruídos em toda a Europa diversos edifícios que haviam sido destruídos, portanto, "a história construtiva da Europa é uma história de falsificações". Por fim, conclui:

> *"O original nunca será reconquistado, nem que se reúna novamente todas as milhares de peças. Porém não existe outra possibilidade para salvar a cidade como cidade, e não se pode resignar, mas sim triunfar diante da dor do perdido." (Siedler, 1991)*

Este texto marca uma segunda fase na argumentação da luta pela reconstrução do Castelo. Passa-se a utilizar como argumento principal a recuperação do tecido urbano, sem tentar atingir as memórias presentes no Palácio da República. Afirma-se que seu projeto é um erro na questão da inserção urbana, e que enquanto ali permanecer, o centro de Berlim nunca será capaz de estruturar uma cidade unificada.

Em fevereiro de 1992, Wilhelm von Boddien funda a Associação Castelo de Berlim (Förderverein Berliner Schloss)[5], uma associação com o propósito inicial de realizar uma instalação artística da francesa Catherine Feff, que ocorre a partir de 1993. Ela reproduziu uma imagem em trompe l'oeil em escala real do Castelo de Berlim e colocou-a em seu local original com o auxílio de grandes estruturas metálicas. No interior da instalação eram realizados debates e uma exposição. A Associação acabou por se tornar a mais importante instituição relacionada a reconstrução da residência Hohenzollern. E a intervenção, que era inicialmente para durar poucos meses, acabou se estendendo até setembro de 1994 e atraiu

5. Associação Castelo de Berlim, fundada em 1992 por Wilhelm von Boddien, é uma associação sem fins lucrativos que tem como objetivo coletar doações para a reconstrução de ornamentos do Castelo de Berlim.

---

na página anterior:
Berlim em 1928
(1) Humboldt-Forum
Castelo de Berlim
(2) Catedral de Berlim
(3) Ilha dos Museus
(4) Museu Alemão
(antigo Arsenal)
(5) Igreja de Santa Maria
(6) Estação Friedrichstadt
(7) Portão de Brandemburgo
(8) Bundestag
(antigo Reichstag)
(9) Fórum Marx-Engels
(10) Fernsehturm
(Torre de Televisão)
(em amarelo)
avenida Unter den Linen

um grande número de visitantes. A presença do Castelo no centro de Berlim causou um grande impacto na opinião pública. Muitas pessoas que eram a favor do Palácio da República passaram a repensar sua posição. Por um tempo foi possível viver e entender a conexão do edifício com a cidade, e, muitos assumiram a posição que uma nova construção deveria pelo menos possuir o mesmo volume do antigo Castelo.

Após o evento, porém, a camada da população a favor da reconstrução ainda era minoria. Um artigo da revista Spiegel de 1993 aponta que as discussões entre os debatedores pró Castelo e aqueles anti Castelo ainda era um ponto em aberto.

> *"Onde alguns veem com nostalgia no local histórico um possível modo de reparar a cidade, os oponentes veem a criação de um falso histórico." (Wille, 1993)*

Isso ocorre porque a reconstrução total do Castelo seria uma ilusão, uma vez que pouquíssima matéria sobrou daquilo que seria reconstruído.

Em março de 1993 vem a primeira proposta de demolição do Palácio da República, o que gera uma grande onda de protestos, principalmente por parte de antigos cidadãos da Alemanha Oriental. Havia um certo ressentimento por parte dos Ossies[6] que sentiram sua cidade sendo modificada pelos Wessies[7], além de uma nostalgia pelos tempos de lazer passados no edifício. O fato dele ser considerado um "Palácio do Povo" ajuda a despertar tais memórias positivas. Muitos, inclusive, afirmam que a suposta contaminação do prédio era na realidade uma decisão política (Ladd, 1997). Não houve qualquer consenso.

A crise financeira do governo corta planos de demolir edifícios ou de construir novos. Em 1995, a proposta de demolir o Palácio da República é oficialmente revogada,

6. Apelido que caracteriza antigos habitantes da Alemanha Oriental.
7. Apelido que caracteriza antigos habitantes da Alemanha Ocidental.

deixando em aberto se o amianto seria removido ou se o edifício teria um novo uso.

No outono de 1996, o jornal Tagesspiegel iniciou uma série em que convidava diversos arquitetos a imaginarem uma visão para o centro de Berlim. Nenhum preencheu o terreno com um edifício contemporâneo. Haubrich (2012:51) afirma que tanto para os arquitetos quanto para o grande público "este local não deveria ser manchado por arquitetura contemporânea". Ele não se lembra, porém, que para a maioria do público e para os arquitetos, a demolição do Palácio da República não parecia uma possibilidade real.

Wilhelm von Boddien, diretor administrativo da Associação Castelo de Berlim afirma em uma entrevista ao jornal The New York Times em 1993:

> *"Nós queremos reconstruir [o Castelo] como um centro cultura. Nós acreditamos que se Berlim quiser ter uma identidade cultural histórica, precisa de seu centro da cidade clássico, e o setor privado poderá fazer isso se o setor público não puder, do mesmo modo que os nova iorquinos deram o Lincoln Center à [sua] cidade". (von Boddien apud Whitney, 1993a)*

As cifras envolvidas em uma possível reconstrução ainda eram pouco discutidos então. A Associação Castelo de Berlim estimava que a reconstrução total do edifício custaria cerca de 600 milhões de dólares. Este valor é logo rebatido. Uma reportagem do jornal Süddeutsche Zeitung[8] estima que a reconstrução, com a suas centenas de salas cerimoniais escultoricamente decoradas, não sairia por menos de 8,8 bilhões de dólares (Peitz, 1998).

Enquanto o Palácio da República se transforma pouco a pouco em uma ruína, os atos a favor da reconstrução do Castelo de Berlim se intensificam. Após alguns anos, como resultado de campanhas realizadas pela Associação Castelo

8. Jornal editado em Munique, fundado em 1945. É o maior jornal diário de circulação nacional da Alemanha. Sua postura editorial é de centro-esquerda.

na página anterior
Ilusão do Castelo, 1993.

de Berlim, o tema passa a ser discutido também por políticos. Em 1997, o governo alemão passa a fazer estimativas financeiras para avaliar a viabilidade de construção de um novo edifício, sugerindo inclusive a divisão da área entre parte pública e parte privada - proposta mal recebida pela população. Em 1998, o estado de abandono e contaminação do Palácio da República contribuiu para que o número de pessoas a favor do Castelo crescesse, o que afetou também a opinião dos políticos. O Ministro da Cultura, Michael Naumann, anuncia que apoiaria a reconstrução. O Ministro de Obras, Eduard Oswald, também anuncia publicamente sua preferência. Em agosto, a revista Spiegel publica um texto do jornalista Matthias Matussek (1998) que também apoia a reconstrução. Ele afirma que o projeto seria ideal para que Berlim Oriental e Ocidental pudessem juntas curar a ferida no coração da cidade. Afirma também que, apesar da reconstrução total do edifício ser impossível, somente a reconstrução das fachadas já seria o suficiente. Ainda segundo a reportagem, a simples reconstrução dos ornamentos da fachada poderia dar sentido a todos os planos de reunificação alemã, pois seria um representante de um passado glorioso e comum a todos. A questão que permanecia, porém, era se esse passado prussiano era de fato um representante da identidade alemã.

> *"Todos os dias, aos alemães é dito pelos mais importantes políticos para 'olhar para frente' - que essencialmente significa olhar para trás. Parece, então, que nós precisamos de um passado adequado para o nosso futuro. Mas que passado?"(von Buttlar, 2007:14)*

Ainda assim, as pesquisas indicavam que a comunidade alemã não estava convencida com a proposta. Um dos motivos para a aparente apatia da opinião pública é o fato de que, apesar da extensa discussão sobre o exterior do edifício, pouco se falava sobre o que seria colocado em seu

interior. A maioria dos órgãos públicos já possuíam sede na capital e ninguém realmente acreditava na possibilidade de uso do espaço para fins comerciais. Em maio de 2000, a Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano[9] lança um primeiro debate sobre o assunto e seu diretor, Klaus-Dieter Lehmann, propõe uma ideia audaciosa. A coleção do Museu Etnológico[10] de Berlim-Dahlem[11] deveria ser transferida para o Castelo. Assim, junto com a vizinha Ilha dos Museus se tornaria um local de referência na Europa para as Artes e para a Cultura. Na mesma ocasião ele indica inclusive um nome para a nova casa: Humboldt-Forum. Como o edifício de Dahlem precisava de obras de reparo urgentes estimadas em 400 milhões de marcos, Lehmann oferta a quantia para a construção de um novo edifício, que para ele pouco importava se era contemporâneo ou não.

A invenção da vaga mas mágica ideia de um Humboldt-Forum serviu para criar uma ponte entre forma e conteúdo referindo aos muito estimados irmãos Wilhelm e Alexander von Humboldt, que na primeira metade do século XIX tornaram-se os principais exponentes das humanidades e das ciências naturais na Alemanha. Trabalhando na universidade próxima que posteriormente recebeu seu nome, os Humboldts também trabalharam na reforma cultural e administrativa da Prússia, assim oferecendo um campo todo novo de possíveis analogias e possíveis identificações para o futuro Castelo: a fusão e pacificação de tensões entre ciências naturais e culturais, e as visões globalizadas de etnografia e arte em civilizações pré-coloniais.

> *"Ao invés de um nacionalismo prussiano ou germânico maçante, a Alemanha será representada na memória higienizada de seu próprio Iluminismo liberal do século XIX." (von Buttlar, 2007:24)*

Novas pesquisas de opinião foram conduzidas e,

9. A Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano, estabelecida em 1957, possui a missão de adquirir e preservar o legado cultural do antigo Estado Prussiano. É formada por 27 instituições, incluindo os museus públicos de Berlim.

10. O Museu Etnológico de Berlim é um dos museus estaduais da cidade, administrado pela Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano. Atualmente localiza-se no distrito de Dahlem, Berlim, e terá sua nova sede no Humboldt-Forum. Possui mais de 500 mil objetos em seu acervo, que constitui uma das mais importantes coleções no mundo de peças de arte e cultura de fora da Europa.

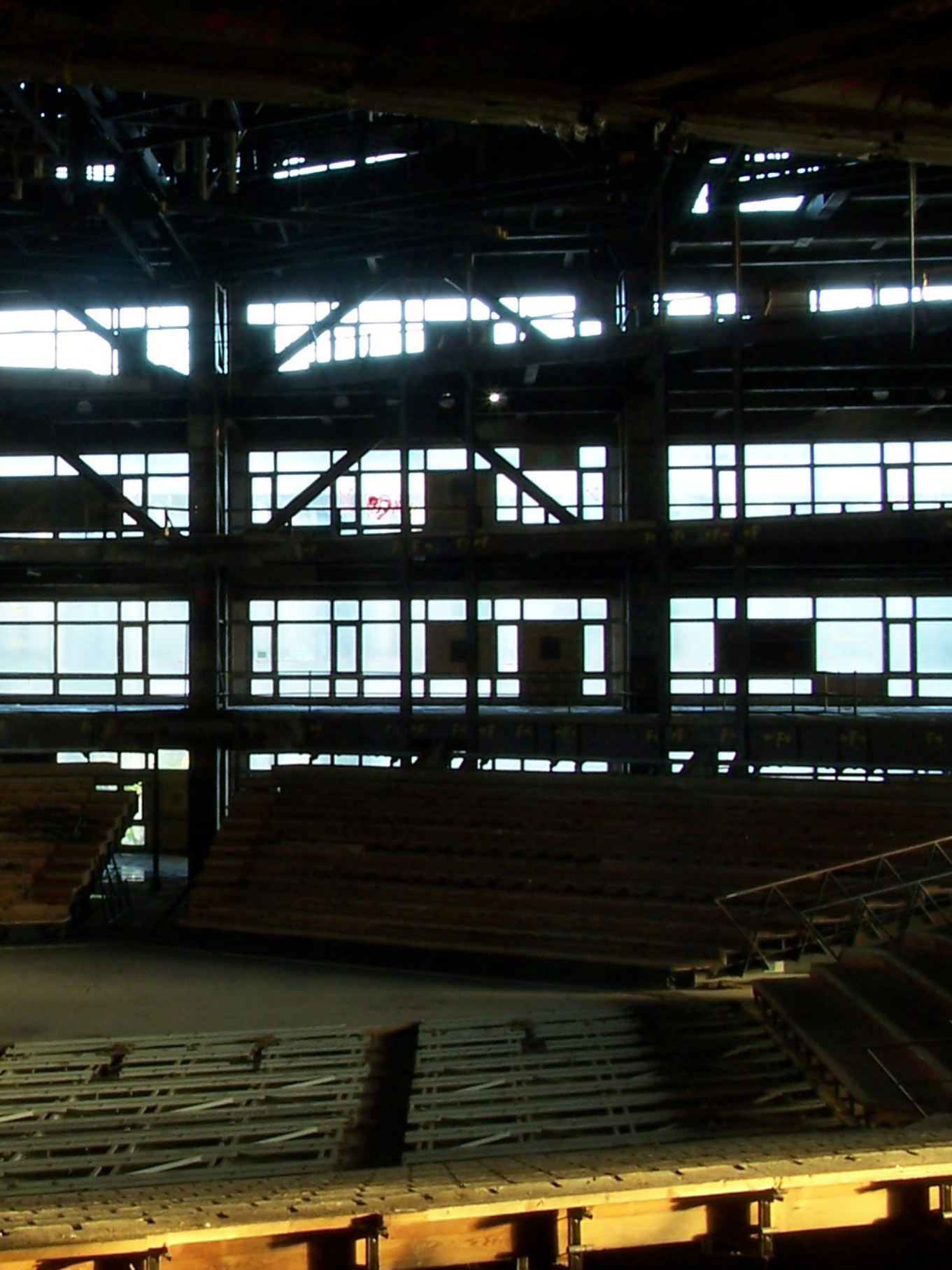
11. Distrito na área sudoeste de Berlim. É sede da Universidade Livre de Berlim (Freie Universität Berlin), além de outras importantes instituições de pesquisa.

pela primeira vez, a aprovação popular por uma nova construção passa a superar a da manutenção do Palácio da República. É a partir deste momento que o grupo pró-Castelo passa a investir todos seus argumentos na ideia de centro cultural. A questão da manutenção do Palácio da República perde força uma vez que a sua demolição era um mal necessário para poder alçar Berlim ao título de capital cultural da Europa, local do mais completo conjunto de museus do mundo.

Em outubro de 2000, foi formada uma Comissão de Especialistas Internacionais para o Centro Histórico indicada pelo Estado sob o comando do austríaco Hannes Swoboda. Seu parecer final foi dado em março de 2002. Em uma votação acirrada, foi decidido que três fachadas barrocas exteriores e o pátio Schlüter deveriam ser reconstruídos. Também decidiu-se o uso do Castelo como local de exposições. Foi recomendado o nome Humboldt-Forum, a ser "um local de diálogo, de participação popular e onde as culturas do mundo deveriam ser representadas igualmente e com uma visão contemporânea, um novo conceito de museu para o século XXI" (Haubrich, 2012:12).

Este parecer deu uma primeira base de escolha para os políticos e em 4 de julho de 2002, o Parlamento Alemão vota pela reconstrução do Castelo de Berlim. Um número de 384 dos 589 parlamentares, ou seja, 65,2% da casa, decide seguir as recomendações da Comissão em relação à forma e ao uso do novo edifício. Uma proposta para a criação de um concurso de arquitetura que sugerisse uma nova fachada foi revogada. Haubrich (2012:56) afirma que "em primeiro plano, não se referia a uma questão política, mas sim cultural e urbana", negando que a decisão se tratava de uma tentativa de apagar um passado recente da Alemanha, mas sim recuperar uma cultura germânica e prussiana comum a todos e perdida com a divisão do país.

As obras de descontaminação de amianto do Palácio da República haviam sido realizadas entre 1998 e 2002 e, enquanto o edifício aguardava seu triste fim, um interessante estado de "limbo" tomou posse do Palácio da República. Quase como uma afronta aos planos de reconstrução, passa-se a utilizá-lo como espaço para exposições artísticas, performances e festas, parte de um movimento de uso de espaços abandonados da cidade. Apesar do sucesso das ações e



das 80.000 assinaturas recolhidas em uma petição contra a demolição que ressaltava sua importância histórica, arquitetônica, estética e social (Hernández Martínez, 2015:104), em 13 de novembro de 2003, o Bundestag[12] aprova a "desmontagem" do Palácio da República.

As iniciativas de utilizar o Palácio persistiram. Entre 2004 e 2005, o governo alemão permitiu a utilização temporária desta infraestrutura para eventos culturais, que, paradoxalmente, serviu para mostrar a utilidade do edifício ruína. Sob a direção de Amelie Deuflhard, nomeada curadora artística do Volkspalast (Palácio do Povo), um programa intensivo de eventos ocorre no edifício entre agosto e novembro de 2005. Segundo Hernández-Martínez (2015), o Palácio se torna uma espécie de "não lugar" que pretende mostrar que havia alternativas à demolição.

O edifício é palco de peças de teatro, apresentações de dança e até mesmo eventos esportivos. Em uma intervenção artística, todo o porão é alagado, de modo a ser acessível somente por botes. Arquitetos e intelectuais participam de discussões para um possível futuro do Palácio. Durante uma noite, o espaço chega a receber 15 mil visitantes. Torna-se um símbolo do desejo de transformar as histórias e as memórias conflituosas em novas experiências e identidade`s, como evidenciava a inscrição Zweifel (que em português significa "dúvida"), uma intervenção artística monumental na fachada edifício realizada pelo artista finlandês Lars Ramberg em 2005.

Tais ações tiveram um efeito adicional pois uma nova geração de berlinenses passou a aprovar e defender o espaço. Eles não eram apenas cidadãos cuja memória pessoal estava ligada ao Palácio, mas sim pessoas que rejeitaram avaliar a construção sob uma perspectiva ideológica. Na verdade, menos condicionados que outros cidadãos, eles foram capazes de ver elementos de interesse, onde parte da população tinha dificuldade de analisar algo

12. Parlamento da República Federal da Alemanha, estabelecido pela constituição alemã de 1949.

na página anterior: ruínas do Palácio da República, 2005.

Palácio da Dúvida, intervenção de Lars Ramberg, 2005.

ZWEIFEL

positivo (Hernández Martínez, 2015:109).

Porém, os planos de demolição persistiram e apesar de tímidos, os projetos para uma reconstrução ainda eram acatados pelo Parlamento Alemão.

Em agosto de 2005 surge um novo estudo sobre o tema da reconstrução do Castelo. A então Ministra da Cultura, Christina Weiss, e o Ministro de Obras, Manfred Stolpe, sugerem uma reconstrução financiada por uma parceria público privada. Uma empresa de consultoria e um grupo de arquitetos avalia a obra entre 500 a 800 milhões de euros, que deveria ser dividida entre o Estado e investidores privados. Para se tornar viável, consultores propuseram a também construção de um hotel e de um centro de convenções dentro do edifício. Além disso, uma garagem no subsolo permitiria generosas receitas.

No mês seguinte, o novo Ministro de Obras, Wolfgang Tiefensee, organiza uma resposta à proposta: uma diluição do projeto. Seu objetivo era diminuir o aspecto privado da construção e ressaltar seu caráter de centro de cultura. Ou seja, todos os planos sugeridos por Weiss e Stolpe são prontamente cancelados. De um preço de 670 milhões de euros, o projeto passa a ser estimado em 480 milhões.

Com os novos valores, Tiefensee exige também que a cidade de Berlim contribua com a iniciativa. Perante a crise financeira em que a cidade se encontrava (e ainda se encontra) desde a Reunificação, seu prefeito, Klaus Wowereit rejeita a proposta, apesar de órgãos da cidade de Berlim terem o futuro direito de uso do edifício. Isto gera diversas disputas políticas, até que em abril de 2007 um acordo é finalizado: a República Alemã pagaria 370 milhões de euros, a cidade de Berlim 30 milhões, e 80 milhões, destinados a reconstrução das fachadas e obtidos através de doações feitas pela população, seriam pagos pela Associação Castelo de Berlim, liderada por Wilhelm von Boddien.

Wilhelm von Boddien, presidente da Associação Castelo de Berlim e sua esposa.

Em 2007, os valores são mais uma vez revistos e a obra passa a ser estimada em 552 milhões de euros. As dúvidas por parte da mídia são diversas. Jornalistas da revista Spiegel questionam em uma reportagem de fevereiro de 2008 se os custos estimados de fato poderão conter todos os gastos de uma reconstrução tão detalhada (Sontheimer, 2008). É unânime o questionamento se a Associação poderia alcançar o número de doações necessárias. Mais ainda, os jornais questionam quanto das doações seriam destinadas à construção do projeto e quanto seria utilizado para a promoção desse - ou pior, de seu gerenciador (e "garoto propaganda"), Wilhelm von Boddien (Peitz, 2008).

Sobre este último, é importante aqui analisar o papel de von Boddien no processo de reconstrução. Seu nome se tornou nos últimos 25 anos referência quando se comenta a reconstrução do Castelo de Berlim.

Segundo o próprio, seu interesse pelo edifício barroco surgiu ainda jovem, a partir de uma visita à Berlim em 1961. Com a Reunificação Alemã, o empresário de Hamburg começa a se mobilizar para uma possível reconstrução.

> *"As pessoas a favor do Castelo prefeririam não imaginar como teria sido essa história sem o engajamento do empresário de Hamburg Wilhelm von Boddien. Ele é a figura chave responsável pela reconstrução da residência Hohenzollern. Ninguém brigou por tanto tempo, com tanta persistência, paixão e inteligência pela reconstrução do Castelo de Berlim quanto o atual presidente da Associação [Castelo de Berlim]." (Haubrich, 2012b)*

Em 1992 ele funda a Associação Castelo de Berlim, que naquele momento tem como único propósito permitir a realização da instalação artística de Catherine Feff, que representava o Castelo em escala real. Von Boddien, além de investir capital próprio para a produção do projeto, cerca de 300 mil marcos, através da Associação pode também

Desmontagem do Palácio da República, 2007. Nota-se como a demolição do edifício foi realizada de forma extremamente pública, quase teatral.

na próxima página: "A República Democrática Alemã [Alemanha Oriental] nunca existiu", grafitti anônimo no canteiro de demolição do Palácio da República ilustra o descontentamento de uma parte da população, 2008.

DIE TÜR
HAUS NI
GEGEBEN

coletar doações daqueles a favor do edifício. Considerado um verdadeiro "garoto propaganda" da causa, viajou por todo o mundo promovendo eventos a favor do projeto.

A Associação se manteve ao longo dos anos 1990 com o propósito de coletar doações para reconstrução. Sua segunda ação significativa foi a pesquisa e elaboração dos desenhos das fachadas. Uma extensa busca foi realizada em arquivos para recuperar desenhos e imagens do projeto original. Von Boddien e seu grupo de apoiadores financia então um grupo de estudo da Technische Universität Berlin[13] para elaborar, a partir do material encontrado, desenhos técnicos detalhados.

Os esforços do empresário se mostraram compensados nos anos 2000. Com o projeto aprovado no Bundestag em 2002 e com o orçamento definido em 2007, a reconstrução do Castelo de Berlim já se mostrava possibilidade real.

Entre 2006 e 2008 são realizadas as obras de "desmontagem" do Palácio da República, em um ato extremamente público, quase teatral. Uma plataforma de observação é montada e os interessados podem ver a lenta destruição do símbolo da Berlim Oriental. Em 2007, durante o processo, o governo instala, em diferentes pontos do canteiro de obras, placas onde se lê "uma decisão democrática", com a clara intenção de se justificar perante a opinião pública, além de comunicar a turistas a decisão do Estado (Maciuika, 2011:17). Os custos da demolição, inicialmente estimados em 35 milhões de euros, por fim atingem a soma de 87 milhões (Jürgens, 2015).

Em 4 de julho de 2007, é dada a largada para a realização do Humboldt-Forum. Em novembro do mesmo ano, anuncia-se o edital para um concurso de arquitetura que decidiria o projeto a ser construído.

13. A Universidade Técnica de Berlim, fundada em 1879, é um dos maiores e mais importantes centros de pesquisa da Alemanha.

O concurso

Em 4 de julho de 2002, o Parlamento Alemão vota a favor da construção do Humboldt-Forum. A decisão segue as recomendações feitas pelo Comitê Internacional para o Centro Histórico de Berlim que enuncia reconstruir o centro da Ilha do Spree de acordo com o plano histórico da cidade e garantir a construção do Castelo de Berlim. Dentro desta última proposta, inclui-se a sugestão de "providenciar a reconstrução das fachadas barrocas das alas Norte, Oeste e Sul, além do Pátio Schlüter". Uma reportagem especial da revista Spiegel sobre a reconstrução do Castelo menciona também que inicialmente o interior não será inteiramente reconstruído, somente 6 das 1200 salas receberão o mesmo tratamento das fachadas pois "a reconstrução da configuração original pode ser tomada por gerações posteriores" (Burgdorff, 2007).

Assim nasce oficialmente o Humboldt-Forum, com a sua área de cerca de 40 mil metros quadrados, que será sede das coleções não europeias dos Museus Nacionais em Berlim - Patrimônio Cultural Prussiano, sede de parte das coleções de ciências da Universidade Humboldt e abrigará também uma seção da Biblioteca Central e

Regional de Berlim. Considerado atualmente um dos mais significativos projetos culturais da Alemanha, propõe contribuir com o projeto de restauro da Ilha dos Museus[1], além de promover um diálogo artístico e científico com a grande gama de ofertas culturais disponíveis na região. O objetivo, apontado pelo Bundestag, é trazer as coleções etnológicas para o centro histórico de Berlim, colocando-as em diálogo com os temas europeus expostos nos museus vizinhos.

A campanha contrária à reconstrução do Castelo de Berlim não acaba com a decisão do Parlamento Alemão em julho de 2002. O grupo opositor continua demonstrando sua indignação ao longo dos anos, e de certa maneira, continua até os dias de hoje. A aversão em relação à construção do que se considera um falso histórico persiste e ainda é importante tema de debate:

> *"Nós [arquitetos restauradores alemães] não estamos mais na posição de preservadores de bens culturais, mas sim descobrimos uma nova História. Nós escrevemos ficção histórica." (Pehnt, Wolfgang apud Knöfel; Kronsbein; Sontheimer, 2008b)*

Em 7 de novembro de 2007, a Comissão de Orçamentos aprova os valores iniciais da obra, ressaltando que 80 milhões de euros, o valor destinado a reconstrução das fachadas barrocas, será financiado pela Associação Castelo de Berlim através de doações. Em relação à captação de recursos por parte de sua organização, Wilhelm von Boddien afirma que as doações seriam feitas, provavelmente, em sua maioria por grandes empresas e organizações privadas. Além disso, diferentes grupos se organizam em cidades alemãs para garantir pontos de coleta de doações em todo o país. O empresário também cita a possibilidade de reativar o contato com doadores dos Estados Unidos, que foram

1. A Ilha dos Museus, localizada próxima ao terreno do Castelo de Berlim, é um complexo de cinco museus: Altes Museum (Museu Antigo), Neues Museum (Novo Museu), Alten Nationalgalerie (Antiga Galeria Nacional), Bode Museum (Museu Bode) e Pergamon Museum (Museu Pergamon). Desde 1999, o complexo faz parte da lista de Patrimônios da Humanidade da UNESCO.

responsáveis por enviar quantias significativas para a reconstrução da Frauenkirche em Dresden. Em entrevista, von Boddien cita também uma pesquisa realizada em Berlim, que indicava que 14 por cento da população acima da idade de 18 anos teria intenções de doar para a Reconstrução do Castelo de Berlim (Haubrich, 2007).

Na mesma época, começa a se esboçar planos para um concurso internacional de arquitetura que deveria estabelecer a forma final do edifício. Um júri internacional é responsável pela escolha do projeto vencedor. Ele é formado por dois grupos, o primeiro de arquitetos e o segundo de diferentes profissionais que devessem garantir que os parâmetros do edital fossem cumpridos. A lista final é comandada pelo crítico de arquitetura italiano Vittorio Magnago Lampugnani, já conhecido em Berlim por fazer parte do Comitê Internacional para o Centro Histórico. Junto a ele, foram escolhidos os arquitetos: Giorgio Grassi da Itália, David Chipperfield do Reino Unido, Gesine Weinmiller e Petra Kahlfeldt de Berlim, HG Merz de Stuttgart, Peter Kulka de Dresden, e Peter Zlonicky, urbanista de Munique. Surpreendentemente, nenhum dos jurados arquitetos tinha algum tipo de histórico com reconstruções. Para o segundo grupo de jurados foram escolhidos: o Ministro de Obras Wolfgang Tiefensee, o Ministro da Cultura Bernd Neumann, o vice presidente do Bundestag Wolfgang Thierse, o presidente do Parlamento de Hamburgo Dirk Fischer, o Secretário da Cultura de Berlim André Schmitz, a Secretária de Obras de Berlim Regula Lüscher, e o presidente da Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano, Hermann Parzinger.

O grupo contrário à reconstrução do Castelo tinha esperanças que o concurso permitiria um novo conjunto de ideias para a área. Porém, os parâmetros da competição deixavam pouco espaço para inovações. As três fachadas externas, Norte, Oeste e Sul deveriam ser mantidas seguindo o desenho barroco de Schlüter, assim como as fachadas correspondentes no Pátio Schlüter. Ademais, este último é especificado de modo que cerca de um terço das salas que o circundam devam permitir futuras instalações de decorações históricas. A ala leste do Castelo poderia ter um caráter

contemporâneo, desde que realizasse de forma adequada a conexão com os componentes barrocos. Ela poderia receber também memórias do Palácio da República (única menção do edifício no edital). Afirma-se que o competidor pode reconstruir parte da Câmara Popular Municipal (Volkskammersaal), ressaltando que somente uma parcela poderia ser reconstruída, nunca o espaço completo.

Os participantes deveriam pensar também em uma solução para a cúpula do Castelo, localizada sobre o antigo portal principal. Sua forma é livre e seu uso deveria ser determinado pelo arquiteto. Para o interior, era previsto a adição da chamada "Ágora de Eventos Culturais", além da criação de espaços que permitissem a devida exposição das coleções dos museus abrigados pelo edifício. O térreo deveria permitir a livre circulação dos passantes, além de restaurantes e cafés. Por fim, uma "janela arqueológica" deveria ser prevista, que permitisse visualizar as fundações remanescentes do Castelo original. O custo da obra não poderia superar 552 milhões de euros.

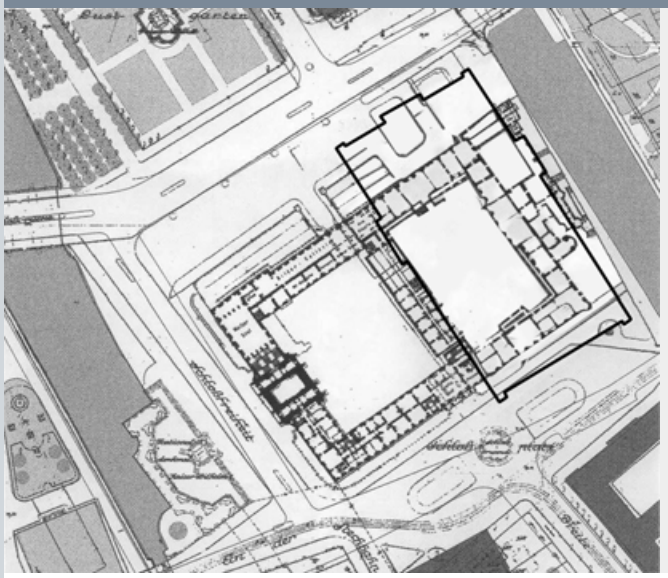
A proposta de manter o desenho da cúpula em aberto se inspirou no projeto bem sucedida do edifício do Reichstag[2], desenhado por Norman Foster. No caso do Castelo de Berlim, porém, muitos afirmavam logo na divulgação do edital que não era lógico realizar a reconstrução das fachadas e propor uma cúpula moderna, ela também deveria ser reconstruída (van Lessen, 2007a). A reconstrução da cúpula já havia sido introduzida no imaginário coletivo por ações do grupo a favor da reconstrução do Castelo. Afinal, desde as primeiras simulações de como ficaria o centro de Berlim com o edifício, feitas pela Associação Castelo de Berlim, a cúpula esta presente em seu formato estabelecido em 1850. A escolha de uma proposta com essa opção de projeto já era portanto prevista. Em uma entrevista

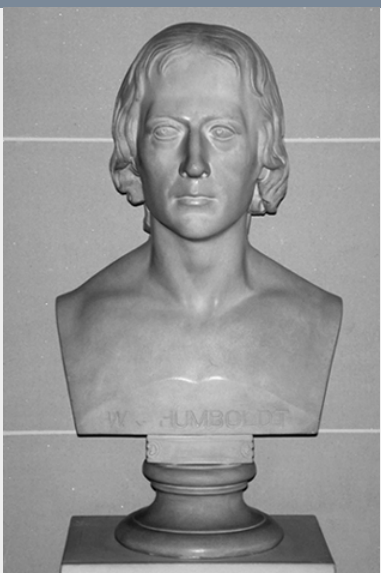
2. Edifício histórico em Berlim, construído em 1894 para abrigar o Parlamento do Império Alemão. Foi incendiado em 1933 em um dos eventos que marca a ascensão do nazismo ao poder. Depois da Segunda Guerra Mundial, o edifício cai em desuso. Em 1999, finalizam-se suas obras de restauro, projeto do arquiteto Norman Foster. Nesta ocasião o edifício recebe a famosa cúpula de vidro. É desde então a sede do Bundestag.

Capa do edital do concurso "Reconstrução do Castelo de Berlim / Construção do Humboldt Forum no local do Castelo de Berlim", 2007.

Wiedererrichtung des Berliner Schlosses
Bau des Humboldt-Forums im Schlossareal Berlin

Reconstruction of the Berlin Castle
Construction of the Humboldt-Forum on the site of the Berlin Castle





Bundesministerium
für Verkehr, Bau
und Stadtentwicklung

Bundesamt
für Bauwesen und
Raumordnung

concedida em novembro de 2007 ao jornal Tagesspiegel[2], Wilhelm von Boddien, presidente da Associação Castelo de Berlim, diz esperar, apesar de alguns membros do júri serem abertamente contra a reconstrução, que eles respeitassem a decisão do Parlamento e chegassem a uma escolha "sensata e sensível". E caso o problema que impedisse a reconstrução da cúpula fosse financeiro, von Boddien afirma que a Associação Castelo de Berlim se encarregaria de intensificar a campanha de doações para garantir também a presença desse elemento no Humboldt Forum (van Lessen, 2007b).

2. Der Tagesspiegel é um jornal regional liberal de Berlim. Fundado em 1945, é lido em todos os distritos da cidade, tanto Orientais quanto Ocidentais.

Como se pode notar, os critérios do concurso eram muito restritos e pouco permitiam a livre criatividade dos arquitetos. É claro nele também a forte influência do Estado sobre os jurados, arquitetos e organizações. O então Secretário da Cultura, André Schmitz, em resposta a críticos do edital, afirma:

> *"Então eles precisam construir em algum lugar diferente [arquitetos que prefiram arquitetura contemporânea à reconstrução]. Nós possuímos desde a Reunificação uma grande quantidade de arquitetura moderna. Todos os grandes arquitetos do mundo construíram nos últimos anos em Berlim. Para o Castelo existe o claro desejo do Parlamento por uma reconstrução histórica e que eu considero legítima." (Schmitz, André apud Haubrich, 2007.)*

O apoio à reconstrução era claro, não agradando àqueles que ainda possuíam esperanças na concepção de um edifício contemporâneo. O título duplo do concurso já indica a contradição por ele requerida: "Reconstrução do Castelo de Berlim / Construção do Humboldt Forum". As tarefas propostas eram tão diferentes que dificilmente o resultado seria surpreendente. Apesar da proposta apresentar um programa de caráter progressista em seu interior, "ele não fornece dados precisos para um

planejamento dentro da casca simbólica do Castelo" (von Buttlar, 2007:24). Primeiro pela questão óbvia da instalação de um centro de culturas não europeias em um edifício que remetia o imperialismo prussiano. E também por questões técnicas: a necessidade do programa do interior do edifício, que exige, por exemplo, grandes pés direitos e qualidades de conforto térmico e de iluminação, é de difícil compatibilização com a fachada pré estabelecida pelo edital do concurso. Os questionamentos em relação ao edital deflagram na realidade um problema do concurso como um todo. Como aponta o arquiteto Wilfried Kuehn (2009:100), participante da competição, concursos de arquitetura funcionam como um instrumento de debate. No caso da reconstrução do Castelo de Berlim, porém, "como é possível de encontrar respostas corretas se a questão foi colocada de modo errado?"

Mas, a simples leitura do edital já permitia concluir que o projeto vencedor não seria muito diferente daquela simulação proposta pela Associação Castelo de Berlim durante os anos 1990 e início dos 2000. Em uma entrevista ao jornal Die Welt, o Ministro de Obras alemão rebate críticas sobre a pouca liberdade criativa que a competição permitia:

> *"No local de entrada, na Ágora, há lugar para a criação, em frente ao rio Spree existe local para criação, também nas fachadas do pátio Eosander. Mas na reconstrução das fachada barrocas não existe local para criação, nisso o edital é claro." (Stimmann, Hans apud Haubrich, 2008.)*

As críticas ao edital são persistentes. Em uma entrevista à revista Spiegel no final de 2007, o renomado arquiteto David Chipperfiel, que faz inclusive parte do juri, afirma:

> *"Infelizmente o Bundestag já há tempos determinou a Reconstrução. Eles já definiram precisamente o que deveria acontecer. Isso é irritante. O que me incomoda, que é feita uma oferta quase bíblica, e todas as outras discussões devem ser sufocadas. Normalmente, um juri de arquitetura na Alemanha tem uma conhecida autonomia, ele pode questionar suas próprias regras. (…) Deveríamos esperar mais dez anos, só então*

estaríamos centrados para chegar a um resultado racional. Mas isso não se adequa a mentalidade alemã. Os alemães não poderão dormir enquanto esse vazio no meio de Berlim não estiver fechado. Eles tem a sensação que precisam fazer algo, que algo precisa ser decidido." (Chipperfield, 2007)

Outra questão controversa foi em relação às regras de inscrição. Segundo o júri, para evitar um número insensato de inscritos, foram criados também parâmetros para os escritórios participantes. Eles deveriam ter uma renda de no mínimo 300 mil euros por ano nos últimos três anos, provar que eram formados por pelo menos três arquitetos fixos e já ter participado de um grande projeto. A Associação de Arquitetos Alemães critica estas imposições pois o concurso excluiria muitos escritórios mais novos e com propostas criativas. A resposta para tal provocação foi de que era possível realizar parcerias entre escritórios grandes e novos arquitetos, portanto, o concurso não era excludente. O Ministério de Obras também afirma que os parâmetros servem para que a qualidade dos projetos seja alta.

Um segundo agente da reconstrução, que merece ser mencionado, é o ex-presidente do Bundestag, Wolfgang Thierse. Considerado um grande aliado de Wilhelm von Boddien no meio político, o posicionamento de Thierse a favor da causa é visto como um dos fatores que garantiram a decisão do Bundestag pela reconstrução das fachadas exteriores. Além disso, segundo a revista Spiegel (Becker; Sontheimer, 2013), documentos descobertos anos depois do concurso de arquitetura comprovam que Thierse acionou o então Ministro de Obras, Wolfgang Tiefensee, para assegurar que o projeto escolhido contemplasse a reconstrução prevista na votação do Bundestag, sugerindo inclusive nomes de arquitetos de sua influência para compor o juri. O político não quis se manifestar sobre o assunto.

De volta a 2007, o concurso é lançado em novembro e devido a sua grande importância, é dividido em duas fases. Na primeira, os inscritos deveriam apresentar um plano geral da conexão das fachadas históricas com o edifício contemporâneo além da integração deste com o seu entorno. Entre 30 e 40 participantes seriam selecionados e solicitados a desenvolver a segunda fase, que compreende um

refinamento do conceito inicial.

Um total de 158 escritórios se inscrevem no concurso, sendo que somente 85 propostas são entregues, com a ausência de nomes de grandes arquitetos. O projeto, afinal, requeria certa negação de si próprio, já que deveria utilizar da reconstrução como linguagem principal. É também um número de inscritos extremamente pequeno se considerarmos que o concurso para o projeto arquitetônico da Ilha do Spree realizado em 1994 atraiu 1105 propostas.

O próprio júri se mostrou dividido. Após a primeira entrega, os primeiros atritos no grupo surgiram. Três arquitetos expressaram sua indignação de não poderem aceitar "interpretações modernas" para as fachadas barrocas, desafiando os preceitos estabelecidos pelo edital. A afirmação mais inesperada partiu de Vittorio Lampugnani, chefe do juri:

> *"Nós precisamos nos perguntar se o edifício pode representar um enriquecimento para a cidade, quando a excitação ideológica da reconstrução diminuir, quando novas gerações viverem com o edifício. (…) Se eu fosse contra [a reconstrução], teria recusado fazer parte do juri. Eu sou contra a postura da certeza absoluta que a reconstrução permite, de assumir que o antigo Castelo é o melhor que pode existir neste local. A todos os críticos da arquitetura contemporânea, eu gostaria de afirmar que um colega hoje em dia poderia ser melhor do que Schlüter em 1700." (Lampugnani, Vittorio apud Knöfel; Kronsbein; Sontheimer, 2008a)*

Essa mesma linha de pensamento embasa as afirmações feitas por uma das juradas, alguns dias antes do anúncio do vencedor: "Quem, como arquiteto, não pensa em um novo edifício para este local, trai a sua profissão." (Weinmiller, Gesine apud Beikler, 2008)

Em resposta, membros do governo posicionaram sua opinião, critivando os comentários realizados. Entre eles, o Secretário da Cultura André Schmitz afirmou que "quem pensa que não consegue [acreditar que o edifício pode ter fachadas barrocas, como manda o edital], deve deixar o júri." (Haubrich, 2008). Após a reação, ambos os jurados se desculparam por seus pronunciamentos, afirmando que estão de acordo com as definições apontadas pelo edital do

concurso. O gesto incisivo e a recusa de aceitar as controvérsias sobre o conteúdo do edital por parte das autoridades deflagram sérios problemas no projeto do Castelo de Berlim. "Todas as deliberações e decisões sobre o futuro do local resultam primeiro de objetivos políticos. Em segundo lugar vem questões urbanas, arquitetônicas, estéticas ou funcionais" (Lautenschläger, 2008a).

As críticas e as indagações sobre a futura obra surgem por parte de diversos representantes da imprensa. As incertezas sobre o projeto do Humboldt-Forum ainda são grandes, mesmo quando o vencedor do concurso estava prestes a ser anunciado. Um artigo da revista Spiegel, em reportagem especial sobre o tema, questiona o programa do edifício (Museu Etnológico) aliado à reconstrução das fachadas:

> *"Grandes bens culturais de povos uma vez colonizados em uma arquitetura de representação do conquistador - uma gafe ética e estética?"(Knöfel; Kronsbein; Sontheimer, 2008a).*

A reportagem aponta também a dificuldade do grupo de von Boddien em arrecadar doações para a reconstrução, questionando a legitimidade da organização e de seu fundador.

> *"Foi diferente na reconstrução da Frauenkirche de Dresden. Ali toda a República fez doações, metade do mundo - para todos era uma questão do coração. Em Berlim, grandes doações não tem feito manchete, mas causado escândalo e brigas." (Knöfel; Kronsbein; Sontheimer, 2008a)*

Além disso, existe a constante pergunta sobre a imagem que o edifício irá passar sobre da Alemanha do século XXI. Para Rolf Lautenschläger (2008b), jornalista especializado em Arte e Arquitetura do jornal Tageszeitung, o Humbolt-Forum não responde essa questão. Segundo ele, o projeto não passa de uma nostalgia sem sentido que representará a nova Alemanha. Em geral, as controvérsias anteriores ao anúncio do vencedor geram uma descrença geral na mídia:

> *"Tanto faz se e como o concurso de arquitetura vai acontecer, as finanças, o planejamento e o conceito do Humboldt-Forum precisam ser revisados." (Lautenschläger, 2008b)*

O anúncio do projeto vencedor vem acompanhado de grande

alarde. Ressalta-se a importância do Humboldt-Forum como marca da nova identidade alemã:

> *"Que conhecimento próprio revelamos com ele, como sociedade, como Estado? Qual mensagem nós enviamos ao nosso entorno, com relação à tradições, nossa coragem para inovar, nossa crença que do antigo podemos atingir algo novo? O concurso de arquitetura que revelou seu vencedor na última sexta-feira [28 de novembro de 2008], vai muito além de um edifício. Ele fala sobre a postura espiritual da República. (...) O Palácio da República da Alemanha Oriental foi demolido, porque se pensava, que se poderia com isso superar as lembranças do estado socialista injusto e com uma cópia do Castelo trazer uma nova lembrança, de tempos mais antigos e melhores. Claramente a História não funciona assim." (Knöfel; Kronsbein; Sontheimer, 2008b)*

Em novembro de 2008 é anunciado o grande vencedor: o italiano Franco Stella, de Vicenza, que possui um pequeno escritório de arquitetura, além de ser professor de Projeto na Universidade de Gênova. Ele era até então pouco conhecido até mesmo por seus colegas de profissão.

A escolha do júri para o projeto vencedor do Humboldt-Forum foi clara: quanto mais do Castelo, melhor. Até nos lugares onde era possível ter uma intervenção contemporânea, por exemplo na cúpula, foi escolhido aquele que reconstruiu o elemento em seu formato original. Outro local, onde se esperava uma interpretação contemporânea para o edifício, a ala leste, recebeu uma intervenção pouco incisiva. A história do Palácio da República foi completamente ignorada, sendo que a proposta nem sequer menciona o Volkskammersaal. Pelo contrário, propõe-se um Belvedere, contido arquitetonicamente, que se integra bem com as fachadas barrocas e que é o mais discreto possível.

> *"O mais decepcionante no projeto de Franco Stella é que na única fachada onde se poderia fazer alguma coisa, a fachada leste, se parece como todas as fachadas da Friedrichstraße. Qualquer arquiteto do júri poderia ter construído igual." (Lepik, Andres apud Knöfel; Kronsbein; Sontheimer, 2008b)*

"O projeto para o Humboldt Forum, apresentado por um arquiteto italiano 'sem nome', apresenta-se intimidado pelo passado: não muito perceptível. O resultado é estético, não audacioso.(…) reconstrução sólida, [das fachadas] até as escadas, as entradas, a disposição das salas. (…) quanto mais Castelo melhor. As melhores soluções seriam: reconstruir o Castelo completamente, tanto dentro quanto fora." (Tilmann, 2008).

"Berlim consegue o que queria: uma condição histórica. Um Castelo da Cidade que serve de forma harmônica à área. Não pode haver queixas ou lamentações, há uma clara vitória. A democracia, como dona do edifício, queria a residência Hohenzollern de volta. E o plano de Franco Stella garante uma missão mais do que cumprida. Promove assim, uma segurança e proteção contra a alegada insuficiência da arquitetura contemporânea." (Schaper, 2008)

"E assim a vitória é uma derrota: por uma ilusão, uma mera simulação, será erguida com o propósito de representar a verdadeira identidade nacional. Nessa contradição reside o grande erro de construção (…) E assim existirá nos próximos anos, no Centro Histórico de Berlim, para todos verem, um monumento ao 'não histórico', um mero remake do absolutismo, baseado em um projeto de 2008" (Knöfel; Kronsbein; Sontheimer, 2008b.)

Logo após o anúncio, o presidente do júri, Vittorio Lampugnani afirmou que apesar da escolha do que os jurados achavam ser o melhor projeto, ele não acreditava que a discussão iria cessar. Essa busca por desdobramentos indica, de certa forma, que o júri também não estava completamente satisfeito com a sua decisão e que o projeto seria ainda fruto de inúmeras controvérsias.

O arquiteto italiano Franco Stella, vencedor do concurso, 2008.

1128

O projeto vencedor

O concurso para o novo Castelo de Berlim foi vencido pelo arquiteto italiano de Vicenza, Francesco Stella. Até então, Stella era pouco conhecido, mesmo no meio profissional. Ele já havia participado de dois concursos em Berlim, o da construção do Auswärtiges Amt[1] e do Kanzleramt[2]. Além disso, fora jurado do concurso urbano que definiu a área ao redor da ilha do Spree[3]. Nos anos de 1970, Stella foi professor da Universidade de Veneza, assistente do arquiteto Aldo Rossi, no período em que este promove o retorno às tradições das cidades europeias (Haubrich, 2008a).

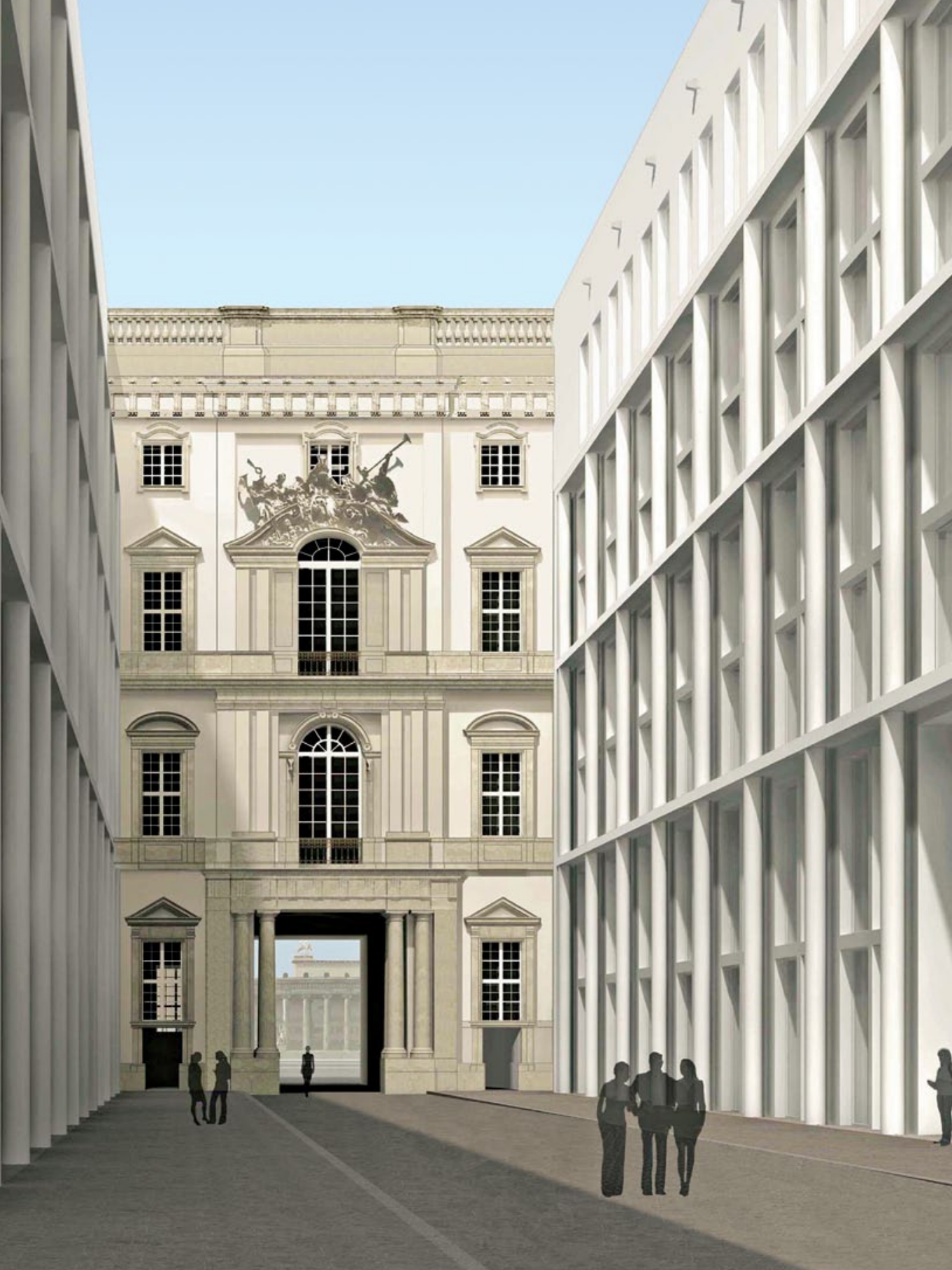
O nome do vencedor foi inesperado, assim como a unanimidade dos votos que o levaram a vitoria. O júri era composto por dois grupos claros: os que acreditavam na reinterpretação moderna da fachada barroca e os mais tradicionais que exigiam a sua reconstrução. Mas, para diminuir as chances de questionamento sobre o projeto vencedor, os jurados buscaram um posicionamento

1. O concurso para a construção do Ministério de Relações Exteriores de Berlim foi vencido pelo arquiteto Hans Kollhof. As obras foram finalizadas em 1999.

2. O concurso para a construção da Chancelaria foi vencido pelos arquitetos Axel Schultes e Charlotte Frank. As obras foram finalizadas em 2003.

3. O concurso para definir o plano geral da Ilha dos Museus (Masterplan Museumsinsel) foi vencido em 1993 pelo italiano Georgio Grassi.

Projeto vencedor do concurso para a Reconstrução do Castelo de Berlim / Construção do Humboldt-Forum, do arquiteto italiano Franco Stella.



unânime. Além disso, para ressaltar que o projeto de Stella era muito mais forte que todos os seus concorrentes, nenhum projeto foi premiado com o segundo lugar.

Segundo o arquiteto italiano, seu escritório na ocasião do concurso era formado por cinco profissionais que trabalharam no projeto durante dois meses para a entrega da primeira fase. Quando selecionados para a segunda fase, o trabalho se prolongou por mais três meses. Em entrevista ao jornal Die Welt[4], o arquiteto afirma que os seus mais fortes aliados foram Andreas Schlüter e Eosander von Göthe (Haubrich, 2008b). Na ocasião do anúncio dos vencedores, ele afirma também que seu trabalho é uma homenagem à História Prussiana, inspirado pelo espírito do barroco do século XVII. Para ele foi importante que as reconstruções da fachada barroca não funcionassem como uma máscara onde o edifício se esconderia. "Eu gostaria de atingir não somente a pele, mas também o corpo e o espírito dos arquitetos barrocos" afirma o arquiteto (Tilmann, 2008).

4. O jornal die Welt é um periódico nacional fundado em 1946. Costuma ter posicionamentos conservadores.

A análise a seguir parte do parecer final do júri, que aponta os motivos da escolha do projeto do italiano como o vencedor[5].

O posicionamento do júri ressalta a grande destreza com que Stella consegue utilizar a fachada de Andreas Schlüter sem que ela se torne uma concorrência em seu próprio projeto, trabalhando o elemento barroco e o contemporâneo em harmonia. Ele utiliza da lógica construtiva de Schlüter, de modo que o interior corresponde à fachada. Assim, ele se livra do perigo de desprender esse elemento do corpo do edifício. Segundo Stella, sua preocupação maior era respeitar o antigo, sem corromper o novo, de modo a criar uma continuidade entre presente e passado (Haubrich, 2008b).

5. A análise se baseia no texto publicado no livro Das neue Berliner Schloss (2012) de Rainer Haubrich.

Um segundo ponto valorizado é que o italiano cria espaços não comuns, que não foram encontrados em

Simulação eletrônica do Fórum do Castelo, ligação entre os portais II e IV.

nenhum outro projeto concorrente (Haubrich, 2012). Dentre eles, o mais significativo é o da proposta do Fórum do Castelo, uma ligação entre o Portal II e o Portal IV, que ele desenvolve como parte do antigo Pátio Eosander. Esse caminho não coberto, que lembra em dimensões a Galeria degli Uffizi de Florença[6], permite uma passagem pelo Castelo na direção norte sul, que independe do Pátio Schlüter e cria um novo sentido de fluxo no edifício. O arquiteto buscou dar a esse espaço um caráter público, não comercial, uma passagem que funciona como uma rua (Haubrich, 2008b).

Outro ponto estimado pelo júri foi criação do chamado Belvedere, que marca a ala leste do edifício. Aqui, o arquiteto fecha a construção com um cubo de fachada regular. Atrás dessa, Stella projeta escadarias, que conformam um espaço semi aberto. Esses elementos simétricos lembram a fachada principal de Schinkel para a Altes Museum[7], localizada na vizinha Ilha dos Museus.

O acesso principal na fachada oeste também possui um papel importante para o projeto vencedor. Atrás do portal reconstruído em formato de arco do triunfo e da cúpula também em seu formato original, o arquiteto inclui a reconstrução da passagem histórica, onde havia um hall de colunas e pilares. A reconstrução das passagens do exterior para o interior estão previstas também para os portais II e IV (que dão acesso ao Fórum do Castelo). Os portais I e V, por sua vez, devem abrigar salas técnicas.

Mais refinado foi considerado projeto da Ágora, localizada após a entrada principal do Portal III. O visitante chega em um hall com pé direito de 30 metros iluminado naturalmente por uma cobertura de vidro. À esquerda se localizam os auditórios, e à direita, as salas para as exposições temporárias. Uma característica importante é que pelo projeto de Stella, três fachadas do Pátio Eosander também podem ser reconstruídas

6. A Galeria degli Uffizi é um palácio situado em Florença, na Itália. Construído pelo arquiteto Giorgio Vasari (1511-1574), atualmente abriga um museu.

7. O Altes Museum ou Museu Antigo é um edifício construído entre 1823 e 1830, projeto do arquiteto Karl Friedrich Schinkel (1781-1841). Foi construído para abrigar a coleção de arte da família real prussiana, em um movimento que buscava dar a população uma educação cultural.

Simulação eletrônica do Belvedere, presente na fachada leste do projeto do Humboldt-Forum.

(Haubrich, 2008b). Do espaço da Ágora é possível acessar os diferentes andares do edifício ou seguir ao Pátio Schlüter por uma rota de acesso que cruza o Fórum do Castelo. Ao redor desse pátio, que possuirá três fachadas reconstruídas, ficarão cafés e restaurantes, que convidam o visitante a permanência, além da loja do museu. A fachada leste, o Belvedere, procura conversar com a Biblioteca e as salas de exposição do Museu Etnológico e de Arte Asiática. Como indica o seu nome, o espaço permite a seu visitante permeabilidade na visão em direção ao Marx-Engels Forum[8] e à famosa Fernsehturm[9] na Alexanderplatz.

Uma diferença essencial entre o histórico Castelo de Berlim e o Humboldt-Forum é o seu subsolo. O edifício contemporâneo contempla também a construção de uma estação de metrô em seu subterrâneo. Essa será uma das paradas que irá realizar a conexão entre a Hauptbahnhof (Estação Ferroviária Central) e a Alexanderplatz, passando por baixo do boulevard Unter den Linden, demarcando o eixo histórico e turístico da cidade[10]. Com a adequação do terreno, foram encontrados diversos vestígios arqueológicos do antigo Castelo, uma superfície de cerca de 1800 metros quadrados. Estes devem estar integrados ao Humboldt-Forum através de uma vitrine arqueológica. Será possível percorrer o porão histórico, em um passeio que permitirá conhecer a história do edifício.

No geral, todo o porão será preservado, com exceção à seção onde antes se encontrava o Palácio da República (seção leste do terreno). Esta abrigará salas técnicas, além de espaço para funcionários, oficinas, banheiros e depósitos para os restaurantes. No lado sudeste, o porão abrigará um estacionamento de carga de descarga. A seção noroeste será formada por áreas molhadas e um porta volumes para visitantes que utilizam o auditório.

8. O Fórum Marx-Engels, construído nos anos 1980, é um memorial localizado no centro de Berlim, a leste do Humboldt-Forum.

9. A Torre de Televisão de Berlim é um símbolo da cidade Oriental. Foi erguida em 1969 na Alexanderplatz e possui 368 metros de altura.

10. A linha de metrô será a ligação entre as linhas já existentes U5 e U55, conectando a estação Brandenburger Tor e a Alexanderplatz. As obras estão previstas para terminar em 2019.

na página anterior: Ágora de Eventos Culturais. Nota-se na simulação que o projeto prevê também a reconstrução o portal III.

Simulação do Pátio Schlüter, que terá três fachadas reconstruídas.

Sempre que possível, porém, o visitante poderá ver as fundações do antigo Pátio Eosander.

Apesar do júri não fazer comentários diretamente sobre o assunto, o parecer final revela a clara valorização do projeto em relação à antiga residência Hohenzollern. O projeto inclui seus elementos barrocos sempre que possível. Apesar do concurso exigir somente a reconstrução de três fachadas externas e daquelas do Pátio Schlüter, Stella inclui ornamentos barrocos em diversos outros locais: em três dos cinco portais, na cúpula e até mesmo no Pátio Eosander (nesse último, a reconstrução é opcional). Quando questionado se ele poderia imaginar o Humboldt Forum com fachadas contemporâneas, Stella afirma:

> *"Eu nunca entendi direito esse debate. (...) Todos falam sempre somente no volume. Mas por que então também não as fachadas? Por que o Moderno deve sempre sobrepor a História? Toda cidade precisa dos dois, e, em Berlim, o Moderno já é muito presente. No final do debate, houve um processo democrático, e houve muitas razões importantes que levaram o Parlamento Alemão à sua decisão: políticas, históricas e culturais, além de pura estética." (Stella, Franco apud Haubrich, 2008b)*

Nota-se também a completa ausência do Palácio da República e sua memória no terreno: até mesmo o local de suas fundações são substituídos por áreas técnicas inacessíveis ao público.

Após o anúncio do vencedor, durante as primeiras semanas de 2009, os projetos apresentados no concurso são objetos de uma exposição no centro de Berlim. A exibição dos concorrentes de Stella estimula a discussão pela mídia. Inúmeras são as observações sobre a falta de inventividade da proposta italiana, como a escolha segura de seguir a disposição interna original do edifício de

Simulação eletrônica da fachada principal do Castelo, com a cúpula reconstruída.

modo a não causar uma área de conflito entre o antigo e o contemporâneo (Eichstädt-Bohlig, 2008b). Nota-se, porém, que a discussão proposta pelos jornais não é necessariamente sobre questões arquitetônicas do projeto vencedor, mas sim conceituais em relação ao projeto do Humboldt-Forum. Será este capaz de passar a imagem de nação e a visão de cultura da nova Alemanha?

Importantes questões orçamentárias também permeiam as discussões. É importante observar que o valor estipulado para o projeto, 552 milhões de euros, foi superado por todos os 30 finalistas. O vencedor, Franco Stella, ultrapassou o orçamento em 55 milhões de euros. Diversos especialistas afirmavam que o programa estipulado não se adequava ao orçamento. Estimou-se que, somente a reconstrução da cúpula adicionaria ao projeto o gasto de 11 milhões de euros. As reconstruções representariam os maiores gastos, e, considerando que o projeto de Stella incluía um grande número delas, os custos do projetos aumentariam consideravelmente. A Architekten- und Ingenieuer-Verein (Associação de Arquitetos e Engenheiros) faz uma simulação e garante que o custo total do projeto poderia ultrapassar o valor de 700 milhões de euros. O Estado, porém, não manifesta interesse em aumentar o orçamento. O Ministério de Obras prontamente afirma que não iria destinar mais recursos para o projeto. Um dos secretários, Engelbert Lütke Daldrup, por sua vez, afirma que "quem desejar mais, deve trazer fundos" (Bau, 2009).

Em fevereiro de 2009, é anunciado que, para auxiliar na finalização do projeto, mais dois escritórios serão contratados: Hilmer & Sattler und Albrecht (HSA)[11] e Gerkan, Marg und Partner (gmp)[12]. O comunicado dá início a diversas controvérsias.

Em setembro de 2009, o arquiteto Hans Kollhoff (cujo projeto recebeu o prêmio de terceiro lugar) leva

11. O escritório de arquitetura Hilmer & Sattler und Albrecht (HSA) possui sedes em Munique e Berlim. É conhecido por seus projetos de restauro.

12. O escritório Gerkan, Marg und Partner (gmp) é um escritório de arquitetura baseado em Hamburg. É conhecido por seu projeto da Hauptbahnhof em Berlim.

O arquiteto Hans Kollhoff, que recebeu o prêmio de terceiro lugar no concurso abre um processo contra o Estado e o arquiteto Franco Stella, questionando a escolha do projeto vencedor.

a tribunal suas suspeitas em relação ao projeto de Stella. A primeira acusação é que o escritório italiano não se enquadrava nas regras de inscrição do concurso. Como explicado no capítulo anterior, para garantir que o arquiteto vencedor fosse capaz de lidar com um projeto de tal porte, o Estado permitia a inscrição de escritórios que tivessem pelo menos três colaboradores fixos ou tivessem uma renda anual de no mínimo 300 mil euros.

Apesar de afirmar inicialmente que seu escritório era formado por cinco arquitetos, na ocasião do processo, Franco Stella não é capaz de comprovar a existência de tais funcionários e admite que seu escritório não se enquadrava no parâmetros do concurso. Para compensar sua falta de equipe técnica, o italiano afirma que critérios quantitativos possuem um papel pequeno perante suas conquistas intelectuais, remetendo a seu trabalho como professor da Universidade de Gênova (Knöfel; Sontheimer, 2009).

Uma segunda acusação, mais grave, é sobre uma possível formação de cartel. Por não atender aos parâmetros de inscrição, seria impossível que o grupo italiano pudesse finalizar um projeto de tal porte no tempo estipulado. Assim, fez-se necessário a contratação de duas outras empresas, para o auxílio no projeto. É comum que escritórios estrangeiros se unam a escritórios nacionais para a finalização de obras de tal importância. Os arquitetos locais normalmente se encarregam de garantir que o os desenhos sigam a legislação do país e ajudam em questões administrativas do canteiro de obras (Jaegaer, 2009). Assim, os três escritórios, o italiano e dois alemães, fundam a empresa Coletivo de Projeto Franco Stella Berliner Schloss Humboldt Forum, que é contratada pelo Estado. É deste ponto que parte a acusação de Kollhoff. Segundo o edital do concurso, o contratado deveria ser o escritório vencedor, não uma empresa terceira (Peitz, 2009).

A mídia começa a questionar se o projeto será de fato uma concepção do grupo vencedor. Ou pior, se o escritório italiano não funciona simplesmente como uma forma de repassar dinheiro aos nacionais (Jaegaer, 2009). O que fica imediatamente claro é que os problemas jurídicos indicavam que haveria atrasos na finalização e execução do projeto. Ou pior: o projeto do Humboldt-Forum já

estaria fadado à ruína, mesmo antes de seu início. Por outro lado, há quem visse na controversa uma oportunidade, como o antigo jurado Vittorio Lampugnani:

> *"Eu acho uma pena que questões jurídicas e administrativas encubram um projeto cultural tão central quanto o do Humboldt-Forum. Se houver um grande atraso, talvez seja a ocasião para mais uma vez refletir profundamente sobre o tema Castelo e Reconstrução. Assim se poderia ganhar algo positivo da situação, um renovado debate cultural. Eu como jurado sempre respeitei os parâmetros do concurso, mas nunca fiz segredo que não estava totalmente feliz com ele." (Lampugnani apud Peitz, 2009)*

Em outubro de 2009, passa-se a estimar que o início das obras não se daria antes do segundo semestre de 2010 ou do início de 2011, e que sua conclusão seria possível somente a partir de 2016. Quanto maior os questionamentos, mais descontentamento popular a obra gerava:

> *"Tão cedo não será construído o Castelo de Berlim. Quanto mais demora, maior os rombos que produz nos caixas, e menos se tem vontade de gastar 552 milhões de euros em um projeto simbólico, que mais parece uma criança mimada do governo passado." (Rada, 2009)*

Mesmo diante das incertezas, o projeto continua em progresso. No final de outubro de 2009, é apresentado um primeiro desenvolvimento da proposta vencedora do concurso. A principal mudança em relação ao apresentado na competição está na cúpula. Ao invés de prever sua reconstrução, o arquiteto apresenta um "esqueleto", que permitirá a reconstrução do elemento caso existam doações suficientes (Haubrich, 2009a). Na apresentação se ressalta que nem todos os detalhes da reconstrução precisam ser decididos pela geração atual. Por esse motivo, o projeto deve ser o mais flexível possível, também a ponto de permitir reconstruções que no momento se mostram financeiramente inviáveis, como a das escadarias e de salas historicamente importantes (Haubrich, 2009b). Na mesma ocasião, foram esclarecidas dúvidas em relação a data de entrega da obra, marcada para 2016. Importante ressaltar que os

SANYO
БЕНЬКЕ

elementos reconstruídos das fachadas, por sua vez, não necessariamente atenderiam a esse prazo.

Paralelamente, enquanto tais decisões eram tomadas, o projeto ainda sofria risco de ser inviabilizado pelo processo aberto pelo arquiteto Kollhoff, que ainda estava em trâmite na Corte de Düsserldorf. Somente em dezembro de 2009, ou seja, mais de um ano após o anúncio da vitória de Stella, a justiça decide que o contrato estabelecido entre o arquiteto e o Estado é válido, devendo receber porém algumas alterações. É determinado que somente o escritório italiano terá total controle sobre o projeto, cabendo aos outros dois representantes alemães agirem como consultores e ajudantes. Um novo contrato é firmado, e assim se marca o início das obras para o final de 2010. Após o desfecho, Kollhof afirma que apesar de não ter conseguido inviabilizar a construção do Castelo, ele ainda duvidava da seriedade do projeto dos concursos de arquitetura realizados na Alemanha.

Mesmo garantida a execução do projeto, a opinião pública ainda questiona os custos da obra: quem irá financiar as fachadas do edifício, caso a quantia de 80 milhões de euros não seja garantida por meio de doações? Esse questionamento se baseia na baixa quantia arrecadada seis anos após a oficialização da Associação Castelo de Berlim como coletora de doações. Entre 2002 e 2008, ela possuía apenas cerca de 15% do necessário para as reconstruções das fachadas. Wilhelm von Boddien, presidente da Associação, desmente as preocupações. Segundo ele, no caso da Frauenkirche de Dresden, dois terços das doações foram arrecadadas quando a obra já estava em curso. Era portanto natural que houvesse poucos doadores uma vez que as obras nem haviam começado (Schönball, 2010). O Estado, por sua vez, busca acalmar os ânimos afirmando que a construção é na verdade uma tarefa de gerações e sem prazo definido:

na página anterior: Entre 2008 e 2012, o terreno que iria receber o futuro Castelo de Berlim permaneceu vazio. Do lado esquerdo, nota-se as fundações do Castelo original, e do lado direito, um grande gramado.

as fachadas serão finalizadas à medida que os fundos permitirem (Jürgens, 2010a). Mesmo assim, as preocupações expostas na mídia demonstram o medo da opinião pública em ter no centro de Berlim somente um esqueleto de Castelo feito em concreto.

As constantes controvérsias que rodeiam o projeto marcam uma desconfiança geral sobre sua legitimidade. Como consequência, parte da opinião pública passa novamente a vê-lo com maus olhos. Uma pesquisa de opinião realizada no período indica que cerca de 80 porcento dos berlinenses eram contra a reconstrução (Mohr; Walde; Kirschner, 2013). O grande índice de insatisfação, os altos custos e a crise econômica que assombrava a Europa geram um movimento que pede, novamente, o adiamento do início da construção (Jürgens, 2010b).

> *"Quem, especialmente em tempos de crise financeira, quer estabelecer tal mistura de reconstrução, réplica histórica com propósitos contemporâneos, que não somente remete a decisões parlamentares de anos atrás como também, como todos sabem, possui custos irreais?" (von Becker, 2010)*

Com tal cenário, o inevitável acontece e em julho de 2010 a data de início da construção é novamente adiada, dessa vez para 2014. A decisão é bem vista por aquele grupo contra o Castelo, que usa o momento para questionar se o projeto escolhido e seu programa, além da própria necessidade de tal edifício, cabem ao então cenário político, econômico e social da Alemanha. Sobre o projeto não ser tão bem visto como outros de reconstrução que ocorreram após a Reunificação do país, o Ministro da Cultura Bernd Neumann afirma:

> *"Não é comparável, porque a Frauenkirche [de Dresden] tinha um significado emocional muito diferente, como símbolo contra a Guerra e a destruição. Esse sentimento é difícil de se alcançar hoje. Mas eu penso que, quando o Castelo estiver de pé - e estará -, aí existirá uma grande fascinação, mais um destaque arquitetônico e cultural na capital." (Neumann, Bernd apud Weigelt, 2011)*

Para o grupo a favor do Humboldt-Forum, as circunstâncias deixam o projeto cada vez mais difícil de ser apoiado. O presidente da Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano, Hermann Parzinger,

por exemplo, alerta dos perigos do adiamento da obra. Ele explica que nos anos 1990, foi constatado que o Museu Etnológico (atualmente localizado no distrito de Dahlem) precisaria de reformas estruturais urgentes. Os custos dessa obra superariam 200 milhões de euros. A construção do Humboldt-Forum era uma esperança para a coleção, pois o novo projeto visaria o melhor acondicionamento das obras e permitiria que uma das maiores coleções etnológicas do mundo estivesse disponível em local mais acessível a visitantes. Por mais que o Estado Alemão pretendesse cortar gastos, obras emergenciais seriam necessárias no edifício de Dahlem para não causar danos ao acervo (Jürgens; Westphal, 2010). Assim, "o cancelamento do Castelo traz mínimas economias mas máximo efeito de devastação" afirma a jornalista Christiane Peitz (2010).

Em maio de 2011, o arquiteto Franco Stella faz uma exposição do projeto já desenvolvido. A apresentação, concebida como uma discussão, propunha que cidadãos berlinenses opinassem na concepção do projeto diretamente ao recém indicado diretor da Fundação Castelo de Berlim Humboldt-Forum[13], Manfred Rettig. Assim, suas sugestões poderiam ser incorporadas ao desenho antes que este fosse aprovado pelo Conselho da Fundação e, posteriormente, encaminhado para uma decisão final do Comitê Orçamentário do Bundestag. Opinou-se que o edifício não deveria agir como uma barreira entre diferentes pontos turísticos da cidade, e sugeriu-se que o Pátio Schlüter deveria se manter aberto mesmo quando o Humboldt-Forum estivesse fechado, para permitir que restaurantes ali instalados funcionassem em turnos estendidos (Jürgens, 2011a).

Em 30 de junho de 2011 é aberto o Humboldt-Box, uma edifício localizado ao lado do canteiro de obras. Este também é alvo de críticas, principalmente por sua

13. A Fundação Castelo de Berlim Humboldt-Forum, estabelecida em 2009, é uma organização sem fins lucrativos. Ela tem o papel de gerenciadora do Humboldt-Forum nas premissas do Castelo de Berlim e irá financiar a reconstrução das fachadas e da cúpula barroca com a ajuda de doações públicas ou através de apoio financeiro privado (Rettig, 2013).

forma arquitetônica claramente não se encaixar ao entorno do centro histórico de Berlim:

> *"Críticos da construção do Castelo veem a construção da caixa horrorosa como uma manobra tática dos Amigos do Castelo. A Humboldt-Box é tão feia, que agora todos que são contra a cópia do Castelo querem vê-lo logo pronto, para que a Box terrível desapareça do centro de Berlim." (Sontheimer, 2011)*

Interessante é notar que o grupo pró-Castelo também não aprova a forma do novo edifício, mas utiliza disso como um argumento a seu favor. Segundo o jornalista Eckhard Fuhr (2011), o edifício é tão claramente deslocado de seu contexto que deixa claro que o centro de Berlim só pode funcionar com um edifício histórico.

Sua forma duvidosa, porém, funciona como um atrativo à visitantes. Segundo reportagem do jornal Berliner Morgenpost (Kolpatzik, 2011), o edifício, em aproximadamente de um mês de abertura, recebeu cerca de 1500 visitantes por dia. Ainda segundo a reportagem, seu objetivo principal é de estabelecer um diálogo com os habitantes da cidade. Nos três andares estão divididas exposições das instituições envolvidas com o projeto, apresentando seu futuro papel no complexo cultural. Destaca-se a apresentação da Associação Castelo de Berlim, no primeiro andar, que mostra reproduções em tamanho original de futuras peças da fachada, estimulando a doação do visitante para sua reconstrução. Nos outros andares, visitantes podem ver as mostras "*Made in China*. Porcelana para o mundo" ou "Venda de sapos na África. As consequências ecológicas". Também estão presentes máscaras da Oceania, adquiridas de nativos durante o período colonial (Sontheimer, 2011).

A Associação deve arrecadar no mínimo 80 milhões de euros. Seus funcionários, muitos voluntários, se revezam em turnos no Humboldt-Box para esclarecer a visitantes questões como "por que reconstruir o Castelo?". Independente do valor da doação, o visitante recebe um certificado, que indica a sua contribuição.

Já o Palácio da República, com exceção de uma breve menção na linha do tempo, é quase que completamente ignorado em toda a

HumboldtBox
Berlin
open daily

exposição. Segundo voluntários, ele porém não deixa de ser um tema que incita dúvida e revolta dos visitantes.

Além daqueles que visitam a Humboldt-Box, que variam entre cidadãos alemães e turistas internacionais, a Associação Castelo de Berlim também conta com doações de milionários estrangeiros, segundo uma reportagem do jornal Tagesspiegel (Schönball, 2012). Entre eles, o ex-diplomata Henry Kissinger, o herdeiro da marca de cosméticos Ronald Lauder e o ex-presidente americano George Bush pai, que afirmou:

> *"Nós americanos estamos orgulhosos de ajudar a Europa superar a divisão de Berlim, da Alemanha e da Europa. E quando o Castelo de Berlim for restabelecido, uma das últimas feridas visíveis da destruição e da divisão vai ser curada" (Bush, George apud Schönball, 2012).*

Não é a primeira vez que doadores americanos se envolvem com projetos de reconstrução na Alemanha: os mesmos personagens são citados também como importantes financiadores da reconstrução da Frauenkirche de Dresden. As grandes doações, porém, não partem somente de estrangeiros. Com representantes em diferentes cidades na Alemanha, a Associação Castelo de Berlim faz apelo também a empresas alemãs, apostando no programa do Humboldt-Forum como grande projeto cultural do país. Segundo a reportagem (Schönball, 2012), tais investidores, normalmente estão dispostos a desembolsar pelo menos mil euros quando participam de eventos em prol da reconstrução. Importante é ressaltar, porém, que enquanto investidores da antiga Alemanha Ocidental se animam com o projeto, o número de doadores da antiga Alemanha Oriental é baixo.

O estabelecimento de uma Fundação Castelo de Berlim - Humboldt-Forum, a nomeação de seu presidente Manfred Rettig e as pressões já conhecidas da

Humboldt Box, 2012.

Associação Castelo de Berlim presidida por Wilhelm von Boddien ajudam a antecipar as datas do início do projeto. Os trabalhos no terreno são marcados para se iniciar em 2012, considerando especialmente as obras do metrô. Para 2013 é marcado o início das obras do edifício, que tem previsão para se finalizar em 2018. Até 2019, as instalações internas e a transferência das instituições ao edifício deverão estar concluídas (Jürgens, 2011a).

Pela primeira vez desde 2007, o Estado admite que os gastos com as obras serão mais altos do que 552 milhões de euros. Segundo Rettig, as bases de custo, de 2007, não condizem aos valores do ano de início da obra, 2013. Logo os valores deverão ser cerca de oito por cento mais altos, atingindo a soma de 590 milhões de euros (Ibid).

Este novo valor é aprovado pela Comissão de Orçamentos do Bundestag em julho de 2011. Decide-se também que reconstruções extras como a cúpula e os portais, além do café com um terraço - tudo estimado em mais 28,5 milhões de euros - só serão realizadas caso as doações da iniciativa privada superem os 80 milhões já previsto para as fachadas. Wilhelm von Boddien, presidente da Associação Castelo de Berlim, se mostra otimista em relação às doações, afirmando que, se no final de 2011 cerca de 20 milhões de euros já haviam sido coletados (Jürgens, 2011b). Ele garante ainda que as doações se intensificariam com o início da construção, permitindo também as reconstruções extras.

Em abril de 2012 começam as movimentações no canteiro de obras (Spangenberg, 2012). O terreno começa a ser preparado para receber as fundações da edificação e a estação de metrô da linha 5. Além disso, obras são realizadas para proteger os porões do Castelo original, permitindo a criação posterior de uma janela arqueológica.

As peças das fachadas começam a ser produzidas em

"Fachada modelo" no canteiro de obras. Nela serão realizados os testes para a fachada do Castelo de Berlim.

uma oficina no distrito de Spandau, em antigas bases militares britânicas. Um serviço de shuttle permite que todos aqueles que apresentem um comprovante de doação possam visitar a oficina, que fica localizada a cerca de 20 quilômetros do canteiro de obras no centro da cidade.

Na Schlossbauhütte (que pode ser traduzido livremente como Cabana de Construção do Castelo), os trabalhos são realizados manualmente, do mesmo modo que foram as esculturas originais, por artesãos especializados nessa antiga técnica (Schönball, 2011). Eles produzirão cerca de 3 mil peças, baseadas em 300 modelos diferentes. Entre elas, existem estátuas, capitéis de colunas, águias e elementos menores, como guirlandas de folhas. Além de basearem seus trabalhos em projetos e fotos, um grande esforço foi realizado para resgatar diversas partes da antiga construção para serem utilizadas como modelo. Quando possível, essas peças serão expostas no interior do Castelo.

As primeiras reproduções compõem uma "fachada modelo", exposta ao lado do canteiro de obras desde maio de 2012. Neste exemplar de escala 1:1, serão testados cores, tipos de pedra arenito e janelas.

O prazo final para a finalização do projeto de reconstrução das fachadas, porém, não é claro. O presidente da Fundação Castelo de Berlim, Manfred Rettig afirma em setembro de 2011 que até o ano de 2018, o edifício deve estar completo. Sua forma histórica, porém, com fachadas completamente finalizadas, ainda é incerta - o que dá alguma esperança para aqueles que são contra a obra:

> *"Sem decorações e com uma cúpula sem adorno o Castelo ficaria nu - um triunfo posterior para os seus oponentes. Não é impossível que isso acontecerá." (Schönball, 2011)*

na página seguinte: Cerimônia de lançamento da pedra fundamental do Castelo de Berlim, Humboldt-Forum, em 12 de junho de 2013. Na imagem é possível identificar: na fileira mais ao fundo, em terceiro lugar da esquerda para a direita, Wilhelm von Boddien (presidente da Associação Castelo de Berlim) e em sexto lugar, Hermann Parzinger (presidente da Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano); na fileira da frente, em

O início da construção das fundações ocorre em junho 2012. Na ocasião, ressalta-se a importância da construção não somente como objeto arquitetônico mas também como projeto cultural, valorizado pelas autoridades ali presentes por sua "grande dimensão patriótica" e sua importância como centro de diálogo internacional. Quando questionado sobre os valores da obra, o Ministro da Cultura Bernd Neumann afirma que "nós [povo alemão], como nação industrial mais forte [do mundo] devemos permitir que algo assim seja feito." (Gundlach, 2012)

Meses depois, em fevereiro de 2013, quando o debate já parecia concluído, em uma controversa entrevista, o ex-Chanceler da Alemanha Ocidental, Helmut Schmidt, manifesta o seu desgosto com o projeto de reconstrução do Castelo de Berlim (Exner, 2013). O político critica principalmente o financiamento da obra, que é feita principalmente pelo Estado Alemão e não pela cidade de Berlim - "mas quem, por favor, precisa de um Castelo da República?":

> *"A grandeza, com que Berlim gasta o dinheiro dos outros, é fenomenal. Eu prevejo que isso não vai se estender. Em alguma hora as pessoas vão ficar de saco cheio que elas precisam financiar Berlim." (Schmidt, Hemult apud Exner, 2013)*

Schmidt considera o projeto de maneira geral superficial. E também não entende o porquê a iniciativa privada toma parte dos custos:

> *"Eu me faço uma pergunta bem fundamental: o que vai ser isso exatamente [o Humboldt-Forum]? Ali a iniciativa privada funda uma associação e com isso recebem um pouco de dinheiro. Eles fazem muita propaganda, sem saber exatamente, o que eles querem fazer no Castelo." (Schmidt, Helmut apud Exner, 2013)*

segundo lugar, Manfred Rettig (presidente da Fundação Castelo de Berlim Humboldt-Forum), em terceiro lugar, Wolfang Tiefensee (Ministro de Obras entre 2005-2009), em quarto, Franco Stella (arquiteto do Humboldt-Forum), em sétimo Klaus Wowereit (prefeito de Berlim), em décimo, Monica Grütters (Ministra da Cultura). Em frente ao pódio, fechando a cerimônia, Joachim Gauck (presidente da Alemanha).

INLEGUNG
CHLOS – HUMBOLDFO
3
1443 · 201

ORIUM
13

Autoridades envolvidas com o projeto logo se mobilizam contra o pronunciamento do ex-político, ressaltando principalmente o caráter cultural do projeto:

> *"Quem pensa que não se precisa de um Castelo prussiano, porque não existe mais a Prússia, não vê que atrás das fachadas barrocas tem uma coisa totalmente diferente, um novo tipo de sede para as culturas do mundo. Esse desenvolvimento pioneiro do patrimônio da Ilha dos Museus reflete na tradição do nosso país como uma nação cultural e científica. Neste aspecto, o Humboldt-Forum no Castelo de jeito nenhum é um projeto somente de Berlim. O Humboldt-Forum terá um impacto internacional."(Parzinger, Hermann apud Mohr; Walde; Kirschner, 2013)*

Em meio à controvérsia, surge uma notícia positiva a favor da reconstrução. Um doador anônimo faz uma contribuição milionária à Associação Castelo de Berlim, o suficiente para garantir parte da reconstrução da cúpula do Castelo em seu formato original (Förderverein, 2013).

O lançamento da pedra fundamental ocorre em 12 de junho de 2013. Na ocasião, estão presentes autoridades e cerca de 900 convidados. Marcante é a ausência da Chanceler Angela Merkel. Segundo uma reportagem da revista Spiegel, "a mensagem é clara: deixe este Castelo quieto, este ano tem eleições" (Rapp, 2013:125), em uma indicação que o projeto não deve ser diretamente associado a Merkel. De fato, ao longo dos anos, a Chanceler não se manifestou fortemente nem a favor, nem contra o projeto. Segundo a reportagem de Rapp, isso ocorre porque, por mais que o projeto seja incansavelmente discutido, ele parece sempre estar carregado de incertezas:

> *"Na discussão sobre o Castelo de Berlim afundou o que poderia ter afundado. Teve discussão sobre fachadas, onde antes se deveria ter se pensado o uso." (Rapp, 2013:125)*

A maior autoridade presente no evento era o presidente Joachim Gauck, que por sua vez escolheu não fazer nenhum pronunciamento. O discurso mais importante foi feito pelo presidente da Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano, Hermann Parzinger, que ressaltou

o papel do Humboldt-Forum como um projeto de reconciliação entre os povos, dedicado ao diálogo (Schönball, 2013). No domingo seguinte, o canteiro de obras abriu suas portas para mais de 10 mil visitantes curiosos sobre o projeto.

Um ano após o lançamento da pedra fundamental, em junho de 2014, o segundo andar do edifício já estava em construção. Dois terços do esqueleto da obra estavam concluídos e não havia mudanças na data de entrega ou ajustes no orçamento. Segundo o jornal Berliner Morgenpost, o mérito é todo do seu gerenciador, Manfred Rettig (Schmiemann, 2014). Já uma reportagem da revista Spiegel (Becker; Sontheimer, 2014), aponta que existiam demandas para a mudança do projeto da Biblioteca, que exigia maior área no complexo cultural, o que representaria para Rettig "uma catástrofe", pois a obra já estava avançada. Mudanças no projeto, portanto acarretariam em maiores custos que o Estado não estava disposto a pagar.

O ritmo de doações para a reconstrução das fachadas, por sua vez, parecia não acompanhar o sucesso das obras do Humboldt-Forum. Até a realização do concurso, a Associação havia arrecadado cerca de 10 milhões de euros, que haviam sido utilizados para cobrir os custos da pesquisa e reconstituição dos desenhos técnicos do edifício original. Até dezembro de 2014, acumulava-se 26,9 milhões de euros em doações. A falta de fundos já afetava o projeto. O plano de construção de um restaurante na cobertura (estimado em 3 milhões de euros) foi abandonado (Flatau, 2014). A quantia arrecadada garantia o avanço da construção das fachadas até o fim de 2016, mas ainda não se poderia garantir sua finalização (Eichelmann, 2014b).

Por outro lado, na visão de Wilhelm von Boddien, presidente da Associação responsável pela coleta de doações, não existiam preocupações: "Nós temos certeza que a vontade de doar irá aumentar a medida que as pessoas possam ver a construção", afirmou o empresário em entrevista (Dem Berliner, 2014). O ritmo das contribuições também não parecia preocupar Manfred Rettig, que afirmou que, até então, o debate e as dúvidas acerca à reconstrução desincentivava doações. Com o início das obras, a mudança de atitude por parte dos doadores já era visível (Walde; Wulff, 2014).

Para incentivar possíveis contribuintes, a Associação Castelo de Berlim produziu um catálogo dos elementos da fachada, permitindo que os doadores em potencial escolham que componente desejam contribuir à obra. Os valores partem de 50 euros, mas a cornija do Portal I, por exemplo, chega a custar 218 mil euros (Eichelmann, 2014a). Todos os colaboradores terão seus nomes expostos em um painel no interior do edifício. Se preferirem, porém, sua doação poderá ser anônima. A preparação para a instalação dos elementos reconstruídos se inicia em fevereiro de 2015.

Em março de 2015, uma proposta do novo prefeito de Berlim ameaçou causar desordem no perfeito cronograma das obras. Michael Müller sugere que a exposição proposta pela Biblioteca Central e Regional de Berlim (uma apresentação sobre as diferentes línguas do mundo) fosse substituída por uma mostra sobre a história da capital. A recomendação era que ali fossem apresentadas as contribuições da cidade de Berlim para o mundo, seja através de seus artistas, cientistas, filósofos ou empreendedores. "A tarefa seria: ainda que a cidade tenha passado por tanto terror e miséria, o que Berlim deu ao mundo, ?" (Schaper, 2015).

Críticos logo apontaram as mazelas que a nova proposta traria ao projeto. Segundo o editorial do jornal Berliner Morgenpost (Warum, 2015), o plano na verdade é um desrespeito ao Estado Alemão, que é o grande financiador do Humboldt-Forum, pois as mudanças acarretariam certamente em aumento nos custos da obra. Ainda segundo o editorial, "o desenvolvimento e a concepção do Castelo não deveriam ser uma surpresa para ele [Müller] quando ele começou seu mandato." Também o presidente da Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano, Hermann Parzinger, afirmou que aquele não era mais o momento para mudanças de

Manfred Rettig, presidente da Fundação Castelo de Berlim Humboldt-Forum e gerenciador das obras. Segundo alguns jornais, ele é o responsável por garantir os prazos e orçamento da obra mais cara da Alemanha no século XXI.

projeto, e que o ano de 2015 era decisivo para responder questões finais como o programa das áreas ainda livres, fechar o financiamento e escolher um diretor para o futuro complexo cultural (Streit, 2015).

Os temores em relação a mudanças no projeto estavam nos possíveis custos adicionais que essas iriam implicar. Segundo o presidente da Fundação Castelo de Berlim - Humboldt-Forum, Manfred Rettig, cada programa exige condições técnicas muito específicas, e "quem aqui muda [o programa], toma automaticamente para si a responsabilidade política de não exceder o orçamento" (Senatschef, 2015). Segundo Müller, porém, a mudança no tema da exposição não implicaria em novos custos. Os 5 milhões de euros estimados para o programa da biblioteca seriam suficientes para a nova exposição, e os gastos já efetuados não significavam necessariamente "que este dinheiro estava perdido" (Jürgens, 2015a).

Os planos do prefeito se confirmam e a exposição Welt.Stadt.Berlin (que pode ser traduzido como "Berlim.Cidade.Mundial") passa a fazer parte do projeto do Humboldt-Forum (Lautenschläger, 2015a). Ela será elaborada pelo diretor do Museu da Cidade de Berlim, Paul Spies. Um primeiro projeto da mostra será apresentado em julho de 2016.

Debates sobre o conteúdo a ser exposto no futuro Humboldt-Forum e o rápido avanço das obras faz necessário a busca por um diretor para a instituição, apontado pela Ministra da Cultura, Monika Grütters. O nome mais bem cotado para o cargo era o de Neil MacGregor, então diretor do British Museum de Londres. A proposta foi bem vista pela imprensa e pelo governo, com elogios inclusive da Chanceler Angela Merkel, que afirma que o escocês possui "um senso político preciso, um talento para construir pontes em meio a mudanças políticas e históricas" (Kielinger, 2014). O trabalho de MacGregor impressionou autoridades e intelectuais alemães especialmente após sua exposição no British Museum, "Alemanha, Lembranças de uma Nação". Segundo críticos, a pesquisa realizada para a mostra permitiu interpretações sobre a cultura e a identidade alemã ainda não exploradas (Zylbersztajn, 2015).

Caberia ao diretor do Humboldt-Forum agir como espécie de curador chefe, que coordenaria o conteúdo a ser apresentado no

edifício. As responsabilidades pareciam corresponder às qualidades do candidato:

> *"Não existem hoje muitas personalidades culturais que saibam tratar de conhecimento e comunicação, cultura e política; e ainda são capazes de se fazer ouvir. A mudança de Neil MacGregor para Berlim no topo do Humboldt-Forum, (..) seria um presente britânico para a Alemanha e para a sua renovação cultural." (Kielinger, 2014)*

Em abril de 2015 as especulações se confirmam e MacGregor oficialmente aceitou o cargo, que assumiu a partir de 2016. Na mesma ocasião, é anunciado que a diretoria artística do Humboldt-Forum será também composta pelo historiador de arte da Universidade de Humboldt Horst Bredekamp e o arqueólogo Hermann Parzinger. A presença deste último também como diretor afirma o poder que a Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano irá exercer sobre a instuição. No período de dois anos, 2016 e 2017, os diretores deverão traçar os pontos principais que vão compor o conteúdo do Humboldt-Forum, além de estratégias para a sua formação e afirmação. O período do "mandato" causou certas dúvidas por parte da imprensa, uma vez que o edifício será inaugurado somente em 2019. Para Schulz (2015), o contrato com data de término indica que o papel de MacGregor é o de garantir que o conceito esteja bem traçado, não o de pensar exposições para a instituição. O desafio parece animar o escocês:

> *"Quando as coleções de fora da Europa pela primeira vez forem expostas no Castelo, será possível no centro de Berlim, como não é em lugar algum, observar a cultura do mundo. Esta é uma oportunidade histórica para a Alemanha, para a Europa e para todo o mundo." (MacGregor, Neil, 2015)*

No dia 12 de junho de 2015 é celebrada a cerimônia de fechamento da cobertura do Humboldt-Forum. O evento foi acompanhado por 1500 convidados no interior do canteiro de obras e cerca de 50 manifestantes do lado de fora. A formalidade é aberta pelo presidente da Fundação Castelo de Berlim - Humboldt-Forum, Manfred Rettig

Richtfest
Berliner Schloss-Humboldt Forum
12. Juni 2015

com a frase: "O mais importante projeto cultural da Alemanha está dentro do orçamento e do prazo"(Jürgens, 2015b). É acompanhado pela fala da Ministra da Cultura, Monika Grütters, que ressalta o valor da reconstrução como projeto cultural de uma cidade global:

> *"O Humboldt-Forum é o Castelo de Berlim para o mundo. Nós fazemos dele aquilo no qual se baseia o nome 'Humboldt': a tradição do Iluminismo, a ideia de consciência de si próprio, a abertura para a aproximação dos povos, o ideal de um diálogo pacífico." (Grütters, Monika apud Jürgens, 2015b)*

O jornalista Rüdiger Schaper (2015) lembra que a cerimônia na verdade celebra duas obras em um único edifício: a reconstrução do Castelo de Berlim e a construção do Humboldt-Forum. "Raramente de um único edifício demanda-se tanto, politicamente, historicamente, culturalmente." Ainda sim, o jornalista continua, ele cresceu rapidamente, como se o concreto conseguisse sobrepor todas "as histórias e a História, os debates e as lembranças".

Em novembro de 2015 é anunciado que o Estado Alemão destinaria mais 5 milhões de euros para a construção de um restaurante na cobertura do futuro Castelo (Jürgens, 2015c). O programa do restaurante fazia parte do conjunto de elementos "opcionais" do projeto, que seria realizado somente caso existisse doações que superassem o marco inicial de 80 milhões de euros ou se houvessem doadores que destinassem fundos especificamente para tais elementos. Quando o Bundestag aprova a adição de fundos especificamente para esse fim, gera também a questão se eventualmente não destinará mais recursos para a reconstrução de todos os elementos ainda pendentes.

Segundo a Associação Castelo de Berlim, as doações

na página anterior: Cerimônia de fechamento da cobertura, realizada dentro do edifiico. O futuro Portal I recebeu um grande banner que mostra como será a sua futura ornamentação.

para a reconstrução crescem notavelmente a medida que a construção do edifício avança. Em dezembro de 2015, acumulava-se 41,1 milhões de euros, sendo que destes, 13,2 milhões eram destinados a reconstruções "extras" da cúpula e de portais (Kurpjuweit, 2015). Curioso é que, se em 2014 o número de doadores residentes em Berlim era de 10%, e, em 2015, o número pula para 50%, o que pode significar que a população da cidade começou a aceitar o projeto a medida que ele é construído.

A partir de 2016, iniciou-se o processo de preparação das coleções de Dahlem para a eventual transferência ao centro histórico de Berlim. Antes do transporte propriamente dito das peças, é necessário um preparo dos objetos. Cerca de 17 mil deles deverão ser restaurados antes da viagem. Outros precisarão ser desmontados para depois serem remontados já dentro do novo edifício. O enorme esforço, que poderá custar até 32 milhões de euros, faz necessário que o museu feche algumas de suas sessões progressivamente até 2018, na espera pela inauguração de sua nova sede (Lautenschläger, 2015b). É importante lembrar que somente uma parte reduzida da coleção será exposta no centro de Berlim, o restante permanecerá em reservas técnicas. Portanto, questiona-se qual será o destino do edifício de Dahlem, que pertence à Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano, após 2018. Até o momento, a Fundação ainda não havia apresentado planos (Lautenschläger, 2015c).

Na primeira semana de 2016, uma notícia inesperada tomou os jornais. O então gerenciador das obras do Humboldt-Forum, Manfred Rettig, anunciou que deixaria o cargo a partir de 1º de março de 2016. Os rumores sobre a razão de sua saída se confirmam em uma entrevista ao jornal Tagesspiegel (Peitz; Schönball, 2016). Nela, Rettig afirma que não concorda com pedidos de mudanças de projeto quando a construção já está em curso, e que "a todos deve ficar claro que limites são estabelecidos de modo a não comprometer o projeto." Ele se referia às mudanças no conteúdo das exposições propostas pelo prefeito de Berlim, Michael Müller, e também a especulações que o novo diretor artístico do Humboldt-Forum, Neil MacGregor, iria propor alterações no programa quando assumisse

seu posto.

> *"Quando se trata de fiascos, é sempre o gerenciador da obra que leva a culpa. Mas em 80% dos casos, é culpa dos usuários que pedem mudanças já muito tarde no cronograma." (Rettig, Manfred apud Peitz; Schönball, 2016)*

A saída de Rettig é vista como uma surpresa e uma lástima para muitos (Schönball, 2016). O presidente da Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano, Hermann Parzinger, elogia o gerenciador e afirma esperar encontrar um bom sucessor, "que siga os trabalhos com rigor técnico e profissionalidade." Por parte da mídia, alguns jornais veem o pedido de demissão como uma grande perda ao projeto, valorizando a capacidade do engenheiro em manter o cronograma e o orçamento, e se questionam como será possível continuar a obra sem essa figura chave. A jornalista Christiane Peitz (2016), por sua vez, aponta que a saída de Rettig foi na realidade um ato egoísta. Segundo a especialista em cultura, o momento mais crítico da construção do Humboldt-Forum se aproxima, com a especificação do seu conteúdo, e Rettig, para poupar a sua imagem, se afasta do projeto:

> *"É irritante que Rettig parte agora, ao invés de fazer merecer a sua fama como gerenciador, neste momento que é essencial garantir a atratividade do Humboldt-Forum. Ele acha o projeto bom, mas a sua imagem é muito mais importante. Ele atingiu uma fase que não é mais possível seguir o plano." (Peitz, Christine, 2016)*

Ao longo das semanas após o anúncio, os jornais começam a noticiar que os planos de construção para o Humboldt-Forum não estavam correndo tão bem quanto era anunciado. Segundo uma reportagem da revista Spiegel (Becker; Sontheimer; Wassermann, 2016), desde agosto de 2015 o gerenciador já lidava com problemas

na próxima página: Castelo de Berlim - Humboldt-Forum, maio de 2016.

nas instalações técnicas do edifício. Segundo os jornalistas, havia problemas nas entregas de detalhamento do projeto por parte do time do arquiteto Franco Stella, além de possíveis mudanças de programa. Já existia a possibilidade de que o projeto não poderia ser inaugurado em 2019 e somente com sorte parte do edifício poderia ser aberta naquele ano. Segundo os jornalistas, tais problemas ocorriam provavelmente porque "desde a Queda do Muro, políticos quase nunca se interessaram pelo conteúdo, sempre mais pelas fechadas dos projetos."

Poucos dias antes da saída de Rettig, foi anunciado o seu substituto: o engenheiro Hans-Dieter Hegner. Ele trabalhou durante os anos 1980 no Ministério de Obras da Alemanha Oriental, e foi, durante 16 anos, consultor do Ministério de Obras e Planejamento em questões de modernização de edifícios. Sua tarefa agora é de liderar a fase mais complexa da construção do Humboldt-Forum, a implementação de seu programa.

No mesmo dia é anunciada a nova diretora administrativa do Humboldt-Forum: Lavinia Frey, gestora cultural especializada em dança e teatro. Seu trabalho será o coordenar e administrar o trabalho dos três diretores artísticos: MacGregor, Parzinger e Bredekamp.

As fachadas barrocas começam pouco a pouco a serem instaladas sobre a estrutura de concreto. Mas, faltando menos de três anos para a data de sua inauguração, o Humboldt-Forum é ainda uma obra que poderá gerar diversas surpresas. Cabe a seus novos administradores e aos futuros usuários do edifício definir com clareza os objetivos do projeto, de modo a possibilitar que sua construção não se prolongue muito além do planejado. O projeto, já muito frágil em sua concepção, pode correr o risco de ter também a sua popularidade em risco.

AFRIKA
AMERIKA
ETHNOLOGISCHES MUSEUM - MUSEUM FÜR ASIA
RESTAURANT · CAFE
IM MUSEUM

O Humboldt-Forum

O Humboldt-Forum é o mais importante projeto cultural realizado na Alemanha contemporânea e a mais cara empreitada cultural da Europa do início do século XXI (Scaturro, 2015). O projeto foi idealizado por Klaus-Dieter Lehmann, antigo diretor da Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano, que no ano 2000 anuncia a proposta de transferência do Museu Etnológico e o de Arte Asiática do distrito de Dahlem para o novo edifício do Castelo de Berlim. Até então, apesar do longo debate em torno das fachadas do edifício, pouco se falava do que seria instalado no interior do Castelo. Como já analisado, a proposta de Lehmann e a idealização do Humboldt-Forum foi um dos fatores que levaram a decisão do Parlamento Alemão em reconstruir o edifício.

Ainda assim, até mesmo durante o concurso de arquitetura para a escolha do projeto que seria sede do Humboldt-Forum, pouco se explicava sobre o programa que ali seria desenvolvido. Também a mídia, ainda muito

O Museu Etnológico e de Arte asiática, atualmente localizados no distrito de Dahlem, terão a sua sede no Humboldt-Forum.

focada em questionar o propósito da reconstrução, pouco abordava e questionava o novo programa que a antiga residência abrigaria e como esse se relacionaria com a sua sede.

Em julho de 2009, o projeto começa a ser melhor delineado pelas partes envolvidas. Através de uma exposição no Altes Museum, ressalta-se seu uso como uma casa de disseminação do conhecimento, um "projeto de reconciliação", onde polaridades da história do local poderiam se reencontrar (Fuhr, 2009). Nessa ocasião, as três instituições envolvidas no projeto também aproveitam a oportunidade para se lançar como parceiras, mostrando onde suas funções se tangenciam e onde suas coleções conversam.

Em novembro do mesmo ano, funda-se a Fundação Castelo de Berlim - Humboldt-Forum, sem fins lucrativos, presidida por Manfred Rettig. A ela é destinado o papel de gestora do projeto e também é responsável pela coordenação de atividades relacionadas à construção do edifício. Cabe à Fundação, por exemplo, permitir a participação do público no decorrer das obras e garantir a transparência do projeto em relação às decisões sobre ele tomadas e ao seu orçamento.

Uma brochura produzida e disponibilizada em 2011 ressalta a oportunidade de transformar o centro de Berlim em um local baseado nas "conquistas culturais da Prússia do século XIX" (Rettig, 2011:9), que acumulou, ao longo dos anos de reinado, diversos tesouros culturais e artísticos.

Segundo o texto (Ibid), após a Reunificação Alemã, as instituições da Ilha dos Museus tiveram um grande crescimento em sua popularidade. Coleções que haviam sido separadas foram novamente reunidas, tudo guiado por um plano que também previu a renovação e expansão de alguns edifícios. O Humboldt-Forum, localizado do lado oposto do Lustgarten, será a mais nova instituição do grupo, com o foco em culturas da Ásia, África, América e Oceania. Assim, Berlim irá se tornar uma cidade referência em termos culturais por concentrar em seu centro um significante conjunto de instituições museológicas. "Nenhuma outra cidade combina a riqueza de coleções internacionais em uma única instituição: Museus Nacionais da Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano" (Ibid:9). A influência do Humboldt-

Forum, portanto, não será somente sobre a cidade, mas em nível global:

> *"(...) nós demonstramos estar prontos intelectualmente para o nosso país desenhar o centro geográfico da nossa capital não com interesse próprio em mente, mas com foco na curiosidade e na abertura para o mundo. O local também vai contribuir para a compreensão própria de um mundo globalmente conectado." (Rettig, 2011:9)*

O Humboldt-Forum pretende se tornar um novo centro para experienciar arte e cultura. A instituição pretende adicionar a coleção de arte e cultura não europeia ao complexo da Ilha dos Museus. A proposta é de difundir conhecimento sobre culturas de todo o mundo, possibilitando intercâmbios culturais e despertando a curiosidade sobre o desconhecido. Segundo Rettig (Ibid:15) "entender a diversidade cultural e estar preparado para o diálogo são condições significantes para modelar nosso futuro." Nesse sentido, a instituição também busca personificar a ideia de uma nova Alemanha, aberta para novas culturas:

> *"O Humboldt-Forum é vital, porque a Alemanha precisa de um lugar para trocar pontos de vista, objetivos e experiências de outras culturas e sociedades." (Rettig, 2011:15)*

Ele será ocupado por três instituições: a Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano, a Biblioteca Central e Regional de Berlim e a Universidade Humboldt.

A Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano (Stiftung Preußischer Kulturbesitz) ocupará a maior área do edifício, reunindo coleções não europeias dos Museus Nacionais de Berlim, localizados atualmente no distrito de Berlim-Dahlem (distante 14 quilômetros do centro da cidade), onde estão divididos em Museu Etnológico (Ethnologisches Museum) e Museu de Arte Asiática (Museum für Asiatische Kunst). Essas coleções contém mais de 500 mil artefatos e obras de arte de todos os continentes, tombados pela UNESCO. Este acervo compõe um dos mais importantes de seu tipo no mundo.

A Biblioteca Central e Regional oferecerá uma grande gama de

serviços, com destaque em cinco áreas de conhecimento: dança/palco, filme, arte, música e crianças/jovens. Seu objetivo é, através de diversas mídias, oferecer uma biblioteca e espaço educativo moderno para crianças e jovens. Uma visão otimista da diretora geral da Biblioteca Central e Estadual de Berlim, Claudia Lux, aponta que o projeto no Humboldt-Forum é uma oportunidade para testar um novo conceito de biblioteca no centro da cidade: um centro cultural interativo para crianças e adultos (Apin, 2008b).

A Universidade Humboldt trará para o edifício algumas de suas coleções e laboratórios. Além disso, pretende fazer com que o espaço também seja utilizado pelo seu corpo docente e discente como local de discussão de questões globais.

Segundo o texto do presidente da Fundação Castelo de Berlim - Humboldt-Forum, Manfred Rettig (2011), o programa da instituição apresenta uma oportunidade para uma nova conexão entre os parceiros, desenvolvendo colaborações interativas e criando acesso a um mundo de possibilidades além de cada especialidade. Artes e Ciências poderão se envolver em um diálogo que oferecerá ao público uma grande gama de atividades culturais.

> *"A visão Ocidental do mundo será suplementada por perspectivas adicionais, provocando uma mudança de ponto de vista (...) No espírito dos irmãos von Humboldt, o Humboldt-Forum vai trazer o mundo à vista." (Rettig, 2011:22)*

O local do Humboldt-Forum é extremamente simbólico para a história alemã. Por esse motivo, "ele precisa se tornar um local público que reflete a política cultural e ambições que fortemente influenciaram a cidade" (Ibid:15). É muito clara também a forte valorização da cultura prussiana no projeto:

Wilhelm von Humboldt (1767 - 1835)

"Com o estado cultural prussiano novamente evidente, cultivar seus museus assim como seus estabelecimentos acadêmicos e educacionais é para o benefício do futuro da Alemanha Reunificada."(Rettig, 2011:15)

O conceito para o Humboldt-Forum surgiu do próprio programa do edifício onde ele será abrigado, o Castelo de Berlim. Museu, Biblioteca e coleção da Universidade, todos tiveram sua origem no Gabinete de Artes e de Maravilhas da Prússia e de Brandenburg (Kunst- und Wunderkammern), abrigados no antigo Castelo.

A coleção nunca foi pública, mas é conhecido o importante papel que arte e ciência tinham para os Hohenzollern. O Castelo foi sede de crescente interesse científico por natureza e arte, que encontrou sua expressão no "Teatro de Natureza e Arte", promovido por Gottfried Wilhelm Leibniz. As coleções etnológicas, que se originaram no Castelo, buscavam demonstrar como a família Hohenzollern tinha uma importância mundial e sua influência se expandia pelos continentes. Na visão pregada pelo Estado, "o conceito para os conteúdos do Humboldt-Forum renova as funções prévias do Castelo e as expande para os tempos modernos"(Ibid:17).

A união de museus, biblioteca e universidade possui o nome Humboldt porque os irmão Wilhelm e Alexander são figuras consideradas chave no conceito do Humboldt-Forum. Wilhelm representa um papel de importância no pensamento clássico da história intelectual europeia, na compreensão de culturas não europeias, no significado da linguagem para compreender arte e cultura, na conexão entre biblioteca e universidade e em uma política educacional extensa. Alexander simboliza a curiosidade sobre o mundo, abertura às culturas estrangeiras, a exploração da América e da Ásia em diversas disciplinas, e a ideia de unidade entre natureza e cultura. O Castelo

Alexander von Humboldt (1769 - 1859)

de Berlim original foi um local onde Alexander von Humboldt pôde apresentar e debater essas ideias, como convidado do Imperador Friedrich Wilhelm IV. Assim, os irmãos eram considerados grandes defensores de uma visão mundial baseada no igual valor das culturas do mundo.

O Humboldt-Forum será dividido em três partes principais: a Ágora, as Oficinas de Conhecimento e locais de exposição.

A Ágora no piso térreo será o ponto de acesso de visitantes, expondo e orientando sobre a diversidade de culturas globais e suas manifestações. Uma sala multifuncional e um auditório abrigarão peças de teatro, filmes, apresentações musicais e saraus. A proposta é convidar diferentes artistas do mundo para se apresentarem diante de uma grande audiência. Ali poderão também ocorrer debates e discussões entre especialistas, em um fórum destinado às ciências, cultura e política. A Ágora também abrigará exposições especiais temporárias que exibirão arte contemporânea de fora da Europa. Ela será o centro e ponto focal do Humboldt-Forum, servindo como uma ponte entre o mundo e a coleção apresentada no edifício. Diferentes instituições serão convidadas a participar de suas atividades e a discutir as questões do mundo contemporâneo. Este espaço voltado para temas atuais, como explica a Ministra da Cultura Monika Grütters, confere um caráter jovem ao Humboldt-Forum:

> *"[O Humboldt-Forum] não deve estar inserido só no contexto museológico, mas também deve prover permanentes discussões. Portanto, também estão planejados espaços para exposições contemporâneas e avant-garde de todo o mundo. O Humboldt-Forum é um convite para ser um cidadão global. Ele possui essa ideia. E Berlim é desejável, especialmente para jovens ao redor do mundo. O Humboldt-Forum é finalmente a visão para esta Berlim jovem e cosmopolita." (Grütters, Monika apud Richter; Kirschner, 2014)*

As oficinas de conhecimento serão dedicadas à acadêmicos e pesquisadores, onde as três instituições parceiras no Humboldt-Forum vão unir forças para desenvolver novas pesquisas, que poderão receber apoio internacional. A proposta é que o centro cultural permita que especialistas de diferentes disciplinas possam

trabalhar juntos e expandir suas áreas de atuação. E que ali também possam compartilhar com o público seus avanços, através de mídias impressas ou digitais. A proposta é de não somente avançar em pesquisas relacionadas a culturas não europeias, mas também de compartilhar com o público o conhecimento que muitas vezes fica destinado exclusivamente à Academia.

> *"O Humboldt-Forum vai tornar o conhecimento acessível nos modos mais avançados e compreensivos. Tal conhecimento aumenta a compreensão de culturas do mundo e encoraja respeito e entendimento."(Rettig, 2011:38)*

Os locais de exposição permitirão que o visitante conheça o mundo através de suas culturas. A proposta é que todos os continentes sejam igualmente representados, através de sua cultura cotidiana, expressões artísticas e técnicas. As exposições também buscarão mostrar como os diferentes povos são afetados por processos econômicos e de globalização. Segundo Rettig (2011:42), "os objetos tem a intenção de demonstrar seu apelo estético como obras de arte, mas eles se tornam compreensíveis no seu contexto cultural contando suas próprias histórias." Além disso, propõe-se que mesmo sendo exposições permanentes, elas estejam em constante mutação, processo que permite reflexões diversas tendo como base a coleção.

O Humboldt-Forum deverá atrair todos os tipos de pessoas. Seu apelo está no fato de ser um local onde diferentes temas da humanidade serão discutidos por especialistas das mais diversas áreas e apresentados ao público de forma atraente. No contexto da grande coleção da Ilha dos Museus, o Humboldt-Forum pretende se tornar um lugar de legitimação da contribuição da Alemanha reunificada para todo o mundo.

> *"Ele tem o potencial de se tornar o local de cultura e conhecimento da Alemanha e de alterar a visão do mundo sobre nosso país. Até agora o Humboldt Forum também carrega uma grande tarefa política sobre si. Com certeza é um forte símbolo da cultura da nação alemã, que ocupará um excepcional local no centro de sua capital." (Parzinger, Hermann apud Haubrich, 2012:9)*

Para auxiliar no projeto, cria-se os Humboldt Labs Dahlem.

Os eventos buscam estimular propostas não usuais para as coleções de Dahlem, de modo a inspirar futuras exposições no interior do futuro Castelo de Berlim. No projeto se envolvem também artistas contemporâneos, que experimentam novas formas de apresentação da coleção. A proposta inovadora não atrai a todos, especialmente a diretora do Museu Etnológico de Berlim, Viola König:

> *"Tudo será diferente do que estamos acostumados. Mas agora começa um novo tempo. Nós precisamos criar algo que nos faça bem vistos na grande abertura do Humboldt-Forum. Mas não é usual para nós tomarmos o risco de dar responsabilidades a pessoas que não conhecemos, especialmente artistas." (König, Viola apud Woeller, 2013)*

Segundo Manfred Rettig, porém, é necessário que os Museus de Dahlem também se renovem. Segundo o gestor do projeto, museus precisam gerar expectativas em seus visitantes, portanto exposições não devem mais durar 30 anos e, para isso, é necessário também trabalhar com artistas contemporâneos (Walde; Wulff, 2014).

O desafio imposto ao Humboldt-Forum, porém, é maior do que a organização de um espaço de exposições interativas. O edifício que se parecerá com o Castelo de Berlim, por sua vez, não receberá novamente um monarca ou um representante político eleito democraticamente. Nesta nova paisagem será acomodada a cultura de fora da Europa. E como apontado em uma reportagem da revista Spiegel, a arquitetura feudal e os exemplares etnológicos foram unidos por "um casamento de forte cunho político, e que tem tudo para terminar infeliz" (Knöfel, Kronsbein; Sontheimer, 2008).

Nesse sentido, a proposta de Castelo e de Humboldt-Forum buscam acomodar forças contraditórias. A reconstrução tem como objetivo restabelecer a paisagem urbana de Berlim. Já a proposta do Humboldt-Forum surge como projeto conciliador, que permitisse que o investimento na reconstrução fosse justificado. Porém, enquanto o Castelo não poderia existir em qualquer outro local da cidade, o Humbodt-Forum, com seu projeto cultural ambicioso e que possui suas próprias qualidades, poderia ser relocado para qualquer sítio da capital (Schulz, 2010).

Existem algumas contradições claras do projeto. A primeira é a visível valorização da herança prussiana. Apesar de muito se argumentar que a reconstrução do Castelo de Berlim não se trata de uma valorização ao passado imperial, mas sim da reconstrução de um tecido urbano, o programa desenvolvido em seu interior ressalta a importância das coleções da família Hohenzollern para as conquistas da ciência no século XIX, além de ressaltar as conquistas culturais da Prússia e do Império Germânico. Explicitamente se ignora que os avanços prussianos se deram muitas vezes através de uma ocupação no contexto da colonização, o que faz questionar a legitimidade moral da aquisição de tais coleções. E como de modo a minimizar a violência de tais dominações, escolhe-se como homenageados os irmãos Humboldt, exaltados como precursores de um pensamento avançado para o seu tempo sobre cultura e tradição. Em uma reportagem do The New York Times de dezembro de 2008, o jornalista Michael Kimmelman escreve:

> *"Ingeborg Junge-Reyer, o senador de Berlim encarregado do desenvolvimento urbano, me disse outra manhã, com uma cara perfeitamente séria, 'É decisivo que se chame 'Humboldt-Forum', não 'O Castelo', porque o nome Humboldt simboliza conhecimento, abertura para outras culturas, e isto serve para a Alemanha.' Wilhelm von Humboldt, o grande filósofo, educador e amigo de Goethe e Schiller, e seu irmão Alexander von Humboldt, o naturalista, como Schinkel evocam os dias gloriosos do Iluminismo de Berlim." (Kimmelman, 2008)*

Um texto de Bernard Muller (2007) permite colocar o projeto do Humboldt-Forum em um contexto comum a outros países europeus. O autor afirma que, enquanto pesquisadores contemporâneos se dispõem a elucidar o passado colonizador de países europeus e suas consequências para os povos colonizados, os objetos coletados durante esse período suscitam um entusiasmo. Nesse contexto, diversos com coleções denominadas "etnológicas" renovam. O British Museum na Inglaterra, por exemplo, a partir de 2000 dedica espaços às coleções etnográficas. A França inaugura em 2006 o museu Quai Branly, museu das artes e civilizações não ocidentais da

África, Ásia, Oceania e Américas.

A natureza dos objetos conservados pelos museus e o contexto em que foram incorporados é o que gera debates:

> *"A grande maioria dos objetos foi coletada entre 1870 e a I Guerra Mundial, período que coincide com a conquista colonial. Em 1880, os europeus controlavam apenas 35% da superfície do planeta; em 1914, essa proporção já era de 84,4%. Ainda mais grave: um bom número desses objetos foi saqueado durante campanhas militares. Eles não falam somente da cultura dos 'outros' mas também de um capítulo complexo da história humana." (Muller, 2007)*

A ausência desses objetos cada vez mais é sentida pelos povos uma vez colonizados, como testemunhos de sua própria história e tradições. É de se esperar, portanto, o desejo de ter acesso a eles. Em diversos países existe um movimento a favor da reparação e restituição de bens culturais espoliados, que surge especialmente a partir dos anos 1980. A Nigéria pediu a restituição de centenas de placas de bronze que evocam a história do reino Edo que foram saqueadas em 1897 e hoje estão expostos no British Museum[1]. Os descendentes de Béhanzin, o último rei de Abomey (República do Benin), deposto pelos franceses em 1892, pediram a restituição do tesouro real, hoje mantido no museu Quai Branly. Uma associação internacional reclama ao governo austríaco a devolução da coroa do rei asteca Montezuma, levada por soldados de Hernán Cortés em 1519, e hoje mantida no Museum für Völkerkunde de Viena. O Egito exige da Alemanha a devolução do busto de Nefertiti. Estes são somente alguns de muitos exemplos.

As coleções exibidas no Humboldt-Forum devem ser tratadas com seriedade pois é a partir delas que parte toda a sua conceituação. E o questionamento sobre a sua

1. Quando levados à Europa pelos britânicos, os bronzes foram vendidos para diversas cidades. Berlim adquiriu cerca de 500 exemplares, que hoje fazem parte do acervo do Museu Etnológico.

origem duvidosa é exatamente o que gera o maior número de críticas em relação ao projeto. Uma reportagem do jornal Tagesspiegel (Loy, 2013) aponta que os baixos recursos do Museu Etnológico de Berlim não permitem rastrear a origem de toda a sua coleção. Somente os objetos adquiridos após 1945 estão devidamente catalogados, cerca de 80 mil itens. Os restantes 420 mil ainda possuem um passado nebuloso e não se sabe ao certo em que circunstâncias eles tomaram parte na coleção.

As investidas coloniais alemãs se iniciaram em 1884, quando potências europeias se reuniram em Berlim para dividir a África em colônias sob sua dominação. A conquista colonial alemã foi brutal. Um dos pontos mais baixos implicou em uma campanha de limpeza étnica dos povos Nama e Herero na Namíbia. Acadêmicos alemães afirmam que esse ato foi o primeiro genocídio do século XX, e acusam o governo alemão de tentar apagar de seus museus e de suas escolas essa parte da história. Há ainda outros exemplos, como a rebelião Maji Maji, onde 75 mil tanzanianos foram mortos por soldados alemães entre 1905 e 1907 (Scaturro, 2015).

Os coordenadores do Humboldt-Forum, em um primeiro momento, parecem desviar do assunto. A brochura disponibilizada pela Fundação Castelo de Berlim - Humboldt-Forum em 2011 termina com um curioso texto, onde se destaca:

> *"Hoje, os descendentes dessas pessoas [não europeus] cuja cultura material foi coletada por europeus, especialmente nos séculos XVIII e XIX, estão se tornando cada vez mais interessadas nesses itens. Eles os consideram como fortes evidências de sua história; em muitas instâncias, esses foram os únicos registros remanescentes que sobreviveram sem danos a era colonial, a trabalhos missionários e a modernização." (Rettig, 2011:43)*

O posicionamento inicial do Estado perante as controvérsias existentes nas próprias coleções faz surgir organizações como a "No Humboldt 21" (Loy, 2013), que desde 2013 lutam por reiniciar as discussões sobre o Humboldt-Forum e exigem a parada imediata das obras. Segundo os ativistas, inclusive o nome de Alexander von Humboldt deveria ser desassociado com o projeto, pois suas

pesquisas na América Latina foram a serviço da família real espanhola, que também promoveu a escravidão dos nativos, tudo para beneficiar um regime colonial (Schulz, 2013).

O exemplo do Humboldt-Forum, portanto, mostra a problemática existente em coleções museológicas: seu significado e caráter político podem mudar ao longo do tempo (Schulz, 2013).

Diante das críticas, representantes do projeto são obrigados a mudar seu posicionamento. Em um primeiro momento, a Fundação afirma que curadores e artistas dos países de origem da coleção serão convidados a participar do Forum, e o que for exposto será acompanhado de uma grande pesquisa sobre a origem dos objetos (Loy, 2013).

Mesmo assim, representantes Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano se recusam a participar de debates e discussões com representantes do movimento Humboldt 21 e outros grupos que questionam a legitimidade das coleções etnológicas (Rusch, 2014). Segundo Zimmerer (2015), nota-se que o discurso de uma instituição que pretende se afastar de uma visão eurocêntrica é repleto de uma retórica negligente sobre o seu próprio passado e levanta dúvidas se aqueles envolvidos no planejamento do Humboldt-Forum compreendem a complexidade do tema que pretendem abordar.

> *"A perpetuação da retórica ingênua da perspectiva eurocêntrica é provavelmente a causa fundamental dos desentendimentos e conflitos que acompanharam o debate do Humboldt-Forum desde seu começo" (Zimmerer, 2015)*

Felizmente, nota-se por parte de algumas autoridades, especialmente Hermann Parzinger, presidente da Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano, a intenção de enfrentar o debate. Na ocasião do lançamento da pedra fundamental da obra em junho de 2013, o historiador ressaltou que é sabido que a coleção apresentada no Humboldt-Forum pode ser associada a "uma parte dolorosa da História", e que cabe aos curadores agirem como "sucessores daqueles que criaram as obras" e resignificá-las como objetos de reconciliação. O Humboldt-Forum, segundo o Parzinger, é uma "grande oportunidade" para o

mundo, um espaço dedicado ao diálogo e à reconciliação dos povos (Schönball, 2013). Em um texto de sua autoria, publicado no jornal der Tagesspiegel em janeiro de 2015, o Parzinger (2015) afirma que a forte presença de cicatrizes do passado em nosso presente fazem necessário questionar os objetos da coleção sob uma perspectiva contemporânea e também "quebrar padrões de pensamento do passado". Segundo ele, "a única missão do Humboldt-Forum" é a de criar "uma casa com tesouros e conhecimento, que fala de tolerância e respeito".

Ainda em 2015, Parzinger rebate críticas e cria grande expectativas em relação ao projeto quando se compromete publicamente em fazer do Humboldt-Forum o primeiro na Alemanha a tratar das atrocidades que o país cometeu nas suas colônias na África e na Ásia (Scaturro, 2015).

> *"Por causa da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto, nós [alemães] esquecemos completamente que a Alemanha também tem uma história colonial. Nós não queremos fazer um museu como o Musée du Quai Branly em Paris, onde o colonialismo é completamente ausente. A história colonial alemã é curta, mas nesses poucos anos, coisas terríveis aconteceram." (Parzinger, Hermann apud Scaturro, 2015).*

Ainda segundo Parzinger (Fuhr; Seewald, 2015), a sensibilidade sobre a origem das coleções tem crescido, e portanto "pesquisas de proveniência [da coleção] fazem parte do trabalho do museu moderno", e que no Humboldt-Forum, essas questões serão colocadas com transparência. E mais, que posicionamentos muito radicais não cabem quando se pensam em museus, porque "a noção que todos os bens culturais deveriam ser mantidos somente em seu país de origem é falha se contradiz completamente com a compreensão de uma herança cultural da humanidade". E completa:

> *"Aqui não existe somente preto ou branco, mas sim infinitos tons de cinza. Exatamente por isso são realizadas pesquisas sobre a proveniência [das coleções]." (Parzinger, Hermann apud Fuhr; Seewald, 2015).*

Ainda é difícil concluir qual será o destino do novo Castelo de

Berlim, uma vez que seu conceito ainda está sendo oficialmente traçado por seus diretores. Todo o mundo deve estar no Humboldt-Forum, mas ninguém sabe exatamente ainda como e nem como lidar com um projeto de tal proporção. O desafio dos diretores Neil MacGregor, Horst Bredekamp e Hermann Parzinger será o de principalmente encontrar meios diplomáticos de garantir o diálogo entre as partes e saber lidar com as controvérsias.

Considerações finais

A reconstrução do Castelo de Berlim e a construção do Humboldt-Forum se mostram um fascinante estudo de caso na cidade que pode ser considerada um dos mais importantes observatórios de experimentações sobre o tratamento de memória e patrimônio histórico no pós-guerra (Vivio, 2010:222). O evento não somente evoca questionamentos sobre cópia e autenticidade, mas também dá espaço para infinitas indagações, como por exemplo, formação e desconstrução de identidades culturais, valorização e apagamento de memórias. Até a entrega do projeto, em 2019, outras diversas perguntas poderão ainda ser demandadas e outras mais surgirão ao longo de sua existência como obra edificada.

Como já abordado, a razão pela qual o tema permite tantos desdobramentos é que cópias arquitetônicas devem ser encaradas com juízo crítico, buscando entender seu papel na sociedade contemporânea.

Em um primeiro momento, podemos entender a reconstrução do Castelo de Berlim como um instrumento de recriação da História e da Memória. Essa abordagem parte da compreensão de que o

patrimônio tem um papel essencial na formação do entorno físico e cultural de uma sociedade e no desenvolvimento de uma coletividade. A reconstrução, neste contexto, se justifica fundamentalmente pela necessidade coletiva de manter o valor emocional de certos bens da paisagem urbana e de recuperar uma sensação de normalidade. A prática tem o potencial de cicatrizar feridas da memória coletiva pois serve como instrumento de reconstituição de cenários vitais para a população (Hernández Martínez, 2007).

A reconstrução da residência Hohenzollern pode também apresentar um caráter de ação historicista. Neste caso, o monumento age como um símbolo de identidade política e cultural, que serve como instrumento na afirmação e construção de uma identidade nacional (Ibid). O edifício, de valor histórico singular, é um elemento do imaginário coletivo que reflete a personalidade e a história da nação.

O fenômeno pode ser visto também como a dificuldade dos alemães em lidarem com o próprio passado conturbado. O historiador Gabriel Rosenfeld (apud Scaturro, 2015), afirma que o fenômeno da reconstrução do Castelo de Berlim pode ser entendido como uma "inabilidade de lamentar o passado". Segundo o historiador, pode-se entender que enquanto o Palácio da República existia, podia se considerar que "os alemães tinham aceitado o veredito final de sua história". No entanto, quando destinam grande energia para a reconstrução do Castelo, deflagram um desejo de tentar "refazer a história e reconstruir as fachadas", e consequentemente, criar "algo que os faria ter maior auto-estima de serem alemães."

Finalmente, alguns autores consideram que a construção do fac-símile na capital assume feições de um dispositivo cenográfico, com fins comerciais e que toma forma como um instrumento de promoção da cidade de Berlim (Vivio, 2010:225).

Quando analisada nesse sentido, ela se aproxima daquelas reconstruções citadas por Hernández Martínez (2007:15) que mais respondem a questões de rentabilidade turística e econômica do que a valores culturais e arquitetônicos. A autora se refere a situações de "musealização de centros históricos" que recria "formas e estilos para

dar lugar a uma imagem estável e fechada, muitas vezes prefixada" e que não acompanham necessariamente a história e as dinâmicas das cidades.

Para defender essa tese, Hernández Martínez (2007) lembra que o projeto não parece nem mesmo se inserir no contexto da restauração do patrimônio, uma vez que ele não parte da recuperação da matéria edificada ou em ruínas, mas sim da recriação de uma matéria perdida - a construção de um monumento barroco desenhado por Schlüter, desaparecido há mais de 65 anos. Curiosamente, segundo a autora, no caso da residência Hohenzollern, nunca se buscou a autenticidade da matéria, mas sempre se valorizou a efetividade de uma imagem. Assim, o maior paradoxo desse projeto é o fato de que a construção de um edifício de fachadas barrocas assume o caráter hipermoderno da arquitetura contemporânea, onde o interesse maior está na capacidade dos edifícios em gerar imagens, ou seja, na sua eficiência midiática (Hernández Martínez, 2015:107).

Esse argumento é também utilizado por outros críticos da reconstrução, como o arquiteto Philipp Oswalt (2010:67), que afirma que o projeto de Franco Stella vence o concurso pois é o único capaz de entender o verdadeiro objetivo da competição: "o de restabelecer uma imagem nostálgica de uma época passada e ao mesmo tempo criar um produto absolutamente contemporâneo de uma arquitetura para as mídias." O ambiente histórico se mostra "o melhor para vender produtos e serviços", além de atrair turistas. Para tanto, é necessário "a redução do conteúdo [da imagem] para o mais óbvio e mais fácil de consumir" e, para isso, " as asperezas da realidade histórica são eliminadas".

Independente de considerar o projeto como uma forma de criar uma imagem para a cidade ou a maneira de se recuperar a memória e a história, o presente estudo mostra que o caso da reconstrução do Castelo de Berlim e a construção do Humboldt-Forum é multifacetado. Para de fato entendê-lo é necessário se perguntar repetidas vezes qual é sua função social e cultural, a quem ele interessa politicamente e qual é a sua conexão com Berlim.

É importante lembrar que a cidade não é resultado de um acordo fechado, mas sim "um conglomerado de coincidências e intenções, inércia e explosões. É a mistura particular dessas forças que dá à cidade a forma que nós vemos quando andamos na rua, planejamos o futuro, e nos deparamos com seus problemas e possibilidades" (Jennifer Jordan 2006:175). A cidade de Berlim é um grande exemplo de um acúmulo de discordâncias históricas e políticas, reveladas pelo seu patrimônio:

> *"Cheio de arestas e contradições, o processo de transformação da cidade [de Berlim] e de seus monumentos revela, por um lado, as dificuldades da Alemanha para assumir parte de sua história recente; por outro, as tensões políticas, sociais e culturais suscitadas pela raiz da Reunificação e, sobretudo, a potencialidade do patrimônio para reconstruir a história e construir uma nova imagem identitária que responde mais a decisões políticas que a consensos sociais." (Hernandez Martínez, 2015:99)*

Em 2004, o então prefeito de Berlim, Klaus Wowereit, cunhou a famosa frase "Berlin ist arm, aber sexy" (Berlim é pobre, mas sexy). Naquele momento, Berlim completava 15 anos desde a Queda do Muro. A cidade era um canteiro de obras, com diversos novos edifícios recém concluídos e mais outros tantos em processo de conclusão. O número de habitantes, que havia caído durante os anos 1990, voltava timidamente a crescer. A capital da Alemanha, porém, não possuía economia forte. O baixo custo de vida fez do ambiente de Berlim muito propício para artistas, que buscavam na cidade muito mais um local para a experimentação de estilos de vida do que um local para investimentos.

A frase de Wowereit marca o início de uma segunda fase da Berlim Reunificada. Naquela ocasião, o prefeito queria atrair mentes criativas à cidade, que fossem capazes de investir na economia, com foco no entretenimento, arte e cultura. Funcionou. Doze anos depois, a cidade é um centro de empresas startups, voltadas principalmente para a área de tecnologia, que começam a atrair milhões de euros para a capital. Quando comparada a outros centros europeus, o baixo custo dos alugueis berlinenses e a alta qualidade de vida, além da população

jovem e a vida noturna pulsante, fazem da cidade um local muito atraente para jovens empreendedores[1].

Berlim ainda é uma capital em crescimento e mudança. Apesar da cidade ter experienciado um êxodo de população nos anos após a Reunificação, desde 2006, o número de habitantes apresenta um crescimento constante e a população já equivale àquela de 1990. Isto se deve especialmente pelo número de imigrantes, que vem dos mais diversos países. Estima-se que pessoas de mais de 180 diferentes nacionalidades vivam em Berlim, sendo em grande parte europeus. Desse número, a maioria é de jovens. Ali, além da diversidade cultural, eles também encontram boas universidades. Berlim é considerada a segunda cidade mais atraente para jovens no mundo, perdendo somente para Toronto[2].

Ao mesmo tempo, a cidade vive um acelerado processo de gentrificação, que atinge principalmente a população nascida na Berlim Oriental, além de imigrantes de baixo poder aquisitivo, como a já tradicional população turca. A cidade presencia um aumento nos custos dos alugueis das áreas centrais. Entre 2007 e 2014, por exemplo, os valores ficaram cerca de 28% mais caros. Esse percentual é duas vezes maior do que o do restante da Alemanha (Oltermann, 2014).

A tradicional população de artistas, por exemplo, que após a Queda do Muro habitavam no centro da cidade em ocupações ou em edifícios que pouco haviam mudado desde a Segunda Guerra Mundial, foi sendo gradualmente expulsa para a periferia da capital, em bairros onde o custo de vida ainda é baixo. Em áreas centrais, bairros como Prenzlauer Berg, localizado na antiga Berlim Oriental, foram tomados por apartamentos de luxo. O centro propriamente dito, o bairro de Mitte, é composto basicamente por escritórios, hotéis, atrações

1. Para mais informações sobre a criação de startups em Berlim, ver Neate, 2014.

2. Dados publicados pela Press and Information Office of the Federal State of Berlin em 2014. As pesquisas aqui consultadas para o trabalho datam de dezembro de 2013, portanto, não consideram o fenômeno recente do crescimento de refugiados na cidade.

turísticas e lojas de grandes cadeias internacionais.

O turismo, cada vez mais, torna-se uma das atividades econômicas mais importantes da cidade. Nota-se, desde o início dos anos 2000, um crescimento contínuo de visitantes à capital, sendo que em 2013, mais de 25 milhões de pessoas de fora da cidade passaram pelo menos uma noite nela. Percebe-se aumento também no público de museus: em 2012, instituições museológicas de Berlim receberam cerca de 17,2 milhões de pessoas, o que significa que o número de visitas a museus mais que dobrou desde 1994.

> *"Berlim cresce notavelmente. Pessoas de outras cidade europeias, por causa de crises ou guerras, vem para cá. Ninguém antecipou esse rápido desenvolvimento. Em alguns anos, por que não?, Berlim será outra cidade. Uma verdadeira metrópole. (…) A aventura que começou em 1989 com a Queda do Muro, continua." (Schaper, 2015)*

É nesse ambiente de mudanças que se inserem os projetos da reconstrução do Castelo de Berlim e da construção do Humboldt-Forum. Dois projetos que podem ser entendidos como independentes, mas que permanecem forçadamente unidos.

Pode-se analisar que a reconstrução do Castelo de Berlim, ou melhor, a criação de uma casca barroca que preenche um vazio no coração histórico e turístico da cidade, é adequado para a restituição de uma paisagem urbana de capital europeia do século XIX. Nesse sentido, a construção da cópia coroa um movimento iniciado por Hans Stimmann, Secretário de Obras de Berlim entre 1991 e 2006:

> *"Ignorando incansáveis discussões no início dos anos 1990 sobre uma nova e redefinida cidade depois que o Muro de Berlim começou a ser destruído em 1989, o sr. Stimmann escolheu favorecer a o traçado das ruas e piazzas da velha Europa." (Tzortzis, 2006)*

Críticos acusam o ex-Secretário de apagar da cidade a história da arquitetura do pós-guerra forçando Berlim a um molde do século XIX. O próprio Secretário afirmou que a base de todos os projetos urbanos realizados na cidade foi um mapa de Berlim de antes da guerra. As leis que ele criou garantiram também, por exemplo, que a altura dos

edifícios não ultrapassasse seis ou oito andares, altura média dos edifícios de antes da guerra. Seus planos para a Friedrichstraße[3], por exemplo, garantiram que os novos edifícios seguissem a volumetria daqueles anteriores ao conflito. Mesmo nos locais onde se esperava resultados mais ousados, como na nova Potsdamer Platz, é dito que o Secretário assegurou projetos modestos, causando atritos com todos aqueles que eram contrários, como por exemplo, o também jurado do concurso, Rem Koolhaas (Tzortzis, 2006).

3. A Friedrichstraße é uma importante rua comercial no centro de Berlim. Antes da Guerra, ela era também parte do centro político e cultural da cidade.

Mesmo com a aposentadoria de Stimmann, a tentativa de perpetuação de uma paisagem de cidade europeia do século XIX ainda existe em Berlim. Outro caso interessante e atualmente em debate, por exemplo, é o da Marx-Engels Forum, vizinho ao Castelo de Berlim. Antes da guerra, a área era densamente ocupada por edifícios, que durante os bombardeios de 1945, foram quase que completamente destruídos. Após a limpeza do espaço, nada voltou a ocupar o imenso quarteirão, até que em 1986, planeja-se ali um espaço verde entre o Palácio da República e a Torre de Televisão, coroado com uma famosa escultura de Marx e Engels. Desde a Reunificação, porém, existe um forte debate que discute se o traçado original das ruas e a volumetria dos edifícios não deveriam ser restabelecidos como no pré-guerra (Ladd, 1997:203).

Nesse contexto de retorno à paisagem urbana do século XIX, o Castelo de Berlim com suas fachadas barrocas se mostra um grande exemplo. Além de fechar o grande vazio que atormentou muitos alemães por ser o símbolo de uma Reunificação mal resolvida, as fachadas barrocas permitem visuais perfeitas no centro da cidade, conversando inteiramente com outras construções da Unter den Linden e seus pontos turísticos

Enquanto a reconstrução do Castelo de Berlim se

permite dialogar com questões de paisagem urbana, o Humboldt-Forum se propõe a enfrentar questões sobre a identidade alemã. O surgimento do complexo cultural acompanha o desenvolvimento de Berlim como ponto de encontro de diversas nacionalidades e culturas.

É evidente que a formação do centro de Berlim como capital da Alemanha reflete muito mais interesses federais do que municipais e regionais. Nesse ponto, o conceito do Humboldt-Forum é de grande relevância. Quando o Estado Alemão investe quase 480 milhões de euros em um edifício no coração de sua capital, é claro o seu esforço em utilizar o projeto como vitrine para o mundo daquilo que representaria a nova identidade alemã. O alcance dessa mensagem será alto: estima-se que 3 milhões de visitantes passarão por ano no Humboldt-Forum.

Durante boa parte do século XX, assumir a identidade alemã com orgulho foi um tabu. O Humboldt-Forum vem para mudar isso. Nele, a Alemanha se mostra aberta para o mundo, permitindo que todas as culturas ocupem um espaço de destaque na sua capital. Porém, ainda não é claro como esse conceito poderá superar a imagem de um Castelo prussiano:

> *"(…) o que hoje está de pé [a reconstrução do Castelo de Berlim e construção do Humboldt-Forum], vai mudar o centro de Berlim. Já se pode reconhecer as dimensões [da mudança]. Vai fazer desenvolver a cidade. Mas ainda não houve sucesso em trazer círculos maiores da população para a concepção do Humboldt-Forum." (Wowereit, Klaus apud Schaper, 2014).*

O jornalista Michael Scaturro (2015) lembra em um artigo para o jornal inglês The Guardian que as "inimizades entre grupos pró e anti palácio ainda são tão fortes que painéis sobre a discussão de como o espaço será utilizado ainda causam, rotineiramente, clamores entre intelectuais alemães." A união entre Castelo e Humboldt-Forum, ainda é muito abstrata. Por enquanto, somente o conceito do Castelo de Berlim é palpável. É ele quem está ocupando o centro da cidade e que pode ser visto pela população. O Humboldt-Forum ainda representa o desconhecido.

É difícil no momento mensurar o sucesso ou o fracasso da

instituição. Existe claramente um esforço por parte de seus dirigentes e do governo alemão em garantir o seu sucesso. Mas espera-se que, antes dela ser um símbolo de identidade cultural, seja também um espaço para debate sobre o que são identidades e o seu papel em um mundo globalizado. Como aponta Ulpiano T. Bezerra de Menezes (1993):

> *"não só a identidade é um processo incessante de construção/reconstrução, como também ganha sentido e expressão nos momentos de tensão e ruptura - precisamente quando se aguça a percepção da diferença e sua presença se faz mais necessária." (Menezes, 1993:210)*

E nesse meio de discussão, museus podem sim ser muito importantes, por serem um espaço adequado para o diálogo e a mudança de perspectiva:

> *"Museus não são lugares para arqueologia histórica, história da arte ou botânica. Obviamente eles são tudo isso, mas acima de tudo eles são meios pelos quais nós podemos entender melhor nosso mundo. A ideia [do Humboldt-Forum] é embarcar em uma jornada através das exposições, de modo, acima de tudo, a ver a nós mesmos e o mundo com olhos diferentes." (Neil MacGregor apud Lehmann, 2015)*

A incerteza e o debate sempre farão parte da discussão sobre o Castelo de Berlim e o Humboldt-Forum. As escolhas feitas nos últimos 25 anos sempre serão alvo de questionamentos:

> *"Da mesma maneira que o indivíduo deve assumir suas vivências e seus erros como uma espécie de mochila vital que o faz crescer como pessoa, a sociedade não pode eliminar alegremente as marcas físicas, emocionais ou intelectuais do passado, sem que este não pague algum tipo de preço." (Hernandez-Martínez, 2015)*

Mas também serão estes questionamentos que permitirão um processo de construção e avaliação da própria instituição. O presente Trabalho Final de Graduação teve seu início com uma pergunta: "o que leva um país a reconstruir um palácio barroco em pleno século XXI?". Não se partiu de um pressuposto de condenação da cópia

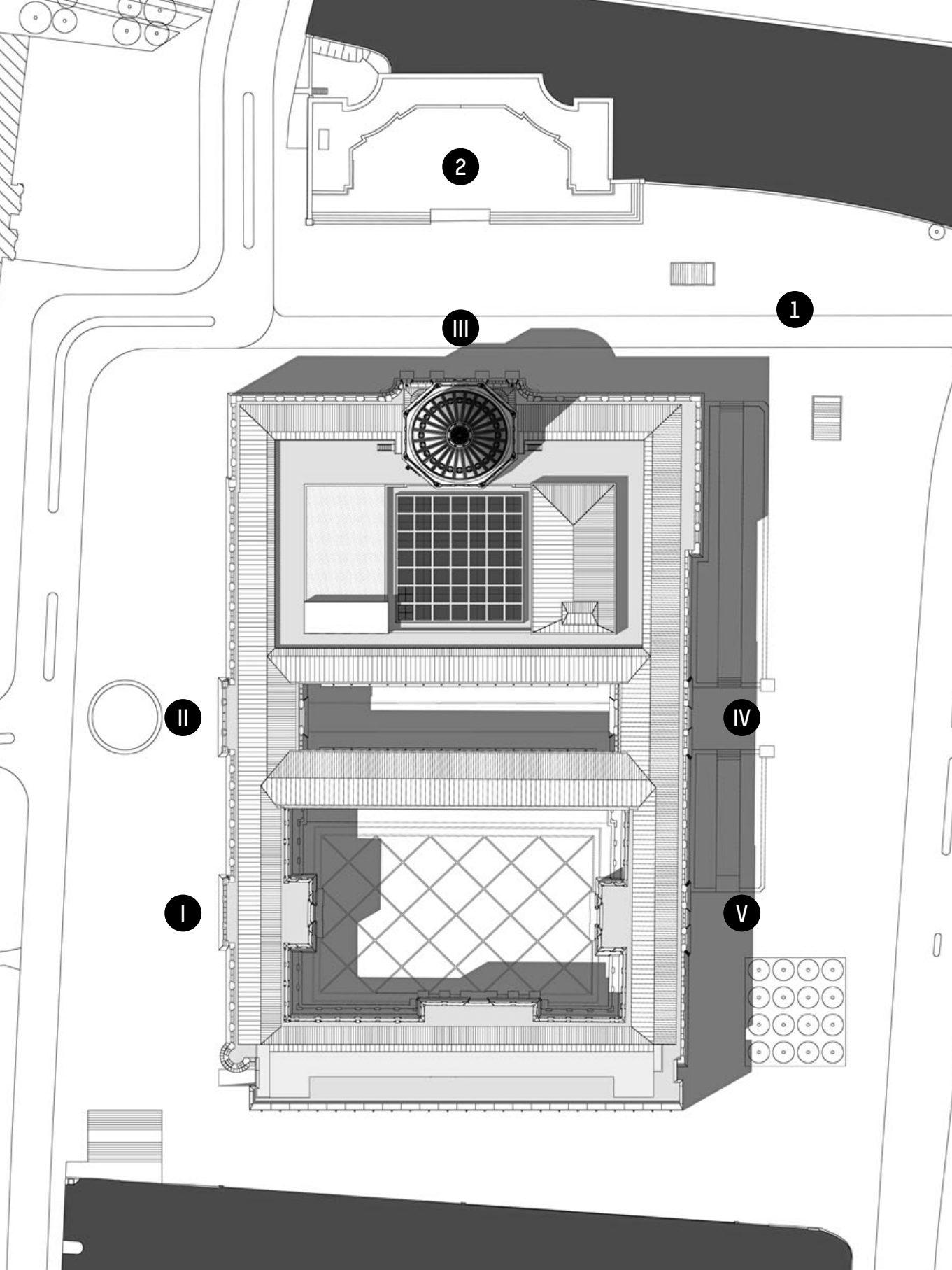
arquitetônica, muito menos se concluiu a favor dela. Pelo contrário, "conclusão" é um termo ainda remoto neste estudo de caso, pois a cada dia, novos questionamentos são adicionados à indagação original. Pouco a pouco, o projeto assume posições que moldarão a sua existência, mas até o momento, não existe distanciamento histórico suficiente que permita respostas categóricas.

O edifício será capaz de lidar com a história de seu terreno? O visitante saberá que as fachadas não são autênticas? O tema da reconstrução e suas controvérsias serão discutidos no interior do Humboldt-Forum? O Palácio da República e sua importância para a cidade serão considerados? A apresentação das coleções etnológicas dará espaço para a discussão sobre a origem das mesmas? A instituição poderá criticar a si mesma e permitir mudanças periódicas? Ela será capaz de discutir e desmistificar a história oficial?

Ainda existem muitas perguntas a serem feitas. Tais questões, bem como suas respectivas respostas, poderão funcionar como janelas que elucidarão dilemas. Estes poderão ultrapassar o âmbito do Humboldt-Forum e tratar de temas como identidade local e cultural, consciência e moral coletiva, relações políticas e de desenvolvimento urbano. O debate, portanto, permite não só compreender o passado e o presente, mas também criar visões para o futuro.

Anexos

Implantação no terreno:
portais I a V;
(1) acesso ao subsolo
(2) monumento à liberdade e
à unificação


2
1
III
II
IV
I
V

Térreo

(1) museu da história do local

(2) hall de entrada, recepção

(3) halls do foyer

(4) auditório

(5) exibições especiais

(6) hall multifuncional

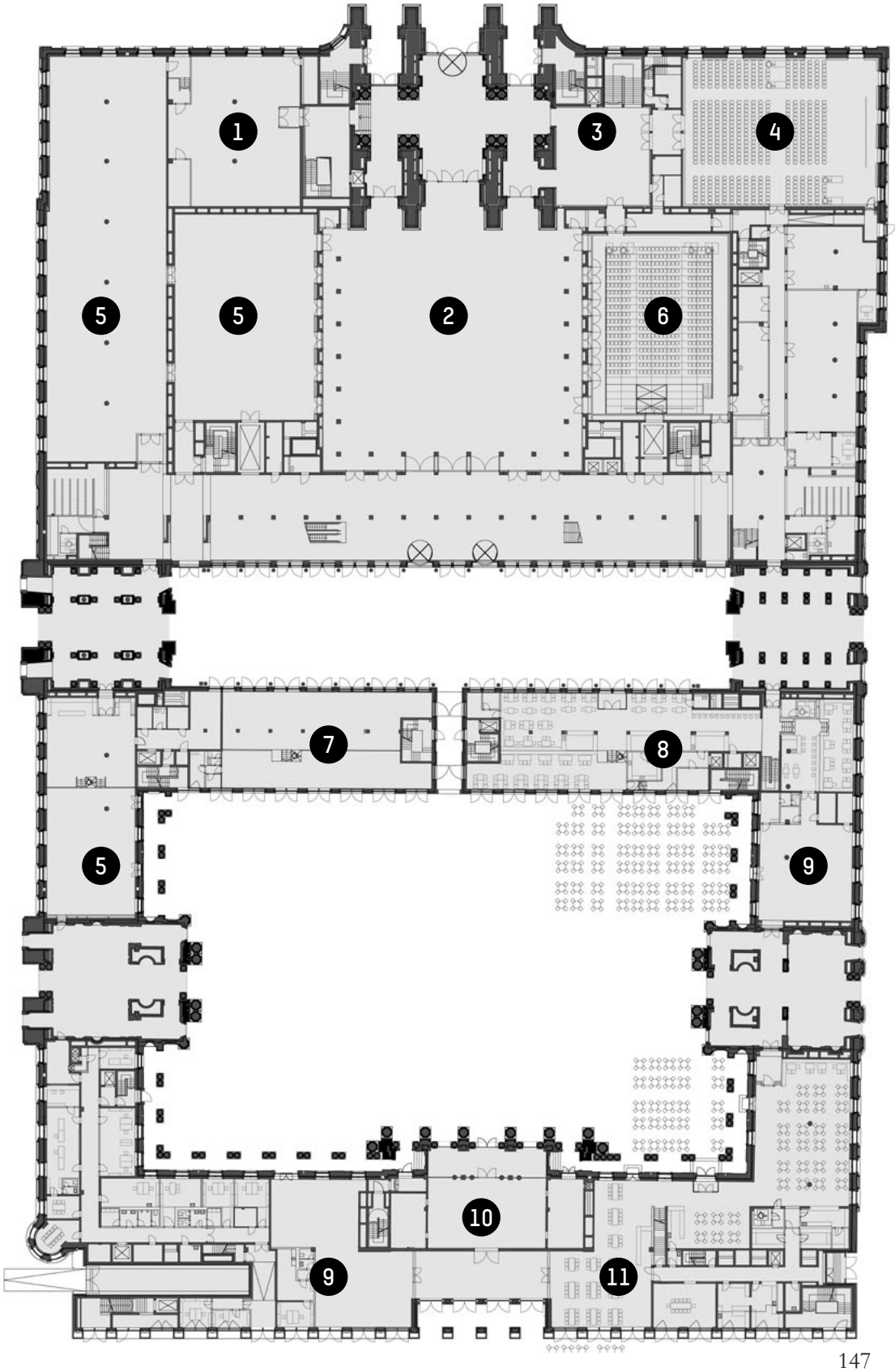
(7) loja do museu / livraria

(8) bistrô

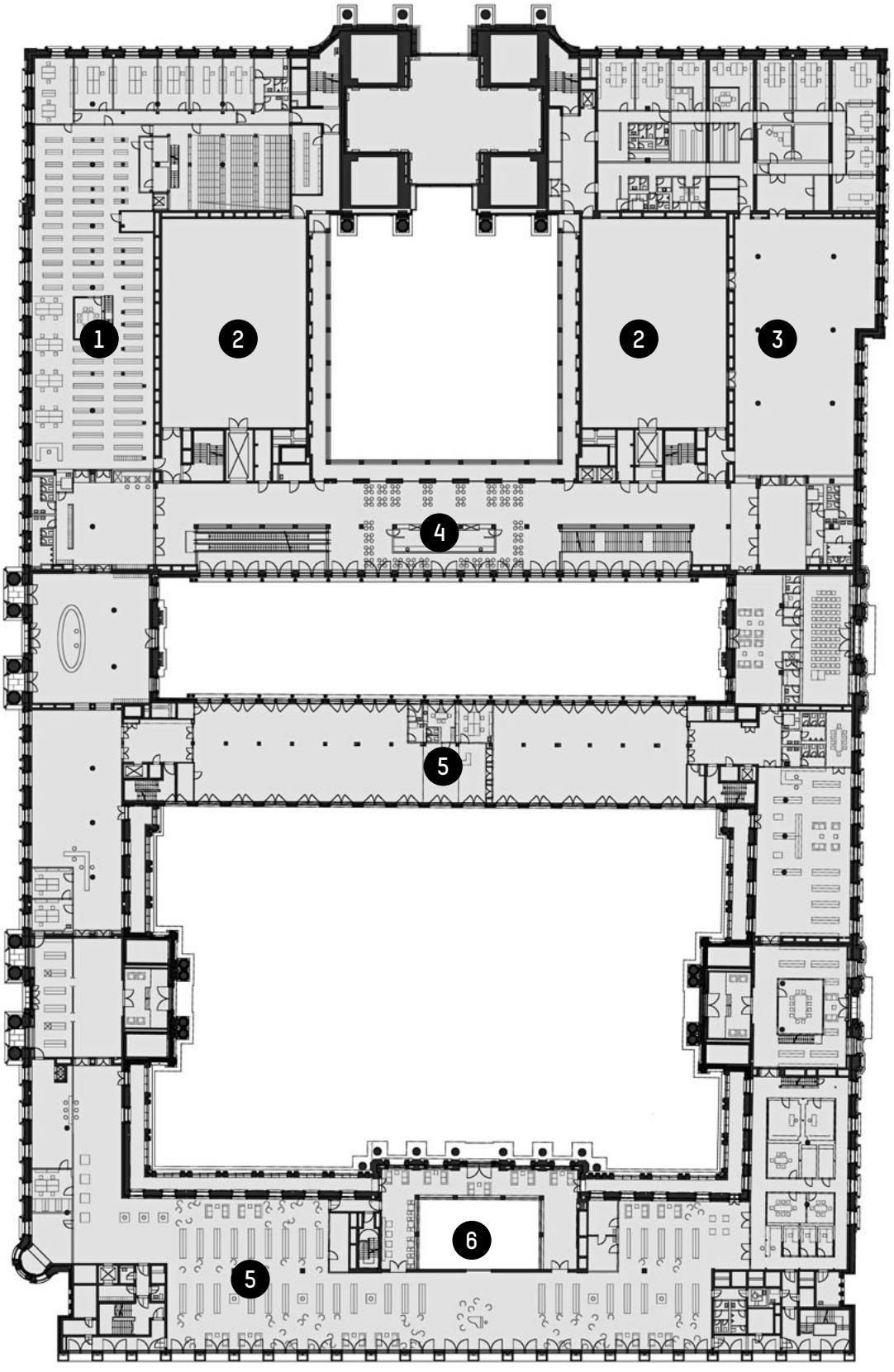
(9) loja

(10) lapidarium

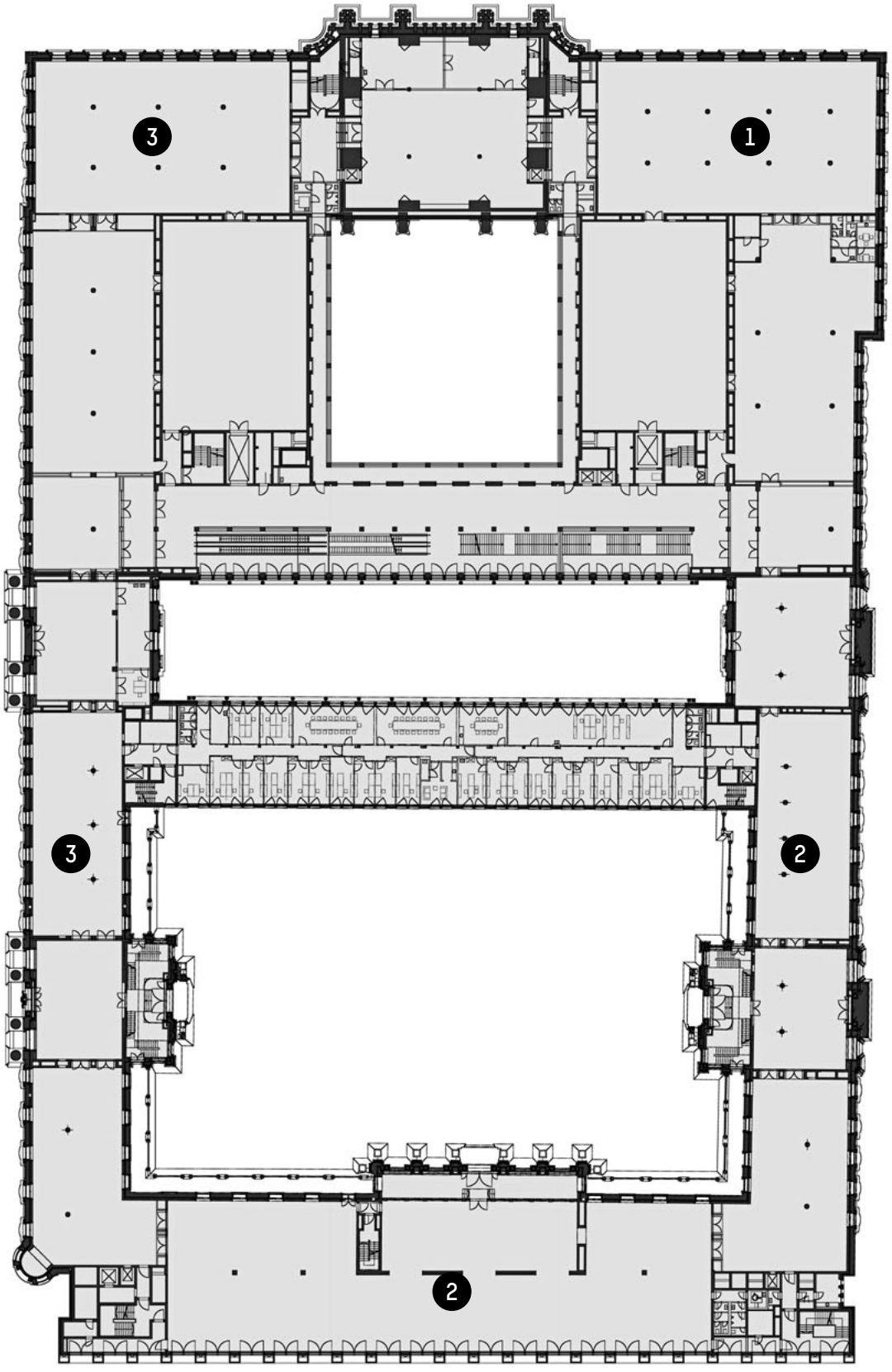
(11) restaurante


1
3
4
5
5
2
6
7
8
5
9
10
9
11

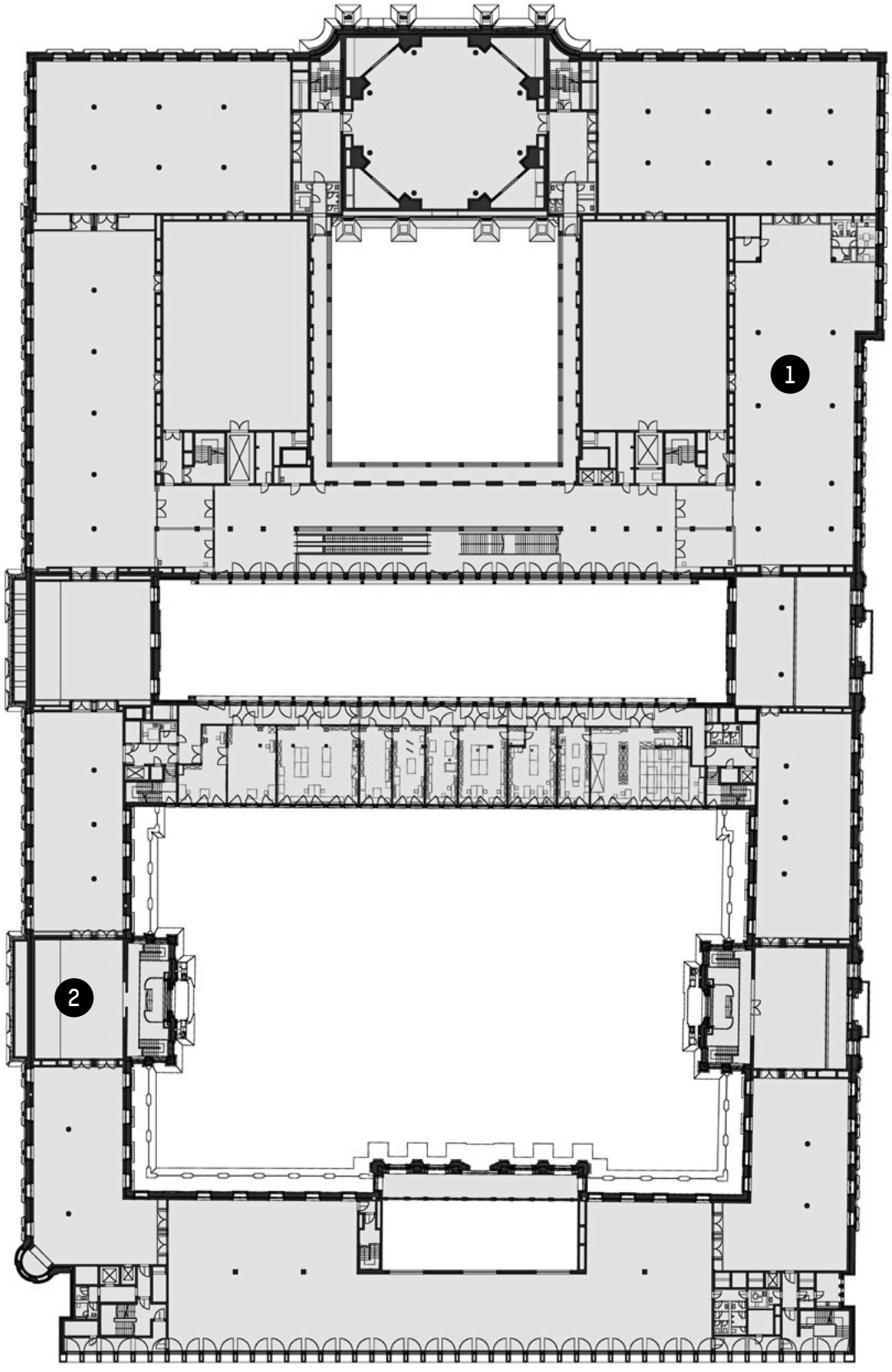
Primeiro pavimento:
(1) biblioteca especializada
(2) Museu Etnológico
Oceania
(3) Universidade Humboldt -
espaço conceitual
(4) café
(5) Biblioteca Central e
Regional de Berlim
(6) café


1
2
2
3
4
5
6
5

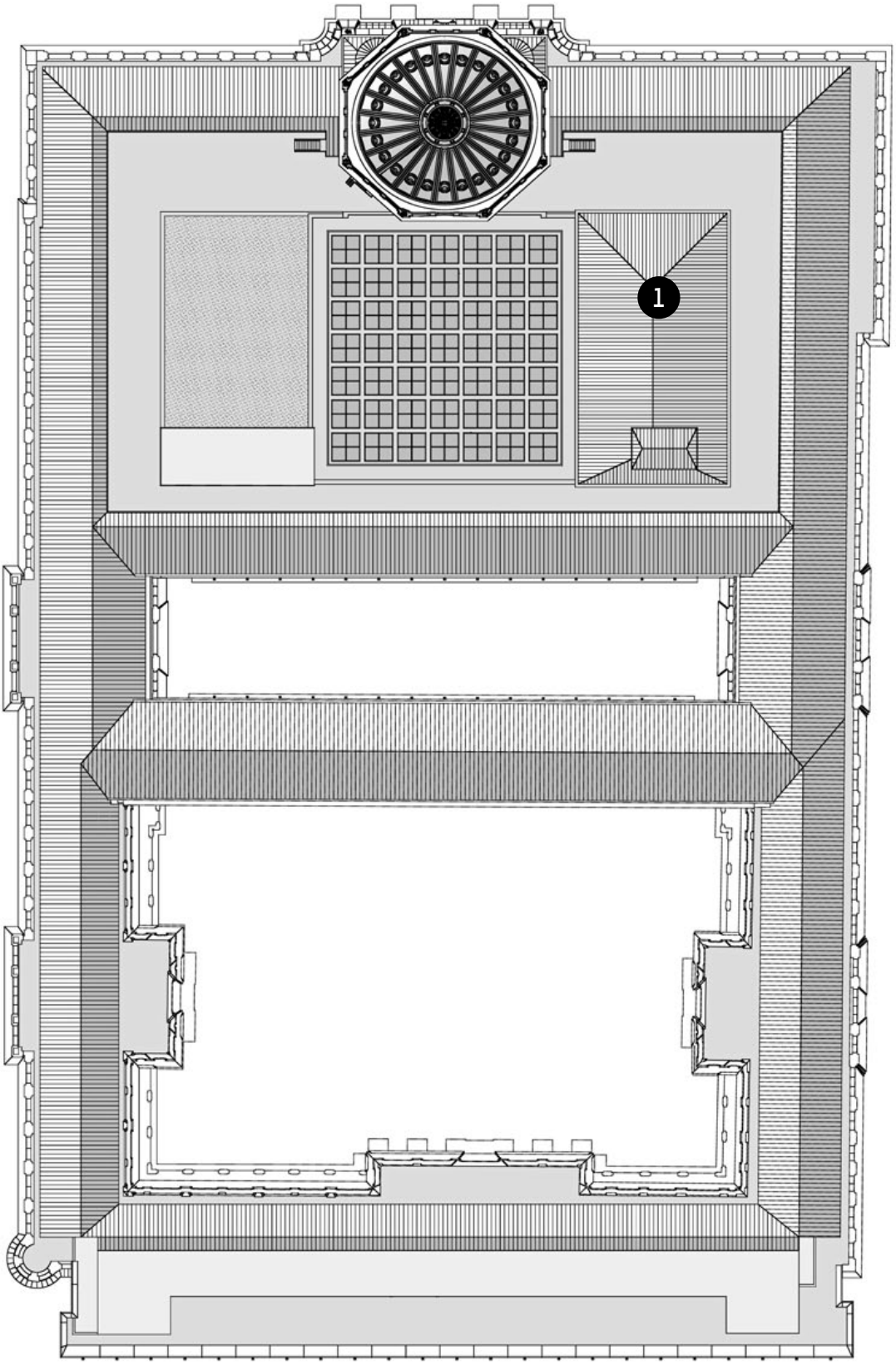
Segundo pavimento:
Museu Etnológico
(1) Oceania
(2) América
(3) África


3
1
3
2
2

Terceiro pavimento:
Museu de Arte Asiática
(1) Ásia
Museu Etnológico
(2) Ásia

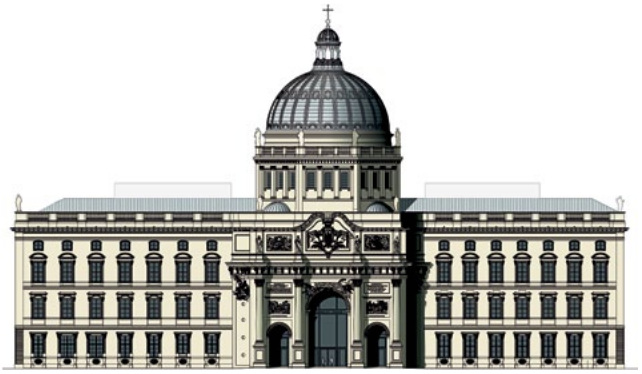

1
2

Cobertura:
(1) Terraço com café

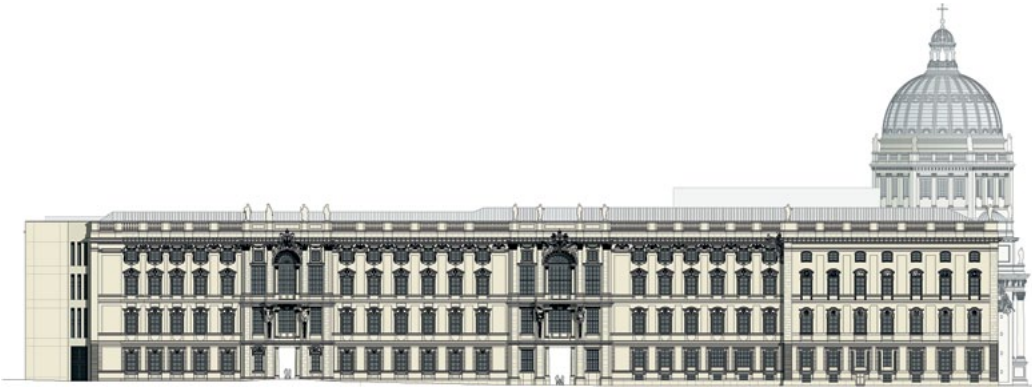

1

Elevações
(1) oeste
(2) norte
(3) sul
(4) leste

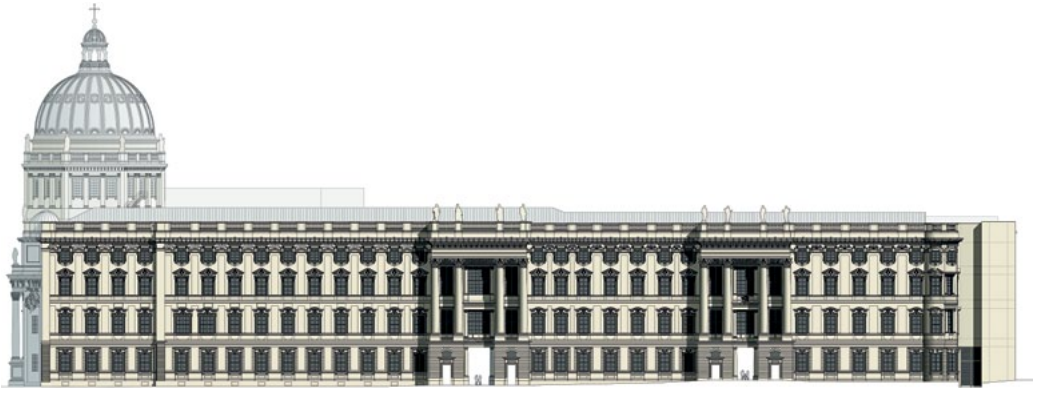
1



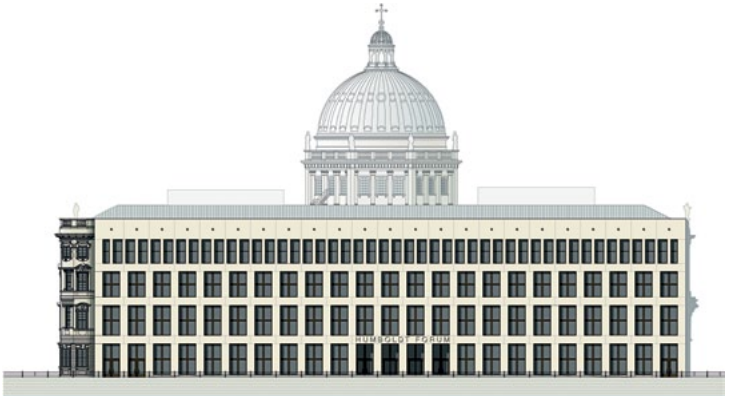
2



3



4



Seções

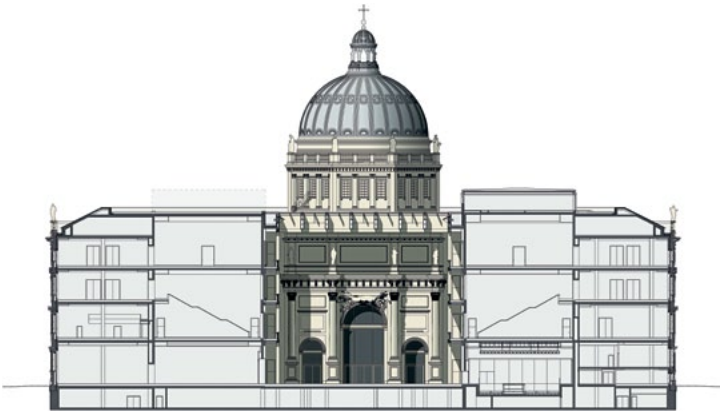
(1) hall de entrada

(2) fórum do Castelo

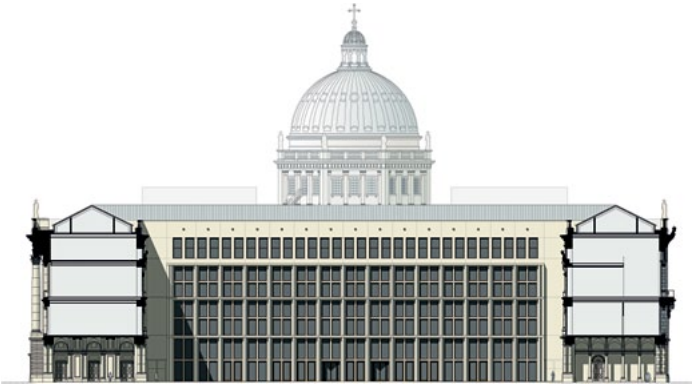
(3) escadarias

(4) seção longitudinal

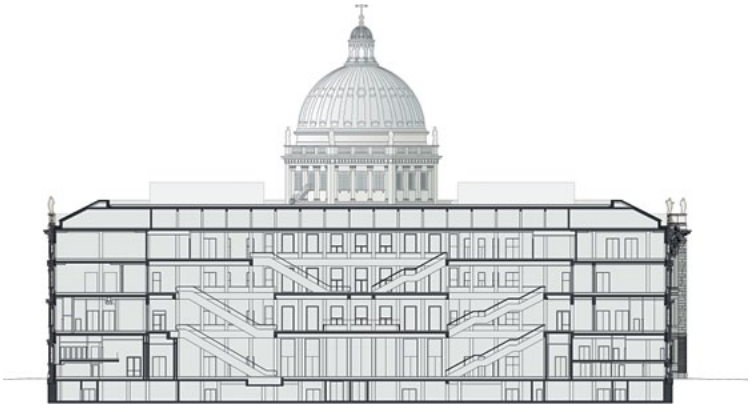
1



2



3



4

Glossário de nomes

Aldo Rossi (1931-1997): arquiteto e designer italiano, internacionalmente conhecido por atuar em áreas como teoria da arquitetura, projeto arquitetônico e design de produtos. Foi o primeiro italiano a receber um Prêmio Pritzker.

Alexander von Humboldt (1769-1859): geógrafo, naturalista, cientista e explorador prussiano. Sua obra se destaca no campo da botânica. Como explorador, foi o primeiro a descrever as suas viagens à América do Sul do ponto de vista da ciência moderna.

Amelie Deuflhard (1959-): produtora de teatro e diretora artística alemã. Foi curadora do festival Volkspalast, realizado no Palácio da República entre 2004 e 2005.

André Schmitz (1957-): é um político alemão. Foi de 2006 a 2014 Secretário da Cultura de Berlim. Foi um dos jurados do concurso para a Reconstrução do Castelo de Berlim. Renunciou o cargo após denúncias de sonegação de impostos.

Andreas Schlüter (1664-1714): arquiteto e escultor barroco nascido em Hamburg. Suas obras em Berlim, como a Zeughaus e o Castelo de Berlim são consideradas obras primas do estilo barroco. Foi o

arquiteto oficial da corte prussiana entre 1694 à 1706. É dispensado de seu cargo quando uma torre do Castelo de Berlim apresenta problemas nas fundações. Sua fama porém persiste, sendo convidado pelo Czar Pedro, o Grande, a atuar em São Petersburgo, onde falece.

Angela Merkel (1954-): é uma política e cientista alemã. É Chanceler da Alemanha desde 2005.

August Stüler (1800-1865): foi um influente arquiteto e construtor prussiano. Sua obra prima é o Neues Museum, localizado na Ilha dos Museus. Construiu a cúpula do Castelo de Berlim.

Bernd Neumann (1942-): é um político alemão. Foi de 2005 até 2013 Ministro da Cultura. Foi um dos jurados do concurso para a Reconstrução do Castelo de Berlim.

Catherine Feff (?-): artista francesas especialista na concepção e realização de instalações de pinturas monumentais. Realizou a pintura do Castelo de Berlim em 1993.

Christina Weiss (1953-): é uma jornalista e política alemã. Foi Ministra da Cultura entre 2002 e 2005.

Daniel Libeskind (1946-): arquiteto polonês naturalizado em Berlim. É conhecido pelos seus projetos do Museu Judaico de Berlim e a Freedom Tower.

David Chipperfield (1953-): é um premiado arquiteto britânico, autor do projeto de restauro do Neues Museum (Ilha dos Museus, Berlim). Foi jurado no concurso para a reconstrução do Castelo de Berlim.

Dirk Fischer (1943-): é um político alemão. Foi um dos jurados do concurso para a Reconstrução do Castelo de Berlim.

Eberhard Fensch (1929-): jornalista alemão e antigo funcionário do Partido Socialista Unificado (SED).

Eduard Oswald (1947-): político alemão. Foi Ministro de Obras da Alemanha entre 1998 e 2002. Entre 2011 e 2013 foi vice-presidente do Bundestag.

Engelbert Lütke Daldrup (1956-): é um urbanista alemão. Foi secretário do Ministério de Obras entre 2006 e 2012.

Erich Honecker (1912-1994): político comunista alemão. Foi secretário-geral do Partido Socialista Unificado (SED) de 1971 até a

Queda do Muro de Berlim, em 1989.

Franco Stella (1943-): Francesco Stella é um arquiteto italiano nascido na província de Vicenza. Formado na Faculdade de Arquitetura de Veneza em 1968, ali também lecionou nos anos 1970. Desde 1990 é professor de Projeto Arquitetônico na Universidade de Gênova. Possui um pequeno escritório de arquitetura em Vicenza, que é responsável pelo projeto vencedor do concurso de Reconstrução do Castelo de Berlim / Construção do Humboldt Forum de 1998.

Friedrich I., König in Preußen (1657-1713): ver Friedrich III. von Brandenburg

Friedrich II. von Brandenburg (1413-1471): Frederico II de Brandemburgo, também conhecido como Dente de Ferro, marquês e príncipe-eleitor do Principado de Brandemburgo.

Friedrich III. von Brandenburg (1657-1713): Frederico III de Brandemburgo, marquês e príncipe-eleitor do Principado de Brandemburgo, Duque da Prússia e, a partir de 1701, Frederico I., Rei na Prússia.

Friedrich Wilhelm von Brandenburg (1620-1688): Frederico Guilherme de Brandemburgo, também conhecido como Grande Eleitor, foi marquês e príncipe-eleitor do Principado de Brandemburgo e Duque da Prússia.

Friedrich Wilhelm IV. (1795-1861): Frederico Guilherme IV foi Rei na Prússia.

George Bush (1924-): é um político americano. Foi presidente dos Estados Unidos entre 1989 e 1993.

Georgio Grassi (1935-): um dos mais importantes arquitetos modernos italianos, parte da chamada escola racionalista italiana. Foi jurado no concurso para a Reconstrução do Castelo de Berlim.

Gesine Weinmiller (1963-): arquiteta e professora alemã. Foi uma das juradas do concurso para a Reconstrução do Castelo de Berlim.

Goerd Peschken (1931-): historiador da arte alemão. Sua publicação mais importante é um detalhado estudo sobre Castelo de Berlim.

Hannes Swoboda (1946-): político austríaco, membro até 2014 do Parlamento Europeu. Foi indicado presidente da Comissão de Especialistas Internacionais para o Centro Histórico de Berlim, em

2000.

Hans Kollhoff (1946-): arquiteto e professor alemão. É um representante da arquitetura pós-moderna. Seu edifício mais icônico em Berlim é o DaimlerChrysler, na Potsdamer Platz. Seu projeto recebeu prêmio de terceiro lugar no concurso para a Reconstrução do Castelo de Berlim e Construção do Humboldt-Forum.

Hans Stimmann (1941-): é um arquiteto e urbanista alemão. Foi Ministro de Obras da Alemanha entre 1991 e 2006, sendo responsável pelos planos de reforma de Berlim após a Queda do Muro.

Hans-Dieter Hegner (? -): é um engenheiro alemão. É o atual gerenciador das obras do Humboldt-Forum e presidente da Fundação Castelo de Berlim-Humbold-Forum.

Heinz Graffunder (1926-1994): arquiteto alemão conhecido por ser autor de diversos projetos na Berlim Oriental.

Helmut Börsch-Supan (1933-): historiador da arte alemão e autor de importantes obras sobre a Arte Alemã dos séculos XVIII e XIX. Foi diretor do Schloss Charlottenburg.

Helmut Schmidt (1918-2015): foi um político alemão. Serviu como Chanceler da Alemanha Ocidental entre 1974 e 1982.

Henry Kissinger (1923-): é um diplomata americano e cientísta político.

Hermann Parzinger (1959-): é um historiador alemão especialista em pré-História e arqueólogo. É desde 2008 presidente da Stiftung Preußischer Kulturbesitz. Foi um dos jurados do concurso para a Reconstrução do Castelo de Berlim. É um dos diretores artísticos do Humboldt-Forum.

HG Merz (1947-): é um arquiteto alemão. Foi um dos jurados do concurso para a Reconstrução do Castelo de Berlim.

Horst Bredekamp (1947-): é um historiador da arte alemão. É atual diretor artístico do Humboldt-Forum.

Joachim II. von Brandenburg (1505-1571): Joaquim II de Brandebourg, marquês do Principado de Brandemburgo.

Joachim Fest (1926-2006): foi um autor e historiador alemão, conhecido principalmente por suas publicações sobre o regime nazista.

Joachim Gauck (1940-): pastor e político alemão, é o presidente da

Alemanha desde 2012.

Johann Friedrich Eosander von Göthe (1669-1728): importante construtor do barroco tardio. O Schloss Charlottenburg é considerado sua obra prima.

Karl Liebknecht (1871-1919): socialista alemão e cofundador, com Rosa Luxemburgo, da Liga Spartacus e do Partido Comunista Alemão. Ele é conhecido por sua oposição à I Guerra Mundial.

Karl Scheffler (1869-1951): importante crítico de arte e escritor alemão.

Klaus-Dieter Lehmann (1940-): bibliotecário alemão. Foi presidente do Stiftung Preußischer Kulturbesitz de 1998 a 2008 e desde 2008, é presidente do Goethe-Institut. É conhecido por ser o criador do programa do Humboldt-Forum.

Klaus Wowereit (1953-): foi um político alemão. Foi entre 2001 e 2014 prefeito da cidade de Berlim.

Lars Ramberg (1964-): artista nascido em Oslo, Noruega, que mora desde 1998 em Berlim.

Lavinia Frey (?-): é uma gestora cultural alemão. É a diretora administrativa do Humboldt-Forum.

Manfred Rettig (? -): engenheiro alemão. Foi responsável por gerenciar as obras de transferência da capital da Alemanha de Bonn para Berlim nos anos 1990 e foi gerenciador da construção do Humboldt-Forum e presidente da Fundação Castelo de Berlim-Humboldt-Forum entre 2011 e 2016.

Manfred Stolpe (1936-): é um político alemão. Foi de 2002 a 2005 Ministro de Obras.

Matthias Matussek (1954-): jornalista, editor e escritor alemão. É conhecido por seu posicionamento conservador, aborda temas como fé, família e patriotismo.

Michael Müller (1964-): é um político alemão. É prefeito de Berlim desde 2014.

Michael Naumann (1941-): político, editor e jornalista alemão. Foi Ministro da Cultura da Alemanha de 1998 a 2001.

Monika Grütters (1962-): é uma política alemã. É desde 2013 Ministra da Cultura da Alemanha.

Neil MacGregor (1946-): é um historiador da arte escocês. Foi diretor da National Gallery de Londres entre 1987 e 2002, diretor do British Museum de 2002 a 2015 e atual diretor artístico do Humboldt-Forum.

Norman Foster (1935-): arquiteto britânico vencedor do Pritzker de 1999. Sua obra mais conhecida na capital alemã é o restauro do edifício do Reichstag, com sua cúpula de vidro.

Oswald Mathias Ungers (1926-2007): arquiteto e teórico alemão, conhecido por seus desenhos nacionalistas. Entre seus projetos famosos estão museus em Frankfurt, Hamburg e Colônia.

Paul Spies (?-): antigo diretor do Museu da Cidade de Amsterdã e atual diretor do Museu da Cidade de Berlim.

Peter Kulka (1937-): é um renomado arquiteto alemão. Foi um dos jurados do concurso para a Reconstrução do Castelo de Berlim.

Peter Zlonicky (1935-): é um arquiteto e urbanista alemão. Foi um dos jurados do concurso para a Reconstrução do Castelo de Berlim.

Petra Kahlfeldt (1960-): é uma arquiteta e professora alemã. Foi uma das juradas do concurso para a Reconstrução do Castelo de Berlim.

Rainer Haubrich (1965-): Jornalista e crítico de arquitetura alemão. Desde 1998 é redator do jornal die Welt e do jornal Berliner Morgenpost. É conhecido por ser um importante apoiador da reconstrução do Castelo de Berlim, sendo autor de alguns livros sobre o assunto.

Regula Lüscher (1961-): é uma arquiteta e urbanista suíça. É desde 2007 Secretária de Obras de Berlim. Foi uma das juradas do concurso para a Reconstrução do Castelo de Berlim.

Richard Hamann (1879-1961): historiador da arte alemão.

Ronald Lauder (1944-): é um empresário, colecionador de arte, filantropista e ativista político americano.

Vittorio Magnago Lampugnani (1951-): arquiteto, teórico, historiador e professor italiano. É atualmente professor de História do Planejamento Urbano na universidade ETH Zürich. Foi o presidente do juri de arquitetos que elegeu o vencedor do concurso para a Reconstrução do Castelo de Berlim.

Walter Ulbricht (1893-1973): político alemão membro do Partido Comunista da Alemanha (KPD) e depois secretário-geral do Partido Socialista Unificado (SED) na República Democrática Alemã (Deutsche Demokratische Republik, DDR, em alemão). Foi responsável por diversas ações na Alemanha Oriental, notoriamente a demolição do Castelo de Berlim e a construção do Muro de Berlim em 1963.

Wilhelm von Boddien (1942-): empresário de Hamburg, presidente da Associação Castelo de Berlim. Seu interesse pelo Castelo de Berlim se inicia ainda jovem. A partir dos anos 1990, com a Reunificação Alemã, toma frente em diversas iniciativas para a reconstrução do Castelo de Berlim. Em 1992 funda a Associação Castelo de Berlim, responsável por recolher as doações utilizadas para a reconstrução das fachadas do edifício.

Wilhelm von Humboldt (1767-1835): filósofo, funcionário público e diplomata prussiano. É especialmente conhecido por suas práticas progressistas na área da Educação, dando base a modelos utilizados eventualmente nos EUA e no Japão. É o fundador da Universidade de Humboldt de Berlim.

Wolf Jobst Siedler (1926-2013): foi um escritor e editor alemão, nascido em Berlim, que contribuiu para diversas revistas e jornais ao longo da vida.

Wolfgang Thierse (1943-): é um político alemão. Foi de 1998 até 2005 Presidente do Bundestag e de 2005 a 2013, vice-presidente. Foi um dos jurados do concurso para a Reconstrução do Castelo de Berlim.

Wolfgang Tiefensee (1955-): é um político alemão. Foi entre 2005 e 2009 Ministro de Obras. Foi um dos jurados do concurso para a reconstrução do Castelo de Berlim.

Referências

Introdução

CANADO JUNIOR, Roberto do Santos. Embastes pela memória: a reconstrução do conjunto jesuítico do Pátio do Colégio (1941 - 1979). São Paulo, 2014. pp. 11 - 21.

Carta de Veneza. In Cartas Patrimoniais, Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.

CHOAY, Françoise. Sept Prepositions sur le Concept d'Authenticité et son Usage dans les Pratiques du Patrimoine Historique. In: Nara Conference on Authenticity, Paris, UNESCO, 1995, p. 110-120.

ICOMOS-Australia. Carta de Burra (1980).

GARCÍA CUETOS, María Pilar. "Succisa Virescit, o el viejo anhelo de la resurrección de la materia monumental". In: Papeles del Partal, Revista de Restauración Monumental, num. 2, 2004.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Notas sobre a Carta de Veneza. Anais do Museu Paulista (impresso), v. 18, 2010, p.193-227.

LEMAIRE, Raymod. Authenticité et Patrimoine Monumental, Restauro, Napoli, 1994, n.129, p. 7 - 24.

HERNÁNDEZ MARTÍNEZ, Ascensión. La clonación arquitectónica. Madrid: Ediciones Siruela, S.A.,2007.

SOUZA, Luiz Antonio Lopes de. Wiederaufbau: a Alemanha e o sentido da reconstrução. Parte 1: A formação de uma nação alemã. Arquitextos, São Paulo, ano 10, n. 111.04, Vitruvius, ago. 2009a <http://www.vitruvius. com.br/revistas/read/arquitextos/10.111/35>.
SOUZA, Luiz Antonio Lopes de. Wiederaufbau: a Alemanha e o sentido da reconstrução. Parte 2: do Novo Patrimônio ao Pós-Guerra. Arquitextos, São Paulo, ano 10, n. 112.06, Vitruvius, set. 2009b <http://www. vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.112/29>.
SOUZA, Luiz Antonio Lopes de. Wiederaufbau: a Alemanha e o sentido da reconstrução. Parte 3: Divisão e Reuni cação. Arquitextos, São Paulo, ano 10, n. 114.06, Vitruvius, nov. 2009c <http://www.vitruvius.com.br/ revistas/read/arquitextos/10.114/15>.
UNESCO. The Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention (2008).

De Castelo a Palácio

HAUBRICH, Rainer. Das neue Berliner Schloss: von den Hohenzollernresidenz zum Humboldt-Forum. Nicolaische Verlagsbuchhandlung GmbH, Berlin: 2012.
LADD, Brian. The Ghosts of Berlin. The University of Chicago Press, Chicago: 1997.
PETRAS, Renate. Das Schloss in Berlin. Von der Revolution 1918 bis zur Vernichtung, 1950, Berlin: 1999.
VON BUTTLAR, Adrian. Berlin's Castle Versus Palace / A Proper Past for Germany's Future? in Future Anterior, volume IV, número 1, verão 2007, pp. 13-29.

O caminho da reconstrução

DAS SCHLOß muß fallen. Der Spiegel. Hamburg, p. 236-238., set. 1990.
FEST, Joachim. Denkmal der Baugeschichte und verlorene Mitte Berlins. Schloss oder Parkplatz? Plädoyer für den Wiederaufbau des Stadtschlosses. Frankfurter Allgemeine Zeitung, Frankfurt, 30 nov. 1990.
HAUBRICH, Rainer. Das neue Berliner Schloss: von den Hohenzollernresidenz zum Humboldt-Forum. Nicolaische Verlagsbuchhandlung GmbH, Berlin: 2012a.

HAUBRICH, Rainer. Ein Leben für das Stadtschloss. Berliner Morgenpost. Berlin, 27 fev. 2012b.
HERNÁNDEZ MARTINEZ, Ascensión. "A la búsqueda (imposible) del tiempo perdido… Reflexiones en torno a la "reconstrucción idéntica" definida por Paul Philippot". in: Conversaciones… con Paul Philippot, Revista Conversaciones, México, jun. de 2015.
JÜRGENS, Isabel. Palast der Republik hat teurer Nachspiel für Berlin-Mitte. Berliner Morgenpost. Berlin, 25 abril 2015.
KRAUTHAUSEN, Ciro. Los artistas reaniman la memoria de la RDA. El Pais. Madrid, 28 ago. 2004.
LADD, Brian. The Ghosts of Berlin. The University of Chicago Press, Chicago: 1997.
LAUTENSCHLÄGER, Rolf. Tiefensee droht Barockrebellen. Die Tageszeitung. Berlin, 17 nov. 2008.
MACIUIKA, John V. Whose Schlossplatz?: Architecture and the "Materialization" of German Identities in Berlin's Historic Center, 1945 - 2009. In: Bulletin of the German Historical Institute, 2011.
MATUSSEK, Matthias. Das Schloß als Symbol. Der Spiegel. Hamburg, pp. 158-164, 13 jul. 1998.
OUROUSSOFF, Nicolai. Trying to save Berlin relic from the dustbin. The New York Times. Nova York, 9 jan. 2006.
PEITZ, Christiane. Das Geisterhaus. Der Tagesspiegel. Berlin, 16 nov. 2008.
SIEDLER, Wolf Jobst. Das Schloß lag nicht in Berlin - Berlin war das Schloß. In: SIEDLER, Wolf Jobst. Abschied von Preußen. Berlin: 1991. pp. 122 - 127.
VON BUTTLAR, Adrian. Berlin's Castle Versus Palace / A Proper Past for Germany's Future?in Future Anterior, volume IV, número 1, verão 2007, pp. 13-29.
WHITNEY, Craig R. A Berlin palace Stirs in Its Grave. The New York Times, EUA, 12.07.1993a
WHITNEY, Craig R. Shell Game Over Prussian Palace. The New York Times, EUA, 15.07.1993b
WILLE und Masse. Der Spiegel. Hamburg, pp. 68 - 72. 28 jun. 1993.

O concurso

ARCHITEKTEN reichen Konzepte ein. Der Tagesspiegel. Berlin,

27 maio 2008.
CHIPPERFIELD, David. Mehr Streit ums Schloss, bitte! Der Spiegel. Hamburg, p. 146-149, 22 dez. 2007.
BECKER, Sven; SONTHEIMER, Michael. Millionenschwerer Fassadenschwindel. Der Spiegel. Hamburg, 10 jun. 2013.
BEIKLER, Sabine. Nur echt mit Barock-Fassade. Der Tagesspiegel. Berlin, 26 nov. 2007.
BEIKLER, Sabine; KUHN, Nicola. Winde und Wogen. Der Tagesspiegel. Berlin, 24 nov. 2008.
BURGSDORFF, Stephan. Preussens Mitte. Der Spiegel Special Geschichte. Hamburg, p. 99, 21 ago. 2007.
HAUBRICH, Rainer. Absage an die Moderne. Die Welt. Berlin, 15 out. 2007.
HAUBRICH, Rainer. Neuer Streit ist ein "Stück aus dem Tollhaus". Die Welt. Berlin, 17 nov. 2008.
KNÖFEL, Ulrike; KRONSBEIN, Joachim; SONTHEIMER, Michael. Die Palast-Revolte. Der Spiegel. Hamburg, p. 174-176, 17 nov. 2008a.
KNÖFEL, Ulrike; KRONSBEIN, Joachim; SONTHEIMER, Michael. Vorwärts in der Vergangenheit. Der Spiegel. Hamburg, p. 178-181, 01 dez. 2008b.
KUEHN, Wilfried. Model and event. Candide. Journal for Architectural Knowledge. Number 1, dez. 2009, pp. 97-116.
LAUTENSCHLÄGER, Rolf. In der Berliner Mitte nichts als Tristesse. Die Tageszeitung. Berlin, 27 nov. 2008a.
LAUTENSCHLÄGER, Rolf. Ein einzigartiger Wettbewerb. Die Tageszeitung. Berlin, 28 nov. 2008b.
MEILENSTEIN auf dem Weg zum Stadtschloss. Die Welt. Berlin, 05 jul. 2007.
NEUE Verwirrung um Stadtschloss-Fassade. Der Tagesspiegel. Berlin, 17 nov. 2008.
OLOEW, Matthias. Humboldt-Forum mit Kuppel, aber ohne Volkskammersaal. Der Tagesspiegel. Berlin, 28 nov. 2008a.
OLOEW, Matthias. Das Schloss könnte aus dem Rahmen fallen. Der Tagesspiegel. Berlin, 29 nov. 2008b.
SCHAPER, Rüdiger. Das Humboldt-Schloss: Ein Sieg der Fassade. Der Tagesspiegel. Berlin, 29 nov. 2008.

SCHULZ, Bernhard. Hinter den Fassaden. Der Tagesspiegel. Berlin, 05 jan. 2008a.
SCHULZ, Bernhard. "Besser als Schlüter um 1700". Der Tagesspiegel. Berlin, 19 nov. 2008b.
SCHULZ, Bernhard. Franco Stella - ein Schlüter aus Italien. Der Tagesspiegel, Berlin, 28 nov. 2008c.
SONTHEIMER, Michael. Angst vor dem Teuer-Gemäuer. Der Spiegel. Hamburg, 29 fev. 2008.
TIEFENSEE: STADTSCHLOSS bleibt barock. Der Tagesspiegel. Berlin, 17 nov. 2008.
TILMANN, Christina. So viel Schloss wie möglich. Der Tagesspiegel. Berlin, 28 nov. 2008.
VAN LESSEN, Christian. Wie soll die Kuppel auf dem Schloss aussehen? Der Tagesspiegel. Berlin, 28 nov. 2007a.
VAN LESSEN, Christian. Welche Kuppel passt zum Schloss? Der Tagesspiegel. Berlin, 2 dez. 2007b.
VON BUTTLAR, Adrian. Berlin's Castle Versus Palace / A Proper Past for Germany's Future? in Future Anterior, volume IV, número 1, verão 2007, pp. 13-29.
WETTBEWERB UM Starschloss beginnt. Der Tagesspiegel. Berlin, 26 nov. 2007.
WETTBEWERB FÜR Berliner Stadtschloss beginnt. Der Tagesspiegel. Berlin, 13 dez. 2007

O projeto vencedor

BAU des Stadtschlosses wird verschoben. Berliner Morgenpost. Berlin, 26 out. 2009.
BECKER, Sven; SONTHEIMER, Michael. Beton statt Barock. Der Spiegel. Hamburg, 17 nov. 2014, p. 47.
BECKER, Sven; SONTHEIMER, Michael; WASSERMANN, Andreas. Der Spiegel. Hamburg, 30 jan. 2016.
DEM BERLINER Stadtschloss droht eine nackte Fassade. Berliner Morgenpost. Berlin, 18 ago. 2014.
EICHELMANN, Christine. Jetzt sollen die Berliner sich ihr Schloss zusammenkaufen. Berliner Morgenpost. Berlin, 10 ago. 2014a.
EICHELMANN, Christine. Dem Berliner Stadtschloss fehlen noch 53 Millionen Euro. Berliner Morgenpost. Berlin, 1 dez. 2014b.

EICHSTÄDT-BOHLIG, Franziska. Nur ein Wunder kann helfen. Der Tagesspiegel. Berlin, 08 fev. 2008a.
EICHSTÄDT-BOHLIG, Franziska. Stella und die Berliner Republik. Der Tagesspiegel. Berlin, 06 dez. 2008b.
EXNER, Ulrich. "Berlin ist groß darin, sich aushalten zu lassen". Berliner Morgenpost. Berlin, 6 fev. 2013.
FLATAU, Sabine. Das Berliner Stadtschloss wächst erstaunlich schnell. Berliner Morgenpost. Berlin, 17 maio 2014.
FÖRDERVEREIN sammelt weiter Spenden für die Schlosskuppe. Berliner Morgenpost. Berlin, 24 mar. 2013.
FUHR, Eckhardt. Die Humboldt-Box zeigt - Berlin braucht das Schloss. Die Welt. Berlin, 30 jun. 2011.
GERICHT gibt grünes Licht. Der Spiegel. Hamburg, 2 dez. 2009.
GUNDLACH, Sabine. Berliner Stadtschloss startet mit ambitioniertem Zeitplan. Berliner Morgenpost. Berlin, 22 jun. 2012.
HAUBRICH, Rainer. Das neue Berliner Schloss ist ein Glücksfall. Die Welt. Berlin, 28 nov. 2008a.
HAUBRICH, Rainer. Interview mit Franco Stella. Die Welt. Berlin, 01 dez. 2008b.
HAUBRICH, Rainer. Das sind die neuen Pläne für Berlins Schloss. Berliner Morgenpost. Berlin, 26 out. 2009a.
HAUBRICH, Rainer. So geht es jetzt mit dem Berliner Schloss weiter. Berliner Morgenpost. Berlin, 15 dez. 2009b.
HAUBRICH, Rainer. Das neue Berliner Schloss: von den Hohenzollernresidenz zum Humboldt-Forum. Nicolaische Verlagsbuchhandlung GmbH, Berlin: 2012.
JAEGER, Falk. Zurück auf Los. Der Tagesspiegel. Berlin, 30 set. 2009.
JÜRGENS, Isabell. Bau des Stadtschlosses dauert wohl Generationen. Berliner Morgenpost. Berlin, 12 abr. 2010b.
JÜRGENS, Isabell. Bundesregierung will am Stadtschloss sparen. Berliner Morgenpost. Berlin, 03 jun. 2010b.
JÜRGENS, Isabell; BRÜNING, Christina; FÜLLIG, Thomas. Die Info-Box ist fertig - und sinnlos. Berliner Morgenpost. Berlin, 09 jun. 2010.
JÜRGENS, Isabell; WESTPHAL, Dirk. Dahlems Schätze suchen ein sicheres Zuhause. Berliner Morgenpost. Berlin, 13 jun. 2010.

JÜRGENS, Isabell. Berliner Schloss kostet 44 Millionen Euro mehr. Berliner Morgenpost. Berlin, 25 maio 2011a.
JÜRGENS, Isabell. Erstes Viertel der Schlossfassade schon bezahlt. Berliner Morgenpost. Berlin, 21 dez. 2011b.
JÜRGENS, Isabell; WALDE, Gabriela. Bald kommst der Barock ans Berliner Stadtschloss. Berliner Morgenpost. Berlin, 10 jul. 2014.
JÜRGENS, Isabell. Müller stößt "Kurskorrektur" für Schloss-Konzept an. Berliner Morgenpost. Berlin, 17 mar. 2015a.
JÜRGENS, Isabell. Richtfest für "Berlins Schloss zur Welt". Berliner Morgenpost. Berlin, 12 jun. 2015b.
JÜRGENS, Isabel. Neptunbrunnen soll wieder vor dem Stadtschloss stehen. Berliner Morgenpost. Berlin, 13 nov. 2015c.
KIELINGER, Thomas. Ein Brite für den wichtigsten Kulturjob. Die Welt. Berlin, 09 dez. 2014.
KOLPATZIK, Andrea. Täglich 1500 Euro für das Berliner Schloss. Berliner Morgenpost. Berlin, 04 ago. 2011.
KNÖFEL, Ulrike; SONTHEIMER, Michael. Deckel zu und fertig. Der Spiegel. Hamburg, p.129-130, 13 jul. 2009.
KURPJUWEIT, Klaus. Immer mehr Berliner spenden fürs Stadtschloss. Der Tagesspiegel. Berlin, 11 dez. 2015.
LAUTENSCHLÄGER, Rolf. Museum erlebt zweite Jugend. Die Tageszeitung. Berlin, 30 nov. 2015a.
LAUTENSCHLÄGER, Rolf. Reise in den Mittelpunkt der Stadt. Die Tageszeitung. Berlin, 2 dez. 2015b.
LAUTENSCHLÄGER, Rolf. Ist Dahlem noch zu retten? Die Tageszeitung. Berlin, 5 dez. 2015c.
MOHR, Carline; WALDE, Gabriela; KIRCHNER, Stefan. Prunk für alle. Berliner Morgenpost, Berlin, 8 feb. 2013.
NEIL MacGregor wird erster Stadtschloss-Intendant. Berliner Morgenpost. Berlin, 08 abril 2015.
PEITZ, Christiane. Stadtschloss: Chance für eine neue Debatte. Der Tagesspiegel. Berlin, 16 set. 2009.
PEITZ, Christiane. Wir bauen uns ein Luftschloss. Der Tagesspiegel. Berlin, 07 jun. 2010.
PEITZ, Christiane; SCHÖNBALL, Ralf. "Ich wollte ein Zeichen setzen". Der Tagesspiegel. Berlin, 14 jan 2016.
PEITZ, Christiane. Wir müssen reden. Der Tagesspiegel. Berlin, 15

jan 2016.
RADA, Uwe. Zurück auf Start. Die Tageszeitung. Berlin, 16 out. 2009.
RAPP, Tobias. Dieses verdammte Schloss. Der Spiegel, Hamburg, 10 jun. 2013, p. 125.
SCHAPER, Rüdiger. Müllers Pläne sind ein Befreiungsschlag. Der Tagesspiegel. Berlin, 15 mar. 2015.
SCHAPER, Rüdiger. Das Humboldt-Forum bekommt einen neuen Chef. Der Tagesspiegel. Berlim, 26 fev. 2016.
SCHLOSS kommt notfalls ohne historische Fassade. Berliner Morgenpost. Berlin, 24 mar. 2010.
SCHMIEMANN, Brigitte. Berliner können sich schon mal das Stadtschloss anschauen. Berliner Morgenpost. Berlin, 28 maio 2014.
SCHOMAKER, G.; JÜRGENS, I., FAHRUN, J. Kartellamt stoppt Berliner Stadtschloss-Projekt. Die Welt. Berlin, 11 set. 2009.
SCHÖNBALL, Ralf. Es reicht für eine kleine Kuppel. Der Tagesspiegel. Berlin, 02 mar. 2010.
SCHÖNBALL, Ralf. Schlossbauhütte nimmt Betrieb. Der Tagesspiegel. Berlin, 27 set. 2011.
SCHÖNBALL, Ralf. Millionäre fürs Humboldtforum. Der Tagesspiegel. Berlin, 21 out. 2012.
SCHÖNBALL, Ralf. Der Grundstein für das Stadtschloss ist gelegt. Der Tagesspiegel. Berlin, 12 jun. 2013.
SCHÖNBALL, Ralf. Der Schlossherr geht überraschend. Der Tagesspiegel. Berlin, 13 jan. 2016.
SCHULZ, Bernhard. Bühne der Weltgesellschaft. Der Tagesspiegel. Berlin, 10 abril 2015.
SENATSCHEF Müller will neu über das Stadtschloss nachdenken. Berliner Morgenpost. Berlin, 12 mar. 2015.
SKANDAL im Schlossbezirk. Der Tagesspiegel. Berlin, 11 set. 2009.
SONTHEIMER, Michael. "Star Wars"- Lego fürs Hauptstadt-Ego. Der Spiegel. Hamburg, 29 jun. 2011.
SPANGENBERG, Christoph. Jetzt geht es los mit dem Schloss. Der Tagesspiegel. Berlin, 03 abr. 2012.
STADTSCHLOSS wird voraussichtlich erst 2016 fertig. Der Spiegel. Hamburg, 26 out. 2009.
STADTSCHLOSS BEKOMMT Kuppel - wenn Geld da ist. Berliner Morgenpost. Berlin, 04 jan. 2011.

STREIT ums Stadtschloss spitzt sich zu. Der Tagesspiegel. Berlin, 25 mar. 2015.
TILMANN, Cristina. Was der Sieger Franco Stella sagt. Der Tagesspiegel. Berlin, 28 nov. 2008.
VON BECKER, Peter. Wenn der wahre Wille fehlt. Der Tagesspiegel. Berlin, 02 mar. 2010.
WALDE, Gabriela; WULFF, Matthias. Das Berliner Stadtschloss könnte im Dezember Richtfest feiern. Berliner Morgenpost. Berlin, 12 out. 2014.
WARUM das Berliner Schloss nicht zerredet werden darf. Berliner Morgenpost. Berlin, 12 mar. 2015.
WEIGELT, Nada. "Das Berliner Schloss wird stehen". Berliner Morgenpost. Berlin, 24 abr. 2011.
ZYLBERSZTJN, Daniel. Er weiß, wie man Geschichte erzählt. Die Tageszeitung. Berlin, 8 abril 2015.

O Humboldt-Forum

APIN, Nina. Das konkrete Multifunktionshaus. Die Tageszeitung. Berlin, 02 jun. 2008a.
APIN, Nina. "Die Rivalitäten sind passé". Die Tageszeitung. Berlin, 28 nov. 2008b.
FUHR, Eckhard; SEEWALD, Berthold. Schrumpfköpfe und andere menschliche Überreste. Berliner Morgenpost. Berlin, 30 mar. 2015.
HAUBRICH, Rainer. Das neue Berliner Schloss: von den Hohenzollernresidenz zum Humboldt-Forum. Nicolaische Verlagsbuchhandlung GmbH, Berlin: 2012a
KIMMELMANN, Michael. Rebuilding a Palace May Become a Grand Blunder. The New York Times. Nova York, 31 dez. 2008.
LOY, Thomas, Kritiker fordern Baustopp am Humboldt-Forum. Der Tagesspiegel. Berlin, 04 dez. 2013.
MÜLLER, Bernard. Museus, pilhagem colonial e reparações. Le Monde Diplomatique Brasil. 1 jul. 2007.
KNÖFEL, Ulrike; KRONSBEIN, Joachim; SONTHEIMER, Michael. Kleiner aus Alt und Neu. Der Spiegel. Hamburg, p. 178-179, 24 nov. 2008.
PARZIGER, Hermann. Magischer Ort sucht Programmleiter. Der Tagesspiegel. Berlin, 15 jan. 2015.

RETTIG, Manfred. The Humboldt Forum: "to be in touch with as much of the world as possible". Stiftung Berliner Schloss-Humboldtforum, Berlin: 2011.
RICHTER, Christine; KIRSCHNER, Stefan. Gründers setzt beim Gemälde-Umzug weiter auf den Masterplan. Berliner Morgenpost. Berlin, 23 fev. 2014.
RUSCH, Hilke. Unser koloniales Erbe. Die Tageszeitung. Berlin, 17 dez. 2014
SCATURRO, Michael. Berlin's rebuild Prussian palace to address long-ignored colonial atrocities. The Guardian. Londres, 18 maio 2015.
SCHULZ, Bernhard. Weder Schloss noch Humboldt-Forum. Der Tagesspiegel. Berlin, 16 set. 2010.
SCHULZ, Bernhard. Propagandistischer Pulverdampf. Der Tagesspiegel. Berlin, 09 dez. 2013.
SEEWALD, Berthold. "Die Museumsinsel wird wie das Forum Romanum". Die Welt. Berlin, 28 fev. 2008.
WALDE, Gabriela; WULFF, Matthias. Das Berliner Stadtschloss könnte im Dezember Richtfest feiern. Berliner Morgenpost. Berlin, 12 out. 2014.
WOELLER, Marcus. Neues aus dem Humboldt Lab. Berliner Morgenpost. Berlin, 14 mar. 2013.
ZIMMERER, Jürgen. Humboldt Forum: Das koloniale Vergessen. Eurozone. 15 jul. 2015.

Conclusão

DE MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. "A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento)." Anais do Museu Paulista 1.1 (1993): 207-222.
HERNÁNDEZ MARTÍNEZ, Ascensión. La clonación arquitectónica. Madrid: Ediciones Siruela, S.A.,2007.
HERNÁNDEZ MARTINEZ, Ascensión. "A la búsqueda (imposible) del tiempo perdido… Reflexiones en torno a la "reconstrucción idéntica" definida por Paul Philippot". in: Conversaciones… con Paul Philippot, Revista Conversaciones, México, jun. de 2015.
JORDAN, Jennifer A. Structures of Memory: Understanding Urban Change in Berlin and Beyond. Stanford: Stanford University Press, 2006.

LADD, Brian. The Ghosts of Berlin. The University of Chicago Press, Chicago: 1997.
LEHMANN, Klaus-Dieter. Ein Haus voller Welt für die Welt. Der Tagesspiegel. Berlin, 19 maio 2015.
NEATE, Rupert. Berlin's 'poor but sexy' appeal turning city into European Silicon Valley. The Guardian. Londres, 3 jan. 2014.
OLTERMANN, Philip. Unaffordable cities: berlin the renters' heaven hit by fog of eco-scams. The Guardian. Londres, 11 fev. 2014.
Press and Information Office of the Federal State of Berlin. Berlin - A success story: Facts. Figures. Statistics. Berlin, verão de 2014.
SCATURRO, Michael. Berlin's rebuild Prussian palace to address long-ignored colonial atrocities. The Guardian. Londres, 18 maio 2015.
SCHAPER, Rüdiger. "Erst meckern, dann staunen. Das ist Berlin." Der Tagesspiegel. Berlin, 13 nov. 2014.
SCHAPER, Rüdiger. Alles unter einer Kuppel. Der Tagesspiegel. Berlin, 12 jun. 2015.
TZORTZIS, Andreas. Berlin's Post-Wall Master Builder Retires. The New York Timer. New York, 27 set. 2006.
VIVIO, Beatriz. Reconstrução no Pós-Guerra e Reintegração Arquitetônica. in: KÜHL, Beatriz Mugayar. Seminário de estudos sobre restauração arquitetônica: "Temas recentes no restauro na Itália", FAU - Maranhão. Revista Pós - n. 27, pp. 217 - 230. (2010)

Referências de imagens

De Castelo a Palácio

(p. 16) Autor desconhecido. Auffzuge Vndt ring rennen so gehalten Worden nach des Churfursten Von Brandenburg Kindtauffen Zu Collen an der Spree Vom ii bis 15 Nouemb: 92 Seindt durch die Zieffern erkleret, 1592/1593; Radierung. Universitätsbibliothek Erlangen-Nürnberg; Einblattdruck mit der Signatur A III 8.

(p. 19) Johann Gregor Memhardt. Grundriss der beyden Churf. Residentz Stätte Berlin und Cölln an der Spree. Reprint Verein f. d. Geschichte Berlin 1888.

(p. 21) Johann David Schleueun. Aus Schleuens Berliner Plan von 1757 entnommen. Zentral- und Landesbibliothek Berlin.

(p. 22) Autor desconhecido. Schloßmuseum / Stadtschloss Berlin. Leporello Berliner Schloss,.

(p. 24) Autor desconhecido. "Die Berliner Stadtmitte am Kriegsende 1945". Förderverein Berliner Schloss e. V.

(p. 26 e 27) Istvan. Der Palast der Republik in der DDR (Ost-Berlin) im Jahr 1977.

O caminho da reconstrução

(p. 36 e 37) Hansa Luftbild AG. Luftbilder von Berlin, 1928. Berliner Senatsverwaltung für Stadtentwicklung und Umwelt.

(p. 38 e 39) Google Maps. Foto de satélite de Berlim.

(p. 42 e 43) FkMohr. Schloss-Simulation von der Schlossbrücke in Berlin-Mitte.

(p. 48 e 49) Agadez. Palast der Republik - Großer Saal beim Abriss.

(p. 51) Michael Frey. Palast der Republik - "Zweifel".

(p. 53) Carsten Koall/Visum. Schlossherr. Wilhelm von Boddien, 71, kämpft seit Jahren für das Humboldtforum. Der Tagesspiegel.

(p. 55) Adamantios. The palace of the (DDR) republic (Palast der Republik), Berlin, Germany.

(p. 56 e 57) Anonyme Mitte Berlin. Sem título.

O concurso

(p. 63) Bundesministerium für Verkehr, Bau und Stadtentwicklung. Auslobungstext.

(p. 70) dapd. Franco Stella. Berliner Zeitung.

O projeto vencedor

(p. 72) Torsten Seidel. Federal Office for Building and Regional Planning.

(p. 74) Berlin Palace—Humboldt Forum Foundation/Franco Stella.

(p. 77) Berlin Palace—Humboldt Forum Foundation/Franco Stella.

(p. 78 e 79) Berlin Palace—Humboldt Forum Foundation/Franco Stella.

(p. 81) Berlin Palace—Humboldt Forum Foundation/Franco Stella.

(p. 82) Berlin Palace—Humboldt Forum Foundation/Franco Stella.

(p. 85) Yale School of Architecture. Hans Kollhoff, William B. and Charlotte Shepherd Davenport Visiting Professor.

(p. 88 e 89) Gryffindor. Schlossplatz in Berlin, 2009.

(p. 94) dalbera. The Humboldt-Box building, Berlin, in Summer.

(p. 97) Taxiarchos228. Berlin: Musterfassade des Stadtschlosses.

(p. 100 e 101) Veranstaltungsservice GmbH Berlin. Berliner Stadtschloss, Grundsteinlegung.

(p. 104) dpa. Manfred Rettig. rbb|24
(p. 108 e 109) Veranstaltungsservice GmbH Berlin. Berliner Stadtschloss, Richtfest.
(p. 114 e 115) Martin Chadwick. Berliner Schloss, Mai 2016.

O Humboldt-Forum

(p. 116) Maximilian Meisse. Museen Dahlem. Staatliche Museen zu Berlin.
(p. 120) Franz Krüger. Wilhelm von Humboldt, German government functionary, diplomat, philosopher, 1767-1835. Humboldt Universität.
(p. 122) Karl Joseph Stieler. Alexander von Humboldt, 1843. Schloss Charlottenburg.

Anexos

(p. 145 a 159) Berlin Palace—Humboldt Forum Foundation/Franco Stella.